

JOÃO MANUEL PIRES DA SILVA E ALMEIDA VELOSO

Professor Auxiliar

(Contratado em Funções Públicas por Tempo Indeterminado)

da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

(Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos,

Secção de Linguística)

**RELATÓRIO SOBRE A UNIDADE CURRICULAR DE
*ESTRUTURAS FONOLÓGICAS E MORFOLÓGICAS DO PORTUGUÊS***

(Apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto
como requisito parcial para a obtenção do título de

Agregado em Linguística

– Decreto-Lei n.º 239/2007,

19.06.2007,

DR, I Série, n.º 116,

art.º 5.º, alínea b),

art.º 8.º, n.º 2, alínea b))

PORTO

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Fevereiro de 2010

ÍNDICE

Principais abreviaturas e convenções seguidas no texto.....5

INTRODUÇÃO.....7

PRIMEIRA PARTE: Considerações prévias acerca da unidade curricular de *Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português* e do seu enquadramento geral

1. Breve apresentação da unidade curricular de <i>Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português</i>	15
1.1. Inserção curricular da disciplina de <i>Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português</i> nos cursos de licenciatura da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.....	15
1.2. Identificação das principais áreas temáticas abordadas pela disciplina de <i>Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português</i>	17
1.3. Motivação da escolha da disciplina de <i>Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português</i> para a elaboração deste relatório.....	18
1.4. Breves considerações sobre o ensino da linguística em licenciaturas partilhadas com outras áreas.....	21
1.4.1. As disciplinas de linguística e o desenvolvimento de conhecimentos aprofundados sobre a estrutura da(s) língua(s) e de competências metodológicas avançadas no domínio do raciocínio científico.....	25
1.4.2. As disciplinas de linguística e o desenvolvimento de competências profissionalizantes no domínio do ensino de línguas.....	31
2. Enquadramento histórico: o ensino e a investigação em linguística na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.....	37
2.1. Licenciaturas em Línguas e Literaturas Modernas, de 1977 a 1987: <i>Fonética e Morfologia do Português</i> (disciplina anual).....	38
2.2. Licenciaturas em Línguas e Literaturas Modernas – Ramos Educacional, Científico e de Tradução, de 1987 a 2002: <i>Linguística Portuguesa I</i> (disciplina anual).....	42
2.3. Licenciaturas em Línguas e Literaturas Modernas, regime semestralizado, de 2003 a 2007: <i>Linguística Portuguesa III, Linguística Portuguesa IV e Fonética, Fonologia e Morfologia do Português</i> (disciplinas semestrais).....	43
2.4. Licenciaturas decorrentes do “Processo de Bolonha”, a partir de 2007 (Ciências da Linguagem; Línguas, Literaturas e Culturas; Estudos Portugueses e Lusófonos): <i>Fonética, Fonologia e Morfologia e Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português</i>	48
2.5. Cursos de pós-graduação.....	49
2.6. Considerações finais.....	52

SEGUNDA PARTE: *Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português*: Uma proposta desenvolvida de trabalho

3. Considerações preliminares sobre a proposta central deste relatório.....	59
3.1.Princípios gerais da proposta desenvolvida nos capítulos seguintes	59

3.2. Breve definição de partida dos diversos perfis de estudantes que frequentam a unidade curricular de <i>Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português</i> em termos de formação linguística prévia.....	61
3.3. Planeamento <i>vs.</i> concretização do projecto curricular apresentado neste relatório.....	66
4. Objectivos da disciplina.....	67
5. Programa da disciplina.....	91
5.1. Justificação prévia.....	91
5.2. Proposta de programa para a unidade curricular (semestral) de <i>Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português</i>	95
5.3. Considerações sobre o programa proposto para a unidade curricular de <i>Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português</i> e algumas primeiras indicações metodológicas Sobre a sua implementação em aula.....	103
6. Bibliografia.....	115
7. Planificação das aulas.....	137
7.1. Apresentação geral da planificação proposta.....	137
7.2. Distribuição das matérias a explorar pelas 15 semanas lectivas do semestre.....	141
7.3. Exemplos de exercícios para resolução nas aulas práticas e de temas de desenvolvimento para estudo individual.....	155
7.4. Textos propostos para os trabalhos de leitura orientada/discussão nas sessões de orientação tutorial.....	171
8. Métodos de trabalho a desenvolver na disciplina.....	177
9. Modelo de avaliação.....	181
9.1. Avaliação distribuída.....	182
9.2. Avaliação final.....	189
TERCEIRA PARTE: Observações finais	
Observações finais.....	191

PRINCIPAIS ABREVIATURAS E CONVENÇÕES SEGUIDAS NO TEXTO

Abreviaturas

AFI	<i>Alfabeto Fonético Internacional</i>
CLUP	<i>Centro de Linguística da Universidade do Porto</i>
ECTS	<i>European Credit Transfer and Accumulation System</i>
EFMP	<i>Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português</i>
EPL	<i>Estudos Portugueses e Lusófonos</i>
FCT	<i>Fundação para a Ciência e a Tecnologia</i>
FFMP	<i>Fonética, Fonologia e Morfologia do Português</i>
FLUP	<i>Faculdade de Letras da Universidade do Porto</i>
FMP	<i>Fonética e Morfologia do Português</i>
LLC	<i>Línguas, Literaturas e Culturas</i>
LLM	<i>Línguas e Literaturas Modernas</i>
OT	<i>orientação tutorial</i>
SPE	<i>The Sound Pattern of English</i> (Chomsky & Halle 1968)
UC	<i>unidade curricular</i>
UP	<i>Universidade do Porto</i>

NB: Excluem-se desta chave as abreviaturas de uso mais corrente.

Convenções

Transcrição fonética e transcrição fonológica

As transcrições fonéticas serão sempre apresentadas entre parênteses rectos e recorrendo estritamente aos símbolos e convenções do Alfabeto Fonético Internacional na versão publicada em International Phonetic Association. 1999. *Handbook of the International Phonetic Association. A Guide to the Use of the International Phonetic Alphabet*. Cambridge: Cambridge University Press.

As transcrições fonológicas, recorrendo aos mesmos símbolos, serão apresentadas entre barras oblíquas.

Nomes de línguas e de disciplinas científicas

Os nomes de línguas e de disciplinas científicas serão grafados com minúscula inicial.

Nomes de cursos e de unidades curriculares

Os nomes de cursos serão grafados em tipo redondo; os nomes de unidades curriculares serão escritos em itálico.

Referências bibliográficas

As referências correspondentes a cada capítulo serão indicadas no final desse capítulo, em seção não numerada à parte.

Quando, a respeito de uma referência bibliográfica, for indicada uma tradução, reedição ou reimpressão, esta indicação significa que a edição usada na preparação do trabalho foi a especificada, mesmo que, no corpo do texto e nas entradas da lista alfabética das referências bibliográficas, se refira geralmente a edição original, por uma questão de contextualização histórica da obra em causa.

INTRODUÇÃO

Este relatório destina-se a cumprir o requisito exigido pelo artigo 5º, alínea b), do Decreto-Lei nº 239/2007, de 19 de Junho, ou seja, é redigido e apresentado para discussão pública no âmbito das provas académicas para obtenção do título de agregado. No caso vertente, é apresentado à Universidade do Porto para obtenção do título de agregado em Linguística.

A unidade curricular sobre que incide o relatório é a disciplina de *Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português*, incluída no plano curricular de diversos cursos de licenciatura oferecidos presentemente pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Sendo a sua discussão em provas públicas de agregação o desígnio formal deste documento, o relatório cumpre simultaneamente, do ponto de vista substancial, a função de contribuir para uma reflexão (auto)crítica: (i) sobre o trabalho docente desenvolvido pelo autor nesta e noutras disciplinas da sua área científica (dado que esta unidade curricular se insere num quadro institucional e histórico mais amplo no qual o autor tem participado há vários anos, colhendo dessa participação ensinamentos aplicados transversalmente na docência de várias disciplinas); e (ii) sobre o desenvolvimento futuro dessa experiência adquirida.

Por outras palavras: este relatório parte, de forma determinante, de trabalho efectivamente realizado e de experiência adquirida ao longo de vários anos lectivos; concomitantemente, com base numa reflexão acerca desse trabalho e dessa experiência, é sistematizada uma proposta de planeamento e execução de conteúdos, procedimentos e actividades inseridas na disciplina de *Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português*.

O relatório divide-se em três partes, como passamos a explicar.

Na I Parte, que engloba os capítulos 1 e 2, reunimos um conjunto de reflexões gerais que, em grande medida, podem não ter a ver directamente com o planeamento concreto do trabalho a desenvolver na disciplina de *Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português*. No capítulo 1, são tecidas considerações preliminares que integram esta disciplina nos correspondentes planos curriculares da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e que identificam os principais vectores temáticos trabalhados. Nesse capítulo, são ainda aprofundados alguns argumentos sobre o papel do ensino da linguística a estudantes inscritos em cursos superiores em que esta não é a única área científica, nem, necessariamente, a área científica predominante. Com efeito, pensamos que um correcto planeamento do ensino oferecido aos estudantes da disciplina (bem como aos estudantes de qualquer outra disciplina da área científica da linguística) só poderá ser bem sucedido se, à partida, houver uma consciência explícita e clara das razões pelas quais se opta pela manutenção desta área como um domínio científico integrado nos vários planos de estudo em que ela se encontra presente. No capítulo 2, é traçado um quadro sumário da inserção histórica desta disciplina (e da linguística em geral) no ensino e na investigação praticados na FLUP ao longo das várias fases da sua existência, por considerarmos que esse percurso poderá explicar, até certo ponto, não só o lugar reservado à linguística nos diversos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade, como também algumas características que consideramos distintivas desse ensino, tais como a abrangência, a pluralidade, a exigência e a profundidade das matérias e das áreas disciplinares contempladas.

Transparece das observações antecedentes – e tornar-se-á patente no desenvolvimento do relatório – que a análise que fazemos da articulação da disciplina de *Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português* com outras unidades curriculares da Faculdade de Letras da Universidade do Porto não pode restringir-se de forma estanque à reflexão sobre a presença

das principais áreas contempladas pelo programa desta disciplina (a fonologia e a morfologia do português, num primeiro plano, e, a um segundo nível, a transcrição fonética, a fonética articulatória e a variação dialectal) na oferta formativa da Faculdade. Tal análise deve estender-se, de forma mais lata, a uma reflexão mais geral sobre a presença de outras áreas da linguística enquanto ciência no plano mais global do ensino e da investigação praticados nesta instituição. É este motivo que explica que a contextualização desenvolvida nos capítulos da I Parte enverede, em certos momentos, pelo campo de uma discussão mais alargada, nomeadamente acerca do estatuto reconhecido à linguística no tocante à formação dos estudantes de vários cursos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, indo tal discussão mais além dos limites mais estritos desta disciplina somente.

A II Parte do relatório (capítulos 3 a 9) constitui a proposta pormenorizada do trabalho a desenvolver no âmbito da unidade curricular de *Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português*, em todas as suas vertentes e tendo sempre em mente as principais reflexões desenvolvidas na I Parte. Algumas considerações preliminares sobre a orientação geral e os fundamentos mais específicos dessa proposta são enunciadas no capítulo 3.

No capítulo 4, são explicitados e desenvolvidos os objectivos que se pretende que os estudantes da disciplina atinjam no final do semestre em resultado da sua participação activa nas aulas e nas restantes actividades previstas, do seu estudo individual e da sua prestação nos momentos de avaliação. A definição dos conteúdos programáticos a abordar, enumerados sob a forma tradicional de um programa universitário, é apresentada, justificada e analisada no capítulo 5. O capítulo 6 é reservado à apresentação crítica da bibliografia que acompanha o programa proposto no capítulo anterior. No capítulo seguinte (capítulo 7), procedemos a uma proposta de planificação das aulas e das actividades com que se pretende dar forma ao trabalho preconizado pelos objectivos e pelo programa apresentados nos capítulos 4 e 5. A descrição e a

discussão dos métodos de ensino e de trabalho a implementar nesta disciplina com vista à consecução de todos os objectivos propostos e ao estudo de todas as matérias contempladas pelo programa terão lugar no capítulo 8. Finalmente, no capítulo 9 procederemos a uma reflexão sobre as modalidades de avaliação a desenvolver nesta disciplina.

O relatório encerra com um capítulo abreviado de observações finais acerca das propostas formuladas nas diversas secções de texto, o qual constitui a III Parte do texto.

A divisão da II Parte do relatório pelos capítulos que a compõem corresponde a uma necessidade “material” de organização e de destriça formal de todas as componentes académicas que lhes correspondem.

Como será salientado em diversos momentos, tais capítulos devem ser lidos de forma interligada. Por exemplo: a formulação do programa proposto no capítulo 5 decorre dos objectivos apresentados no capítulo 4 (sendo estes, por sua vez, largamente inspirados nas reflexões mais gerais encontradas na I Parte); a bibliografia proposta no capítulo 6 é escolhida por ter sido considerada a mais adequada a tais objectivos e a tal programa e por ser a que, em nosso entender, melhor se adequa às características e expectativas dos destinatários da disciplina e ao trabalho delineado principalmente nos capítulos 7 e 8.

Assim, este relatório deve ser visto, no seu todo, como a explicitação de um *projecto* formativo articulado, de nível avançado, destinado a estudantes universitários de linguística (mesmo que não necessariamente inscritos numa licenciatura em Ciências da Linguagem) e inserido no quadro epistemológico da linguística como ciência e na longa tradição de investigação e ensino nesta área no quadro científico-institucional da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Como tal, todas as escolhas e propostas aqui formuladas resultam de um esforço reflexivo aprofundado, crítico e contextualizado que tentou, nos diversos

momentos da elaboração deste documento, inter-relacionar todas as vertentes contempladas no planeamento e na execução de uma unidade curricular universitária pertencente ao domínio da área científica em que se insere.

PRIMEIRA PARTE

Considerações prévias acerca da unidade curricular de

*ESTRUTURAS FONOLÓGICAS
E MORFOLÓGICAS DO PORTUGUÊS*

e do seu enquadramento geral

1. Breve apresentação da unidade curricular de *Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português*

1.1 – *Inserção curricular da disciplina de Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português nos cursos de licenciatura da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*

A disciplina¹ de *Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português (EFMP)* é uma disciplina semestral que faz parte presentemente dos planos de estudos dos seguintes cursos de licenciatura oferecidos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), ocorrendo, nesses cursos, com a seguinte a seguinte integração curricular²:

- licenciatura em Ciências da Linguagem – Variante de Português Língua Não Materna: corresponde a uma **disciplina obrigatória do 2º ano – 2º semestre**;

- licenciatura em Estudos Portugueses e Lusófonos: corresponde a uma **disciplina obrigatória do 2º ano – 2º semestre**;

- licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas (perfis Português e Línguas Clássicas, Português e Língua Estrangeira e Português e Inglês): **ocorre em alternativa à disciplina de Estruturas Sintáticas e Semânticas do Português II, no 3º ano – 2º semestre.**

¹ Ao longo do relatório, por razões meramente estilísticas e ainda que conheçamos a opção oficial consagrada pelo *Glossário Académico da Universidade do Porto* (disponível em http://sigarra.up.pt/up/WEB_BASE.GERA_PAGINA?P_pagina=122256, acessado em 6 de Abril de 2009), usaremos indistintamente as designações *unidade curricular* (a consagrada pelo referido *Glossário*), *disciplina* e (menos frequentemente) *cadeira* como sinónimas entre si.

² Os planos de estudos destas licenciaturas, que especificam a inserção curricular de cada disciplina (determinando não só o semestre curricular a que as disciplinas pertencem mas também a área científica correspondente a cada uma, o número de horas e o tipo de aulas obrigatórias e a creditação de unidades ECTS), encontram-se regulados pelos seguintes diplomas legais:

- Licenciatura em Ciências da Linguagem: Deliberação nº 334/2007, Senado da Universidade do Porto, publicada no *Diário da República*, II Série, nº 39, 23.02.2007 (registo da Direcção-Geral do Ensino Superior nº R/B-Cr 164/2007);

- Licenciatura em Estudos Portugueses e Lusófonos: Deliberação nº 1791-D/2007, Senado da Universidade do Porto, publicada no *Diário da República*, II Série, nº 173, 07.09.2007 (registo da Direcção-Geral do Ensino Superior nº R/B-AD-948/2007);

- Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas: Deliberação nº 177/2007, Senado da Universidade do Porto, publicada no *Diário da República*, II Série, nº 26, 06.02.2007 (registo da Direcção-Geral do Ensino Superior nº R/B-Cr 49/2007).

A disciplina acolhe ainda estudantes de outros cursos que escolhem frequentá-la como disciplina opcional.

À disciplina de *EFMP* cabe, em todos os planos curriculares referidos, a ponderação de 6 créditos ECTS.

De acordo com os regulamentos dos cursos em que se insere esta disciplina, o trabalho exigido a cada estudante inscrito em *EFMP* perfaz um total de **162 horas**³. No ano lectivo de 2009/2010, de acordo com a informação formal dirigida aos estudantes inscritos na cadeira através da plataforma electrónica *SIGARRA* da FLUP, espera-se que essas horas de trabalho se distribuam da seguinte forma⁴:

- Aulas: 56 horas;
- Exame final: 2 horas;
- Exercícios práticos orientados pelo professor: 50 horas;
- Estudo e pesquisa individual: 54 horas.

³ Cf. os diplomas legais citados na nota 2.

⁴ Cf. a informação disponibilizada na ficha de disciplina correspondente à edição de 2009/2010 desta unidade pela plataforma electrónica *SIGARRA* da FLUP:
http://sigarra.up.pt/flup/disciplinas_GERAL_FormView?P_ANO_LECTIVO=2009/2010&P_CAD_CODIGO=CL005&P_PERIODO=2S (acedido em 11 de Setembro de 2009).

1.2 – Identificação das principais áreas temáticas abordadas pela disciplina de Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português

Os dois capítulos centrais do programa de *Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português* são, como decorre da designação oficial desta unidade curricular, a **fonologia** e a **morfologia** do português. Além destas duas áreas centrais, e por razões que serão mais amplamente discutidas no capítulo 5 do relatório, o programa desta disciplina concede ainda importância individualizada às áreas da **transcrição fonética**, da **fonética articulatória** e da **variação dialectal** do português.

Trata-se, portanto, de uma disciplina da área científica da linguística/linguística portuguesa, como tal reconhecida formalmente nos regulamentos legais que se aplicam aos cursos em que se insere⁵.

A disciplina, como se verá no seguimento destas notas, assume um carácter *descritivo*, focalizando-se na explicitação, explicação e discussão das principais propriedades fonológicas e morfológicas da gramática do português; tal esforço descritivo assentará nos pressupostos, princípios, conceitos e metodologias da linguística contemporânea.

⁵ Cf. os diplomas legais citados na nota 2.

1.3 – *Motivação da escolha da disciplina de Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português para a elaboração deste relatório*

Existindo actualmente na FLUP uma licenciatura em Ciências da Linguagem – Variante de Linguística, poder-se-ia esperar que a escolha de uma unidade curricular para a elaboração de um relatório analítico desta natureza recaísse sobre uma disciplina inserida no plano curricular desse curso. Uma primeira razão para tal expectativa poder-se-ia encontrar no facto de as disciplinas pertencentes ao plano curricular dessa licenciatura permitirem, em princípio, um maior aprofundamento de tópicos teóricos de linguística, porventura mais implicados na investigação científica desenvolvida pelos linguistas que exercem docência nessa licenciatura.

No plano curricular da licenciatura em Ciências da Linguagem – Variante de Linguística, insere-se nomeadamente uma disciplina com notáveis afinidades temáticas com o programa de *EFMP* aqui proposto: *Fonologia e Morfologia*, disciplina obrigatória do 2º ano – 1º semestre do referido curso. Esta última disciplina, porém, apresenta diferenças fundamentais relativamente à disciplina de *EFMP*, atribuíveis às diferentes inserções curriculares que lhes cabem e, paralelamente, aos diferentes perfis de alunos⁶ que as frequentam⁷. Na verdade, *EFMP* é aqui apresentada como uma disciplina de **descrição linguística do português**: é uma unidade curricular frequentada essencialmente por estudantes oriundos de planos de estudos onde as disciplinas das áreas da literatura e da cultura são maioritárias e insere-se num curso que tem os estudos portugueses (nas suas várias dimensões, não esgotadas na língua portuguesa) como

⁶ Ao longo do relatório, por razões meramente estilísticas e ainda que conheçamos a opção oficial consagrada pelo *Glossário Académico da Universidade do Porto* (disponível em http://sigarra.up.pt/up/WEB_BASE.GERA_PAGINA?P_pagina=122256, acedido em 6 de Abril de 2009), poderemos esporadicamente utilizar o termo *alunos* (não consagrado pelo referido *Glossário*) para designar os estudantes inscritos numa dada unidade curricular ou curso.

⁷ A este nível, p. ex., parece-nos lícito supor que estudantes provenientes de uma licenciatura em Linguística, frequentando ou tendo frequentado outras disciplinas de linguística em número superior ao das frequentadas por estudantes dos cursos de Línguas, Literaturas e Culturas e de Estudos Portugueses e Lusófonos, manifestariam à partida uma maior inclinação e preparação para as áreas em estudo.

área central. Num sentido diferente desse, a referida disciplina de *Fonologia e Morfologia*, inserida numa licenciatura especializada em linguística, concentrar-se-á mais no estudo dos fundamentos e dos desenvolvimentos da fonologia e da morfologia enquanto ramos da linguística, sendo leccionável, pelo menos até certo ponto, de forma largamente independente de uma só língua e conduzindo, forçosamente, a um aprofundamento das questões teóricas e epistemológicas⁸ não comparável com o que se consegue (ou sequer pretende) alcançar em *EFMP*⁹.

O principal motivo que condicionou a nossa preferência por esta disciplina para a elaboração do presente relatório decorre precisamente dos aspectos implicados nestas observações preliminares. Reflectir sobre ensinar numa disciplina com este enquadramento curricular foi aqui assumido como um estímulo a todo o esforço reflexivo empreendido. Com

⁸ Entendemos por questões teóricas e epistemológicas – exemplificadas como aquelas com maior cabimento, em princípio, nas cadeiras do curso de Ciências da Linguagem e contrapostas às questões “descritivas” – as reflexões acerca de princípios e noções da linguística geral e teórica, largamente independentes da questão da descrição das propriedades estruturais da gramática de uma dada língua. São exemplos dessas questões a discussão em torno da dependência/independência das várias subdisciplinas e domínios de estudo (fonética e fonologia, fonologia e morfologia, linguística e ciências da cognição) ou da natureza lexical ou pós-lexical dos processos fonológicos. No nível de exigência e de complexidade que, em nossa opinião, devem ser respeitadas no ensino universitário – e que procurámos verter para o projecto de disciplina apresentado na II Parte –, consideramos impossível dividir de forma absoluta e definitiva essas duas vertentes ou modalidades de abordagem. A descrição (parcelar) da gramática do português desenvolvida num programa como o aqui apresentado e proposto tomará sempre como ponto de partida os principais avanços e pressupostos teóricos da linguística enquanto ciência. A diferença entre as duas abordagens (teórica *vs.* descritiva) traduz-se sobretudo, em nosso entender, na ponderação concedida a ambas: disciplinas que optem por um pendor mais teórico dedicarão mais tempo e mais atenção à exploração dessas questões por si próprias, servindo-se da gramática de uma ou mais línguas como exemplificação e comprovação das hipóteses teóricas, ao passo que disciplinas mais descritivas assumirão tais hipóteses como pontos de partida, concentrando-se, de forma mais focalizada, nas questões mais estruturais da(s) gramática(s) particular(es) trabalhada(s) em aula.

⁹ A diferença entre estas duas disciplinas enquadra-se assim na diferença entre disciplinas de pendor *predominantemente teórico* e disciplinas de pendor *predominantemente descritivo* a que foi feita referência na nota anterior. Nesta dicotomia, *EFMP* exemplificaria uma disciplina “descritiva” e *Fonologia e Morfologia* exemplificaria uma disciplina “teórica”.

Uma outra diferença relativamente aos objectivos e conteúdos das duas disciplinas relaciona-se com a presença da fonética nos respectivos programas. Uma vez que a disciplina de *Fonologia e Morfologia* da licenciatura em Ciências da Linguagem – Variante de Linguística é frequentada por estudantes que, no semestre anterior, frequentaram a disciplina semestral de *Fonética*, na qual são aprofundados tópicos de fonética articulatória, acústica e perceptiva, se leva à prática o treino de técnicas básicas de fonética laboratorial e de transcrição fonética e se procede à exploração da questão da variação dialectal em português, estes assuntos não são contemplados (contrariamente ao que se passa com o programa de *EFMP*, destinado a estudantes sem essa formação curricular prévia) pelo programa de *Fonologia e Morfologia*. Este último torna-se assim mais disponível para a exploração teórica de tópicos ausentes do programa de *EFMP* e para um maior aprofundamento ou um diferente enquadramento dos tópicos partilhados pelas duas unidades curriculares.

efeito, se bem que ensinar linguística a estudantes de uma licenciatura em Linguística nos tivesse porventura permitido avançar em tópicos de maior complexidade teórica, tal opção não nos teria confrontado com a necessidade de uma interrogação tão profunda, como aquela que aqui pretendemos encetar, acerca da articulação desta área científica com outras e das necessárias adaptações que esta situação acarreta ao nível da definição de conteúdos, métodos de ensino e procedimentos de motivação dos estudantes.

Tal questionamento estará ainda presente na definição de opções e procedimentos que propomos no sentido da motivação dos estudantes para esta área científica, de acordo com o exposto nos capítulos da II Parte. A este propósito, desde já se afirma a valorização que este último aspecto assume como orientação geral das propostas desenvolvidas e defendidas no projecto curricular delineado no presente relatório.

1.4 – Breves considerações sobre o ensino da linguística em licenciaturas partilhadas com outras áreas

Como já foi referido, a Faculdade de Letras da Universidade do Porto oferece, desde o ano lectivo 2007/2008, uma licenciatura em Ciências da Linguagem, dividida em duas variantes (Linguística e Português Língua Não Materna)¹⁰. Esta licenciatura, especializada no estudo aprofundado das várias subdisciplinas que constituem a sua área científica central (a linguística), cria condições muito particulares ao ensino da linguística na FLUP. Uma dessas particularidades foi referida na secção anterior: a expectativa de que os seus estudantes se apresentem à partida mais motivados do que os estudantes de outras licenciaturas para o estudo de temas linguísticos, reforçada ainda pelo facto de tais estudantes frequentarem um número de disciplinas de linguística superior ao das disciplinas de linguística frequentadas por estudantes de outras licenciaturas. Em consequência, e conforme dissemos já, é legítimo também esperar que, no âmbito das disciplinas do curso de Ciências da Linguagem – Variante de Linguística, seja possível abordar temas mais complexos e tratá-los do ponto de vista teórico e descritivo de forma mais aprofundada do que a verificada nos restantes cursos de licenciatura.

A par dessa situação, a linguística continua a ser parte integrante das componentes científicas em torno das quais se estruturam outras licenciaturas oferecidas pela FLUP, como se torna especialmente patente nas licenciaturas em que se integra a disciplina de *EFMP*: Línguas, Literaturas e Culturas, Ciências da Linguagem – Variante de Português Língua Não-Materna e Estudos Portugueses e Lusófonos.

¹⁰ Cf. o diploma legal que cria este curso, citado na nota 2.

A presença de determinadas áreas científicas em cursos que não as têm como áreas únicas ou dominantes encontra um paralelo frequente em vários domínios do saber. A este propósito, lembramos a transversalidade de áreas “clássicas” do saber científico, como a matemática e a química, cuja presença curricular, nas suas diversas subdisciplinas, se verifica, naturalmente, nas licenciaturas em Matemática e em Química, mas que se verifica também noutras licenciaturas (Engenharia, Medicina, Física, Biologia, etc.), onde são entendidas como áreas do saber com um interesse instrumental indispensável para a aquisição dos conhecimentos específicos desses mesmos cursos.

São conhecidos exemplos de licenciaturas que, até determinada época histórica, oferecem formação central em duas ou mais áreas e que, em função de diversas causas, se cindem posteriormente em cursos subdivididos de acordo com essas ramificações. Brito (2001: 23), reflectindo acerca da possibilidade de criação de uma licenciatura em Linguística na Universidade do Porto ainda antes da criação da actual licenciatura em Ciências da Linguagem da FLUP, inventaria alguns destes exemplos:

“Na verdade, o progresso científico nalgumas áreas e o avanço de conhecimentos pode justificar, em determinados momentos históricos, a criação de cursos que em décadas anteriores podiam não ter razão de ser. Veja-se o caso das Ciências Físico-Químicas, hoje separadas em dois cursos distintos; outro exemplo: há algumas décadas existia um único curso, Histórico-Filosóficas: actualmente, estão disponíveis cursos de História, de Filosofia, de Ciências do Património.”

(Brito 2001: 23)

Como foi afirmado no início desta secção, a inauguração, na FLUP, do ensino especializado da linguística logo a partir do primeiro ciclo dos estudos universitários, adveniente da criação da licenciatura em Ciências da Linguagem, não implicou que esta área científica tivesse sido excluída dos planos curriculares de outras licenciaturas, nomeadamente daquelas que historicamente têm sido, desde os cursos de Filologia oferecidos no início do século XX pela mesma Faculdade (vd. cap. 2), cursos com uma presença importante desta área: os cursos que integram as áreas da linguística, da literatura e da cultura, com especial destaque para os cursos com uma componente forte de Português e associados de forma determinante (mas não exclusiva) a futuros perfis profissionais relacionados com o ensino de línguas (materna e/ou não-maternas)¹¹.

O ensino da linguística integrado numa licenciatura como Ciências da Linguagem – Variante de Linguística ou numa das licenciaturas em que se insere a disciplina de *EFMP* responde, efectivamente, a particularidades diferentes, como já se afirmou. Destinando-se a públicos diferentes, com formações e expectativas diferenciadas, essas duas modalidades de ensino da linguística seguirão percursos distintos e adoptarão fórmulas diversas.

¹¹ Cf. ainda as seguintes palavras de Brito (2001), pondo em relevo aspectos bastante positivos, historicamente verificados, desta proximidade entre a linguística e outras áreas curriculares na estruturação tradicional de diversos planos de estudos em vigor em Portugal ao longo de diversas épocas: “Os planos de estudos dos cursos de Línguas e Literaturas Modernas com a componente de Português contemplam, desde há várias décadas, muitas [...] áreas da Linguística [...] Se compararmos os nossos planos de estudo com os de faculdades similares de muitos outros países, como a França, a Inglaterra, a Alemanha, por exemplo, damos-nos conta de que o papel da Linguística na formação dos estudantes das Faculdades de Letras portuguesas é até extremamente favorável; e não é por acaso que a comunidade linguística portuguesa, saída em grande parte desses cursos, é hoje relativamente numerosa e extremamente produtiva.” (Brito 2001: 22).

Dado que a disciplina de *EFMP* se insere precisamente, como já foi explicitado, em cursos em cujos planos curriculares a linguística acompanha outras áreas, deter-nos-emos agora sobre as especificidades implicadas nesta realidade.

Discutiremos assim aqueles que são, em nosso entender, os principais argumentos que justificam a inserção curricular desta disciplina (e, a um nível mais amplo, da área científica a que ela pertence) nos cursos de licenciatura em causa. De entre tais argumentos, realçamos, neste momento, os seguintes.

1) As licenciaturas em que *EFMP* se insere são licenciaturas que, mesmo não fazendo da linguística ou da linguística portuguesa a sua área nuclear, pretendem conferir aos seus estudantes **conhecimentos aprofundados de língua portuguesa**. Este objectivo não dispensa, naturalmente, uma exploração sólida, rigorosa e abrangente das estruturas da língua, baseada nos conhecimentos e nos métodos desenvolvidos pela linguística enquanto ciência, nem a familiarização dos estudantes com a bibliografia fundamental de linguística portuguesa nos seus diversos domínios de análise.

2) A linguística pode criar junto dos seus estudantes capacidades e competências ímpares a nível do **pensamento analítico**, o que lhe confere um lugar privilegiado no domínio do treino metodológico e intelectual.

3) Tendo as licenciaturas em que esta disciplina se insere a possibilidade de conferir aos seus estudantes **habilitação para a docência de línguas** (materna e/ou não-maternas) – ainda que esta componente “profissionalizante” não seja a única de tais cursos –, a área da linguística torna-se imprescindível enquanto domínio verdadeiramente único no tocante ao desenvolvimento da consciência explícita das propriedades e das estruturas da língua, absolutamente necessária ao exercício do ensino.

Desenvolveremos, de seguida, algumas breves considerações sobre estes três argumentos¹².

1.4.1 – As disciplinas de linguística e o desenvolvimento de conhecimentos aprofundados sobre a estrutura da(s) língua(s) e de competências metodológicas avançadas no domínio do raciocínio científico

Relativamente ao papel das disciplinas de linguística enquanto fonte de conhecimentos aprofundados, de natureza científica, sobre as estruturas das línguas e, simultaneamente, enquanto fonte de treino metodológico de capacidades de raciocínio objectivo e analítico, conforme referido nos pontos 1) e 2) *supra*, voltamos a citar o texto de Brito (2001) anteriormente mencionado. O excerto seguinte distingue, a este propósito, o papel *informativo* e o papel *formativo* das disciplinas de linguística.

¹² Como afirmámos na Introdução, estas observações, em rigor, não se restringem unicamente à articulação de *EFMP* com as restantes unidades curriculares dos cursos em que se insere; pelos motivos aí invocados, esta discussão poderia situar-se, neste momento, num plano mais abrangente do que esse.

Por outro lado, não nos deteremos, neste relatório, sobre um tópico que, pelas implicações que encerra para a definição desta disciplina, poderíamos todavia aqui aprofundar: o do interesse de um estudo linguístico intimamente associado ao estudo literário. Textos como Fonseca (1993) espelham esse entendimento, enfatizando que um conhecimento explícito aprofundado das estruturas da língua contribui de forma determinante para a capacidade de leitura dos textos literários (ao mesmo tempo que defendem que um conhecimento aprofundado dos usos literários permite um aprofundamento do conhecimento das estruturas linguísticas). Perfilhamos, ao longo de todo o relatório, a ideia de que é possível estudar linguística, nas suas áreas descritivas “centrais” (como a fonologia e a morfologia), independentemente da aplicação de tal estudo a qualquer domínio (como, entre outros, o da análise literária). Tais aplicações deverão ser postas em evidência, em primeiro lugar, pelos respectivos especialistas, justamente em função do interesse e da necessidade que souberem reconhecer aos estudos linguísticos. Assim, ainda que aqui resida um possível argumento suplementar, que não desvalorizamos, em favor da presença da linguística em cursos de pendor “literário”, abdicamos de uma discussão desenvolvida do tópico, por considerarmos que ela cabe, em primeira instância e conforme dissemos, aos especialistas da área da literatura.

“Na verdade, a Linguística é um domínio do saber que abrange diversas áreas, que tentam responder a inúmeras e difíceis perguntas: o que são os sons de uma língua e como se organizam? O que é uma palavra e como é que em cada língua se formam palavras? O que é uma frase? O que é o significado de uma palavra e de uma frase? [.....] Mas outras questões não menos importantes se podem colocar: em que medida o que sabemos acerca do funcionamento das línguas é útil para o ensino da língua materna? E para o ensino de uma segunda língua? E de que modo os conhecimentos linguísticos influenciam a teoria e a prática da tradução?

[.....]

A presença nos planos de estudos dos cursos de Línguas e Literaturas Modernas de disciplinas de Linguística justifica-se assim pelo interesse das matérias que nelas podemos debater; mas, além desta preocupação informativa, a Linguística tem inequivocamente um papel formativo, pelas metodologias utilizadas, de observação de dados, de procura de regularidades, de formulação de generalizações e, quando possível, de hipóteses explicativas.”

(Brito 2001: 22)

Julgamos lícito identificar o “papel informativo” referido pela autora com o argumento acima encontrado em 1) (a linguística como fonte de conhecimento das estruturas de uma ou mais línguas – no caso de *EFMP*, como fonte de conhecimento acerca das componentes fonológica e morfológica da gramática do português) e o “papel formativo” com o argumento encontrado em 2) (o treino metodológico tornado possível pelo estudo da linguística).

Na concepção do projecto curricular apresentado na II Parte do relatório, foi nosso propósito salvaguardar esta dupla função do ensino da Linguística no âmbito da disciplina de *EFMP*. Tentámos, assim, propor uma unidade curricular que respeitasse a dimensão informativa, através de uma disciplina que se detivesse pormenorizadamente sobre aspectos fundamentais do português. Paralelamente, tentámos que, nesta disciplina, o “papel formativo” da linguística se tornasse evidente no tipo de actividades propostas no âmbito da unidade curricular em apreço. Assim, procurámos desenvolver nos estudantes o tipo de raciocínio implicado no treino intelectual e metodológico aqui referido: um raciocínio analítico e reflexivo, capaz de levar os alunos a observar dados com objectividade, a formular hipóteses, a testá-las e

discuti-las, a extrair regularidades, a formalizar propriedades, a explicitar processos, etc. Este tipo de competências é treinado de forma muito estruturada, por exemplo, em exercícios como a formulação de regras generativas, a reconstituição de formas subjacentes, a análise morfológica de palavras, a identificação e categorização de variantes de fonemas e de morfemas da língua, a análise silábica de palavras, a discussão da aplicação ou do bloqueio de certos princípios prosódicos em determinados constituintes fonológicos, a identificação de fenómenos fonéticos presentes em produções linguísticas concretas, a sistematização e categorização de fenómenos de variação linguística, a problematização de certas noções descritivas ou teóricas ou o confronto de interpretações diversas para os mesmos fenómenos gramaticais, para citar apenas aqueles em que o referido objectivo se torna mais relevante e de identificação mais imediata. No seu conjunto, estas “competências” – intensivamente trabalhadas ao longo do semestre – contribuirão para aumentar a consciência explícita dos estudantes acerca da sua língua, com especial destaque para os domínios da morfologia e da fonologia, naturalmente, e para desenvolver as suas capacidades analíticas e reflexivas, que pressuporão necessariamente o estabelecimento de hábitos de trabalho disciplinado e de rigor metodológico que poderão revelar-se porventura úteis também noutros domínios de estudo.

Em cursos como Línguas, Literaturas e Culturas e Estudos Portugueses e Lusófonos, bem como na variante de Português Língua Não Materna da licenciatura em Ciências da Linguagem, as duas funções referidas parecem-nos caber de forma muito determinante às disciplinas de linguística.

Relativamente à dimensão formativa das disciplinas de linguística nos moldes que acabamos de referir, invocaremos ainda alguns argumentos adicionais¹³:

- os propósitos explícitos de “cientificidade” assumidos inequivocamente por certos textos fundadores como, significativamente, o *Cours de linguistique générale*, de Saussure (1916)¹⁴;

- o cruzamento da linguística com outras áreas científicas, como a sociologia, a neurologia, a psicologia, a fisiologia e a física, em disciplinas como a sociolinguística, a neurolinguística, a psicolinguística e a fonética, onde o recurso às metodologias quantitativas e às técnicas de tipo experimental, laboratorial e/ou instrumental são fundamentais para a obtenção de conhecimento;

- o posicionamento assumidamente “naturalista”, encontrado sobretudo (mas não exclusivamente) no campo da linguística generativa, segundo o qual a linguística se ocupa de um objecto do mundo “natural” (Chomsky 1975: 9; 1978: 199; 1984: 16; 1986: 22, 46; 1988: 4; Halle 1990: 65; Raposo 1992: 26; Pinker 1994: 18-19; Miguens 1997: 389, 394; 1999: 337; Fromkin & Rodman 1993: 12-13);

- os domínios de aplicação da linguística nos campos da tecnologia, das perícias forenses, da clínica, da educação, da constituição de *corpora* automáticos, entre outros (cf., entre outros, Payrató (1998), Crystal (2001), Gee (2001), Shuy (2001) e Sproat, Samuelsson, Chu-Carroll & Carpenter 2001), requerendo uma multiplicidade de modos de pensamento e de

¹³ Lembremos, a este propósito, o epíteto de que a linguística gozou durante as primeiras décadas da segunda metade do século XX – “ciência-piloto das ciências humanas” (cf., p. ex., a epígrafe encontrada em Mounin 1968: 7) –, que vincava o carácter pretensamente singular deste campo disciplinar enquanto abordagem “científica”, aproximável dos modelos de raciocínio objectivo, racional, explícito e quantitativo típico das ciências “naturais” (Lakatos & Marconi 1991: 24, 81).

¹⁴ Este propósito “cientificizador” da linguística é encontrado logo no *incipit* da obra programática de Saussure (1916): “La **science** qui s’est constituée autour des faits de langue a passé par trois phases successives avant de reconnaître son véritable et unique objet.” (Saussure 1916: 13; negrito nosso). Esta concepção é retomada noutras passagens da obra (cf., entre outras, Saussure 1916: 14, 36).

Cf. ainda, para outras reflexões menos recentes acerca deste tema, os textos de Whorf (1940a; 1940b).

investigação que ultrapassam largamente os tradicionalmente usados nos chamados “estudos humanísticos”;

- a utilização, mais evidente em certos subdomínios, de técnicas de análise quantitativa e estatística de dados e resultados obtidos em trabalho experimental, empírico e/ou de campo (cf., a título de exemplo, as obras de Hockett (1967), Partee (1978), Hatch (1982), Woods, Fletcher & Hughes (1986), Martín-Vide & Mitrana (2000), Baayen (2008), Kornai (2008) e Gries (2009), que exploram a aplicação dos métodos quantitativos (matemáticos e estatísticos) à análise linguística).

Assim, reiteramos o ponto de vista anteriormente expresso segundo o qual as disciplinas da área científica da linguística cumprem, nos cursos em que se insere a unidade curricular de *EFMP*, um papel muito importante e mesmo único na familiarização dos estudantes – que contactam, no seu percurso académico, fundamentalmente as disciplinas da área humanística – com métodos de pensamento e metodologias de análise e de exposição de raciocínios que se aproximam, de certa forma, dos modos de raciocínio e de exposição rigorosa e quantificada de ideias perfilhados pelas ciências naturais, exactas e formais (adoptando a divisão clássica dos ramos do conhecimento que encontramos, p. ex., em Lakatos & Marconi 1991: 24¹⁵).

No planeamento da unidade curricular de *EFMP* que será apresentado na II Parte deste relatório, teremos esta particularidade em mente e assumimo-la mesmo como um dos objectivos a atingir no trabalho com os estudantes. Os seguintes excertos de Angier (2008) – que cita conhecidos cientistas que definem a ciência não só como um conjunto de

¹⁵ Segundo as autoras citadas, é possível estabelecer uma distinção epistemológica entre estas ciências assente nos diferentes métodos de estudo seguidos (Lakatos & Marconi 1991: 81).

conhecimentos racionalmente atingidos e armazenados mas, antes de mais, como uma forma de pensamento e de atitude permanente que permite uma constante reformulação do conhecimento a partir do espírito crítico, da fundamentação rigorosa e da análise racional e objectiva da realidade – ilustram, de forma que consideramos plenamente adequada, o tipo de atitude que pretendemos inculcar nos estudantes que se aproximam dos tópicos explorados ao longo do semestre na cadeira em apreço.

“Science is not a body of facts. Science is a state of mind. It is a way of viewing the world, of facing reality square on but taking nothing on its face. It is about attacking a problem with the most manicured of claws and tearing it down into sensible, edible pieces.

Even more than the testimonials to the fun of science, I heard the earnest affidavit that science is not a body of facts, it is a way of thinking. I heard these lines so often they began to take on a bodily existence of their own.

«Many teachers who don't have a deep appreciation of science present it as a set of facts,» said David Stevenson, a planetary scientist at Caltech. «What's often missing is the idea of critical thinking, how you assess which ideas are reasonable and which are not.»

(Angier 2008: 19)

“«Science is not a collection of rigid dogmas, and what we call scientific truth is constantly being revised, challenged and refined,» said Michael Duff, a theoretical physicist at the University of Michigan. «It's irritating to hear people who hold fundamentalist views accuse scientists of being the inflexible, rigid ones [...] As a scientist, you know that any new discovery you're lucky enough to uncover will raise more questions than you started with, and that you must always question what you thought was correct and remind yourself how little you know. Science is a very humble and humbling activity.»

(Angier 2008: 20)

“Scientists accept, quite staunchly, that there is a reality capable of being understood, and understood in ways that can be shared with and agreed upon by others. We call this «objective» reality if we like, as opposed to subjective reality, or opinion, of «whimsical set of predilections.» [...]”

(Angier 2008: 22)

1.4.2 – *As disciplinas de linguística e o desenvolvimento de competências profissionalizantes no domínio do ensino de línguas*

Concluiremos estas reflexões acerca da contextualização da disciplina de *EFMP* na oferta formativa disponibilizada aos seus estudantes com algumas notas sobre a circunstância de estes mesmos estudantes poderem, fruto da sua qualificação universitária, vir a obter habilitações para a docência de línguas (vd. ponto 3) *supra*).

A transmissão e o desenvolvimento de um maior conhecimento explícito da língua – das suas estruturas e propriedades – constituem um objectivo de primeira importância inerente a essa docência. A título de exemplo do reconhecimento dessa importância, citamos as seguintes palavras de um documento orientador (ME-DEB 1997), que circunscreve a sua reflexão à questão específica do ensino da língua materna no ensino básico:

“Uma das componentes nucleares do ensino da língua materna diz respeito à capacidade de manipulação consciente do sistema linguístico, com vista à análise e descrição do conhecimento intuitivo que a criança possui da língua materna.”
(ME-DEB 1997: 43)

“[...] o conhecimento implícito precede sempre o conhecimento explícito e, ao iniciar a escolaridade básica, muito caminho há ainda a percorrer. À escola cabe estimular tal percurso.”
(ME-DEB 1997: 46-47)

O papel particular que cabe à linguística na preparação dos estudantes no tocante ao conhecimento explícito das estruturas das línguas que estes poderão vir a ensinar e a distinção que, neste particular, se deve estabelecer entre as disciplinas universitárias de linguística e as de outras áreas (nomeadamente de literatura) são postos em destaque por diversos autores. O trecho que passamos a transcrever, retirado da introdução a uma obra que explora

precisamente o diálogo entre a linguística e a formação de professores, é exemplo desse tipo de argumentação.

“Outra das linhas fundamentadoras do trabalho do grupo [de autores do livro de que é retirada a citação] é a defesa de um ensino científico da língua materna [em contexto de formação de professores de Português] que passa por duas vias: (1) a separação da formação dos professores pela área da língua (a cargo de professores do Departamento de Linguística) e pela área da Literatura (a cargo dos professores do Departamento de Literatura); (2) a explicitação dos processos de funcionamento gramatical da língua, em momento apropriado da aprendizagem [...].”

(Delgado-Martins 1992: 1)

Em sentido semelhante vão as seguintes palavras de Fonseca (2001):

“O principal papel dessa formação científica básica [=a formação universitária de professores, em geral] [...] é justamente reforçar a capacidade de actuação consciente. No caso do professor de língua, é assegurar a aquisição de conhecimentos e de uma capacidade de reflexão sobre a língua que ficam disponíveis para a construção individual de relações fecundas entre a teoria e a prática.”

(Fonseca 2001: 22)

No seu conjunto, os trechos que acabamos de citar contribuem para a consciência da importância de disciplinas como *EFMP* enquanto oportunidades únicas de desenvolvimento do conhecimento explícito da língua, indispensável a futuros professores de Português ou de outras línguas. Este aspecto parece-nos muito importante na medida em que: (i) reforça o entendimento do papel das disciplinas de linguística enquanto disciplinas *informativas* e *formativas* (no sentido de Brito (2001) – cf. citações *supra*); (ii) sublinha o interesse e a imprescindibilidade da sua presença nos planos curriculares aqui considerados; e (iii) fornece-nos pistas importantes para a reflexão e as propostas vertidas para este relatório.

Ao nível do aproveitamento da informação/formação trabalhada nesta disciplina tendo em vista, numa fase ulterior, um eventual desempenho docente dos estudantes, o objectivo principal não se reduzirá à exploração de conhecimentos, termos ou conceitos isolados. Nesta unidade curricular – como, pensamos, noutras da mesma área científica –, pretende-se sobretudo avivar nos estudantes a consciência explícita para as estruturas da língua e para a forma como a explicitação das respectivas regularidades constitui um desafio intelectual que se consolida progressivamente através do estudo atento dessas mesmas regularidades e de um contacto frequente com técnicas de análise linguística como as trabalhadas durante as aulas. Isto é: o que se pretende, mais de inculcar-se nos estudantes universitários de linguística um domínio mais ou menos automático de uma terminologia técnica destinada a ser posteriormente repetida de forma passiva ou acrítica quando tais estudantes se tornarem professores, é desenvolver neles a consciência da plasticidade das estruturas linguísticas, a capacidade de considerar os produtos linguísticos como objectos passíveis de manipulação, análise objectiva e reflexão activa e um conhecimento amplo da riqueza das abordagens de que essas estruturas podem ser alvo. Encontramos a ilustração e a sustentação deste ponto de vista nas passagens com que encerramos este capítulo. Concordando plenamente com a perspectiva da autora das citações seguintes, diremos que aquilo que se pretende fazer com os estudantes desta cadeira, a um nível evidentemente adaptado ao respectivo contexto e faixa etária, é, de certa forma, uma antecipação do trabalho que nesse sentido é preconizado nas palavras que passamos a transcrever e que põem em evidência justamente os aspectos que acabamos de focar.

“[...] [O domínio da metalinguagem gramatical] é tão importante que o seu ensino exige mesmo que seja muito bem dominado pelo professor, que, graças à sua experiência, deve ter a capacidade e o bom senso de só transmitir tais conhecimentos quando achar que chegou o bom momento. [...]

[.....]

A linguagem, como qualquer objecto da realidade, tem de ser objecto de conquista/construção e é nessa medida que poderíamos dizer que a criança, na sua escala, também é *cientista* e prepara dessa maneira a *cultura científica* [...].”

(Pinto 1998: 36-37)

“Pergunto-me se está nas mãos de todos os professores, independentemente da sua formação, fazer sentir nos aprendentes o pulsar das peças que constituem a linguagem passando pelo necessário despertar de consciências linguísticas a vários níveis.

De facto, para que o aprendente sinta que pode ser jogador nesta especialidade, é necessário que ele se dê conta das peças de que dispõe, que conheça as regras, e que se lhe dê, também a nível da linguagem a possibilidade da experimentação.”

(Pinto 2009: 51)

“De facto, a linguagem [na teoria construtivista inspirada por Piaget] [...] toma o lugar de simbolização, mas ela própria, enquanto código, é também objecto de conhecimento, acabando por tornar-se objecto conhecido (“known”). A linguagem, por conseguinte, tanto contribui para desenvolver o conhecimento como faz parte do conhecimento a construir. Talvez resida neste “compromisso” a possibilidade da existência de um programa vivo que se ocupe do objecto-linguagem.

Não será importante despertar no aprendente interesse pelo modo como se processa essa parte do conhecimento que é a linguagem e pelo modo como ela é adquirida? Não será interessante observar como o aprendente considera a linguagem enquanto objecto a conhecer e como torna explícito esse processo?”

(Pinto 2009: 55)

“Cabe [...] ao professor de língua portuguesa a tarefa de acompanhar o desenvolvimento da linguagem dos seus alunos tirando partido tanto de textos dos mais diversos tipos de forma e de conteúdo como das mais variadas situações de discurso oral. Além disso, terá de criar nos alunos uma atmosfera que os leve a distanciarem-se do material verbal (oral ou escrito) e a saberem olhá-lo, comentá-lo e trabalhá-lo, no respeitante à sua forma e ao seu conteúdo, de forma crítica e independente.”

(Pinto 2009: 86)

Referências deste capítulo

- Angier, N. 2008. *The Canon. The Beautiful Basics of Science*. London: Faber & Faber.
- Baayen, R. H. 2008. *Analyzing Linguistic Data. A Practical Introduction to Statistics using R*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Brito, A. M. 2001. Da multidisciplinaridade do estudo da linguagem à reformulação curricular dos cursos de Línguas e Literaturas Modernas. *II Encontro de Questões Pedagógicas*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 21-25.

- Chomsky, N. 1975. *Reflections on Language*. New York NY: Pantheon.
- Chomsky, N. 1978. On the Biological Basis of Language Capacities. In: G. A. Miller, E. Lenneberg (Eds.). *Psychology and Biology of Language and Thought. Essays in Honor of Eric Lenneberg*. New York NY: Academic Press, 199-220.
- Chomsky, N. 1984. [trad. port. de F. Xavier]. Linguagem. *Enciclopédia Einaudi – Vol. 2: Linguagem-Enunciação*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 11-56.
- Chomsky, N. 1986. *Knowledge of Language. Its Nature, Origin and Use*. New York NY: Praeger. Trad. port. de A. Gonçalves, A. T. Alves. *O Conhecimento da Língua. Sua Natureza, Origem e Uso*. Lisboa: Caminho, 1994.
- Chomsky, N. 1988. *Language and Problems of Knowledge. The Managua Lectures*. Cambridge MA: The MIT Press.
- Crystal, D. 2001. Clinical Linguistics. In: M. Aronoff, J. Rees-Miller (Eds.). *The Handbook of Linguistics*. Oxford: Blackwell, 673-682.
- Delgado-Martins, M. R. 1992. Introdução. In: M. R. Delgado-Martins, D. R. Pereira, A. I. Mata, M. A. Costa, L. Prista, I. Duarte. *Para a didáctica do Português. Seis estudos de linguística*. Lisboa: Colibri, 1-3.
- Fonseca, F. I. 1993. Quand dire c'est feindre: Théorie linguistique et fiction littéraire. *Revista da Faculdade de Letras do Porto – Línguas e Literaturas*. **X**: 55-62.
- Fonseca, F. I. 2001. Linguística aplicada ou linguística aplicável?. In: F. I. Fonseca, I. M. Duarte, O. Figueiredo (Org.). *A Linguística na Formação do Professor de Português*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, 15-26.
- Fromkin, V.; Rodman, R. 1993. *An Introduction to Language*. 5th international ed. Fort Worth TX: Harcourt Brace Jovanovich.
- Gee, J. P. 2001. Educational Linguistics. In: M. Aronoff, J. Rees-Miller (Eds.). *The Handbook of Linguistics*. Oxford: Blackwell, 647-663.
- Gries, S. T. 2009. *Statistics for Linguistics with R*. Berlin: Mouton De Gruyter.
- Halle, M. 1990. Phonology. In: D. N. Osherson, H. Lasnik (Eds.). *An Invitation to Cognitive Science. Volume 1: Language*. Cambridge MA: The MIT Press, 43-68.
- Hatch, E. M. 1982. *Research Design and Statistics for Applied Linguistics*. Rowley MA: Newbury.
- Hockett, C. F. 1967. *Language, Mathematics and Linguistics*. The Hague: Mouton.
- Kornai, A. 2008. *Mathematical Linguistics*. London: Springer.
- Lakatos, E. M.; Marconi, M. A. 1991. *Metodologia científica*. 2^a ed. São Paulo SP: Atlas.
- Martín-Vide, C.; Mitrana, V. 2000. *Where Mathematics, Computer Science, Linguistics and Biology Meet*. Dordrecht: Kluwer.
- ME-DEB. 1997. *A Língua Materna na Educação Básica*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.
- Miguens, S. 1997. As ciências cognitivas e a naturalização do simbólico. A mente computacional e a mente fenomenológica. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Filosofia*. **XIV**: 385-427.
- Miguens, S. 1999. Linguistas e filósofos: Maneiras de fazer Teoria da Mente. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Filosofia*. **XV-XVI**: 327-365.
- Mounin, G. 1968. *Clefs pour la linguistique*. Paris: Seghers. Trad. port. de J. Meireles. *Introdução à Linguística*. Lisboa: Horizonte, 1981.
- Partee, B. H. 1978. *Fundamentals of Mathematics for Linguistics*. Dordrecht: Reidel.
- Payrató, L. 1998. *De profesión, lingüista. Panorama de la lingüística aplicada*. Barcelona: Ariel.
- Pinker, S. 1994. *The Language Instinct*. London: Penguin.
- Pinto, M. G. L. C. 1998. *Saber viver a linguagem. Um desafio aos problemas de literacia*. Porto: Porto Editora.

- Pinto, M. G. L. C. [textos seleccionados de; org. I. M. Duarte, O. Figueiredo, J. Veloso]. 2009. *A linguagem ao vivo. Textos seleccionados de Maria da Graça L. Castro Pinto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Raposo, E. P. 1992. *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho.
- Saussure, F. de. 1916. *Cours de Linguistique Générale*. Edition critique préparée par T. de Mauro. Paris: Payot, 1980.
- Shuy, R. W. 2001. Forensic Linguistics. In: M. Aronoff, J. Rees-Miller (Eds.). *The Handbook of Linguistics*. Oxford: Blackwell, 683-691.
- Sproat, R.; Samuelsson, C.; Chu-Carroll, J.; Carpenter, B. 2001. Computational Linguistics. In: M. Aronoff, J. Rees-Miller (Eds.). *The Handbook of Linguistics*. Oxford: Blackwell, 608-636.
- Whorf, B. L. 1940a. Science and Linguistics. *Technological Review*. **42(6)**: 229-231, 247-248. Republicado em: J. B. Carroll (Ed.). 1956. *Language, Thought, and Reality. Selected Writings of Benjamin Lee Whorf*. Cambridge MA: The MIT Press, 207-219.
- Whorf, B. L. 1940b. Linguistics as an Exact Science. *Technological Review*. **43**: 61-63, 80-83. Republicado em: J. B. Carroll (Ed.). 1956. *Language, Thought, and Reality. Selected Writings of Benjamin Lee Whorf*. Cambridge MA: The MIT Press, 220-232.
- Woods, A.; Fletcher, P.; Hughes, A. 1986. *Statistics in Language Studies*. Cambridge: Cambridge University Press.

2. Enquadramento histórico: o ensino e a investigação em linguística na Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Uma reflexão aprofundada sobre a unidade curricular de que aqui nos ocupamos não dispensa, pensamos, um olhar histórico sobre a presença das principais áreas temáticas contempladas pela disciplina em análise nos vários planos curriculares oferecidos pela FLUP ao longo das várias décadas de existência dos cursos de graduação e pós-graduação em que a linguística tem sido considerada uma área científica importante.

Em nosso entender, mais do que pelo mero interesse histórico ou pelo cumprimento de uma prática comum neste tipo de relatórios, este olhar sobre a evolução ao longo do tempo justifica-se por nos permitir reunir argumentos que serão úteis para uma discussão que nos permita indagar e saber *porquê, como e com que objectivos* se formou, se desenvolveu e se atingiu o actual ponto da presença da linguística e, concretamente, da fonologia e da morfologia nos vários cursos ministrados na FLUP. Tentar perceber quais foram, em vários momentos da história da FLUP, as razões para esses resultados poderá ainda levar-nos a divisar melhor algumas lacunas e alguns pontos a aperfeiçoar.

Para o relance histórico que se esboçará de seguida, deter-nos-emos com particular atenção sobre as estruturas curriculares dos cursos oferecidos pela FLUP a partir da criação, em 1977, da licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, nas suas diversas variantes (Despacho n° 231/77, Ministério da Educação e Investigação Científica: *Diário da República*, II Série, n° 239, 15.10.1977)¹⁶.

¹⁶ O ensino linguístico na FLUP é inaugurado, porém, ainda durante a vigência da “primeira” Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que funcionou entre os anos de 1919 e 1928 e que, nesse período, ofereceu as licenciaturas em Filologia Clássica, Filologia Românica e Filologia Germânica (FLUP 1989b: 9). Da estrutura curricular de tais cursos (comum aos mesmos cursos nas Faculdades de Letras das Universidades de Coimbra e de Lisboa) faziam parte disciplinas intituladas *Gramática Comparada do Grego e do Latim* (Filologia Clássica), *Filologia Portuguesa* e *Gramática Comparada das Línguas Românicas* (Filologia Românica) e *Gramática Comparada das Línguas Germânicas* (Filologia Germânica), a par de disciplinas “literárias” como *História da Literatura Portuguesa* e *Literaturas Espanhola e Italiana*, entre outras (cf.: Decreto n° 6087/1919, *Diário do Governo*, n° 181, 03.09.1919; e Decreto n°

2.1 – Licenciaturas em Línguas e Literaturas Modernas, de 1977 a 1987: Fonética e Morfologia do Português (*disciplina anual*)

O elenco de disciplinas do curso de Línguas e Literaturas Modernas (LLM) (bem como a lista das cadeiras da licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas, que nunca funcionou na FLUP) foi fixado, a nível nacional (ou seja, para todas as faculdades em que foram criadas, na mesma data, estas formações), pelo Decreto n° 53/78 do Ministério da Educação e Cultura (*Diário da República*, I Série, n° 124, 31.05.1978). É este diploma que determina que, para as variantes de LLM com a componente de Estudos Portugueses¹⁷, as cadeiras de linguística obrigatórias (anuais) fossem as seguintes:

4651, de 14.07.1918). Estas designações, bem como uma análise atenta do acervo bibliográfico que compunha a biblioteca dessa primeira Faculdade de Letras do Porto (cf. o catálogo completo em FLUP 1989a), fazem-nos concluir da conformação do ensino linguístico praticado nessa instituição (e então designado como “filológico” ou “glotológico” – cf.: Vasconcelos 1917: 23; Silva 1995: 20, 49; Carvalho e Silva 2002) à tendência dominante, naquela época, neste campo disciplinar (Robins (1990: 180), entre outros), isto é, aos estudos histórico-comparatistas. A receptividade da primeira FLUP a essa tendência dominante – bem como ao florescimento dos estudos fonéticos identificável de forma muito clara a partir de finais do século XIX (cf.: Jones 1948; Fromkin 1985; Abercrombie 1985: 15-17, 20 e ss.; Robins 1990: 222 e ss.) –, está de acordo, de resto, com observações de autores como Machado (s/d: 96, 102), Rogers (1940: 69), Camara Jr. (1956: 47 e ss.), Cintra (1973: 7), Ribeiro (1973: 15, 17), Neto (1977: 24 e ss.), Silva (1995: 20, 49) ou Castro & Rodrigues-Moura (2003), entre outros, que sublinham a forma como os estudos linguísticos desenvolvidos à época em Portugal se pautavam por uma grande consonância e actualidade relativamente às principais tendências teóricas europeias suas contemporâneas.

Conjugando estes dados com a verificação da amplitude e da variedade de temas contemplados pela biblioteca dessa primeira FLUP (cf. novamente o catálogo disponível em FLUP 1989a), podemos com bastante certeza datar da primeira Faculdade de Letras do Porto uma característica que, como veremos, merece ser realçada como uma marca distintiva da formação aqui praticada: a profusão e a profundidade dos conhecimentos contemplados, assim como a actualização dos mesmos e dos respectivos suportes bibliográficos.

Relativamente ao ensino linguístico professado, já na “segunda” Faculdade de Letras do Porto (referimo-nos ao período inaugurado com a restauração desta instituição em 1962 – 1989a: 5; 1989b: 5), durante o período de vigência das licenciaturas em Filologia Românica (reaberta em 1969/1970 – FLUP 1989b: 9) e em Filologia Germânica (reaberta em 1972/1973 – FLUP 1989b: 9) – ou seja, portanto, entre 1969 e 1977 –, não nos foi possível recolher documentação ou informação relevante em quantidade suficiente

¹⁷ De acordo com as listas de disciplinas fixadas pelos diplomas legais citados no texto, a presença da linguística nas variantes de LLM sem componente de Português reduz-se à disciplina anual de *Introdução aos Estudos Linguísticos*, leccionada no 1º ano. Esta é, dessa forma, a única disciplina obrigatória de linguística inserida nos referidos planos curriculares, que deixam contudo uma pequena margem para a frequência, a título opcional, de outras disciplinas desta área científica.

1º ano: *Introdução aos Estudos Linguísticos*

2º ano: *Fonética e Morfologia do Português*

3º ano: *Sintaxe e Semântica do Português*

4º ano: *História da Língua Portuguesa.*

Verifica-se, por conseguinte, a existência de uma disciplina especificamente devotada às áreas com representação no programa de EFMP: *Fonética e Morfologia do Português*, inserida no 2º ano curricular.

Olhando às designações destas disciplinas, verifica-se uma preocupação por contemplar todas as áreas centrais da linguística geral (*Introdução aos Estudos Linguísticos*), da linguística descritiva do português (*Fonética e Morfologia do Português* e *Sintaxe e Semântica do Português*) e da linguística histórica do português (*História da Língua Portuguesa*). Ainda atendendo às mesmas designações e ao facto de as variantes sem uma componente de Estudos Portugueses não terem, nas suas estruturas curriculares, o mesmo peso de disciplinas da área da linguística, conclui-se que o ensino da linguística se encontra então muito ligado ao ensino da linguística portuguesa (na perspectiva sincrónica e diacrónica)¹⁸.

Para uma amostra do que seria, neste enquadramento, o ensino das áreas hoje contempladas pelo programa de EFMP, consultámos o programa da disciplina de *Fonética e Morfologia do Português* que vigorou na FLUP no ano lectivo 1986/1987 (FLUP 1986: 50-53).

¹⁸ Este dado reflecte a observação encontrada na citação de Brito (2001: 22) transcrita na nota 11, na qual a autora refere a forte ligação, no contexto universitário português, entre o estudo (ensino e investigação) da linguística e o da língua portuguesa/linguística portuguesa.

Verificamos então que esse programa abrange três áreas distintas, enumeradas em secções separadas e sucessivas¹⁹: a fonética, nas suas principais ramificações (acústica, articulatória e perceptiva); a fonologia; e a morfologia.

No domínio da fonologia, são reservados pontos específicos do programa para a abordagem de questões epistemológicas como o “estatuto teórico” da fonologia (FLUP 1986: 50), bem como secções descritivas centradas na descrição da “fonologia do português à luz das várias teorias linguísticas” (FLUP 1986: 50). As teorias assim consideradas são três (FLUP 1986: 51): a “estruturalista-funcionalista”, a “distribucionalista” e a “generativista”. Torna-se relevante mencionar que é no âmbito do capítulo do programa reservado à descrição fonológica do português, e não no âmbito do capítulo mais teóricos do programa (“o estatuto teórico [da fonologia]”, FLUP 1986: 50), que têm lugar, de acordo com esta partição por correntes teóricas, as referências às unidades descritivas e aos conceitos teóricos da fonologia explicitamente considerados pelo programa, como sucede com a apresentação do fonema e do traço distintivo (nas secções reservadas à fonologia estruturalista e à fonologia distribucionalista – FLUP 1986: 51). No capítulo reservado à fonologia generativa do português, procede-se também a um inventário de noções teóricas desenvolvidas no âmbito desta corrente: universalis, binarismo e regras fonológicas (FLUP 1986: 51).

O capítulo da morfologia obedece a uma orientação similar (FLUP 1986: 51-52): depois de uma secção introdutória reservada à “delimitação do [...] objecto [da morfologia] e

¹⁹ Apesar de a designação desta disciplina não contemplar explicitamente o domínio da fonologia, é indubitável a presença desta área no trabalho desenvolvido na cadeira, como comprovado pela leitura atenta do programa (vd. nossas observações no corpo do texto). Sobre esta “anomalia terminológica”, igualmente verificada no contexto de outras instituições universitárias portuguesas, debruça-se Rio-Torto (1998: 10 e ss.). Das reflexões desta autora relativas à situação particular da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, transcrevemos as seguintes palavras, que nos parecem muito elucidativas das razões que terão levado à ausência da fonologia do intitulado oficial da disciplina: “A **designação da disciplina** [*Fonética e Morfologia do Português*] e a sua ordenação curricular não podem ser dissociadas do momento histórico em que ocorreu a sua génese. Mais do que eventuais reminiscências com a disciplina de “Fonética Geral”, inscrita em anteriores planos de curso, terá sido uma concepção lata e maximalista da Fonética, em que a Fonologia é presumivelmente entendida como uma Fonética Funcional, a que presidiu a esta denominação da cadeira.” (Rio-Torto 1998: 10).

[...] [à] sua automomia”, o programa propõe, em secções separadas do texto, a descrição dos processos flexionais e derivacionais do português “à luz das teorias linguísticas referidas [no capítulo da fonologia]” (FLUP 1986: 51): o estruturalismo e o generativismo.

A bibliografia (“obrigatória mínima”) que acompanha este programa (FLUP 1986: 52-53) engloba sobretudo obras introdutórias dos vários domínios considerados, publicadas em diversas línguas e reflectindo a pluralidade teórica patente no próprio programa. Nesta bibliografia, podemos encontrar referências quer a obras de carácter teórico (como as obras “clássicas” de Troubetzkoy (1939) e de Chomsky & Halle 1968²⁰), quer a estudos descritivos da fonologia e/ou da morfologia do português (como, p. ex.: Camara Jr. 1970²¹, 1971²²; Mateus 1975²³; Pardal 1977).

Podemos afirmar que este programa encerra características que merecem um especial realce neste momento da nossa análise:

- representa um compromisso interessante entre o pendor teórico e o pendor descritivo a que atrás fizemos referência, ao propor uma descrição do português clara e explicitamente apoiada nos contributos e avanços da linguística enquanto ciência;

- trata-se de um programa muito abrangente, que trata com profundidade assuntos de natureza muito diversa e complexa (desde a fonética acústica e perceptiva até à análise morfológica);

- incorpora, quer na definição de conteúdos, quer nas indicações bibliográficas, tendências então consideradas as mais recentes no domínio da linguística moderna, sendo, por isso, um programa muito actualizado para os padrões da sua época. Essa integração faz-se de

²⁰ O programa citado indica, para a obra de Chomsky & Halle (1968), quer a edição americana original, quer a tradução francesa publicada pelas Editions du Seuil (Paris).

²¹ No programa analisado, é referida a edição de 1976.

²² No programa analisado, é referida a edição de 1978.

²³ No programa analisado, é referida a edição de 1982.

forma eclética, não excluindo nenhuma abordagem, mas optando, antes, por familiarizar os estudantes com as visões, por vezes antagónicas, estruturalista e generativa.

2.2 – Licenciaturas em Línguas e Literaturas Modernas – Ramos Educacional, Científico e de Tradução, de 1987 a 2002: Linguística Portuguesa I (disciplina anual)

A reestruturação curricular destes cursos introduzida pela Portaria n° 850/87 do Ministério da Educação (*Diário da República*, I Série, n° 253, 03.11.1987), que criou os ramos “profissionalizantes” (Científico, Educacional e Tradução) destas licenciaturas, aboliu das designações das cadeiras de linguística a menção explícita às áreas obrigatoriamente versadas pelos respectivos programas. Assim, as variantes da licenciatura em LLM com a componente de Estudos Portugueses passam a oferecer as seguintes cadeiras anuais obrigatórias da área de linguística:

1º ano: *Introdução aos Estudos Linguísticos*

2º ano: *Linguística Portuguesa I*

3º ano: *Linguística Portuguesa II*

4º ano: *História da Língua Portuguesa.*

A mudança de designação introduzida por esta reestruturação curricular manteve, porém, a presença dos domínios contemplados pelo programa de *FMP* no 2º ano desta licenciatura: uma leitura dos programas da disciplina de *Linguística Portuguesa I* nas edições do *Guia do Estudante de Línguas e Literaturas Modernas* publicadas pela FLUP nos anos subsequentes

a esta reforma curricular mostra que esta disciplina manteve, ao longo de toda a sua existência, os conteúdos e as principais orientações que acima identificámos na análise do programa de *Fonética e Morfologia do Português (FMP)* do ano de 1986/1987.

2.3 – *Licenciaturas em Línguas e Literaturas Modernas, regime semestralizado, de 2003 a 2007: Língua Portuguesa III, Língua Portuguesa IV e Fonética, Fonologia e Morfologia do Português (disciplinas semestrais)*

Uma alteração importante à situação atrás descrita verificar-se-á, a partir do ano lectivo de 2002/2003, com a substituição da maior parte das disciplinas anuais por disciplinas semestrais.

Em resultado desta mudança, as variantes de LLM com a componente de Estudos Portugueses passaram a incluir as seguintes disciplinas obrigatórias de linguística:

1º ano – 1º semestre: *Introdução aos Estudos Linguísticos I*

1º ano – 2º semestre: *Introdução aos Estudos Linguísticos II*

2º ano – 1º semestre: *Linguística Portuguesa I*

2º ano – 2º semestre: *Linguística Portuguesa II*

3º ano – 1º semestre: *Linguística Portuguesa III*

3º ano – 2º semestre: *Linguística Portuguesa IV*

4º ano – 1º semestre: *História da Língua Portuguesa I*

4º ano – 2º semestre: *História da Língua Portuguesa II.*

A par desta mudança (que manteve inalterada a opção de erradicar das designações das disciplinas a menção às sub-áreas contempladas pelos respectivos programas), há a registar uma mudança importante relativamente à presença curricular dos domínios contemplados pela

disciplina de *EFMP*: a sua transferência para o 3º ano do curso. Com efeito, a fonética, a fonologia e a morfologia – que, desde as disciplinas anuais de *FMP* e *Linguística Portuguesa I*, eram os primeiros domínios de análise da linguística portuguesa com que os alunos tomavam contacto, no ano imediatamente posterior à frequência da cadeira de *Introdução aos Estudos Linguísticos* e antes do contacto com as áreas da sintaxe e da semântica – passam agora a ser ensinadas no 3º ano, nas disciplinas semestrais de *Linguística Portuguesa III* e *Linguística Portuguesa IV*, ocorrendo assim só depois do contacto com a sintaxe e a semântica do português (domínio explorado nas disciplinas semestrais de *Linguística Portuguesa I* e *Linguística Portuguesa II*)²⁴.

Lendo atentamente os programas das disciplinas semestrais de *Linguística Portuguesa III* e *Linguística Portuguesa IV* que funcionaram no seu último ano de vigência (2006/2007²⁵), verificamos que eles afirmam uma continuidade importante com os de *FMP* e *Linguística Portuguesa I* (anual) no que toca às áreas contempladas (fonética, fonologia e morfologia do português) e à orientação teórica dominante. No tocante a uma possível comparação destes programas com os que acabamos de considerar seus “antecessores”, registamos actualizações bibliográficas importantes, nomeadamente através da inclusão de vários manuais universitários de introdução teórica à fonologia e à morfologia que incorporam avanços determinantes nestes

²⁴ A plataforma electrónica *SIGARRA* da FLUP conserva ainda os programas destas disciplinas em funcionamento no último ano da respectiva vigência (2006/2007), cuja leitura comprova os dados referidos no texto:

- Linguística Portuguesa I:

https://sigarra.up.pt/flup/disciplinas_GERAL.FormView?P_ANO_LECTIVO=2006/2007&P_CAD_CODIGO=FLUP0096&P_PERIODO=1S (acedido em 28.09.2009);

- Linguística Portuguesa II:

https://sigarra.up.pt/flup/disciplinas_GERAL.FormView?P_ANO_LECTIVO=2006/2007&P_CAD_CODIGO=FLUP0097&P_PERIODO=2S (acedido em 28.09.2009);

-Linguística Portuguesa III:

https://sigarra.up.pt/flup/disciplinas_GERAL.FormView?P_ANO_LECTIVO=2006/2007&P_CAD_CODIGO=FLUP0557&P_PERIODO=1S (acedido em 28.09.2009);

- Linguística Portuguesa IV:

https://sigarra.up.pt/flup/disciplinas_GERAL.FormView?P_ANO_LECTIVO=2006/2007&P_CAD_CODIGO=FLUP0558&P_PERIODO=2S (acedido em 28.09.2009).

²⁵ Cf. referências electrónicas na nota anterior.

domínios disciplinares (como, no caso da primeira área, os desenvolvimentos trazidos pelas abordagens não-lineares dos modelos post-SPE). Ilustra esta situação a presença, nos programas da disciplina de *Linguística Portuguesa IV*, de obras como, a título de exemplo, Aronoff & Fudeman (2005), Aronoff & Rees-Miller (Eds., 2001), Clark & Yallop (1990), Durand (1990), Goldsmith (Ed., 1995), Spencer (1991) e Spencer & Zwicky (Eds., 1998).

A nível das principais orientações subjacentes à definição dos conteúdos programáticos destas disciplinas, identificamos, como já dissemos, uma continuidade importante com as disciplinas antecedentes. Com efeito, a análise destes programas revela que continuamos em presença de programas exaustivos e muito amplos, que não adoptam uma única perspectiva teórica sobre os tópicos versados: pelo contrário, optam por familiarizar os estudantes com visões alternativas das mesmas questões, o que se torna particularmente visível, a título de exemplo, no confronto entre a visão estruturalista e a visão generativista na abordagem às questões de fonologia do português.

Sucedendo a uma disciplina anual, as duas cadeiras semestrais de *Linguística Portuguesa III* e *Linguística Portuguesa IV* procederam a uma especialização em separado dos domínios tratados. De acordo com a versão dos programas vigentes no último ano de funcionamento destas duas disciplinas que acima citámos²⁶, essa repartição processou-se do seguinte modo: os tópicos de fonética do português (fonética articulatória, fonética acústica e fonética perceptiva), transcrição fonética e variação dialectal ficaram associados à disciplina de *Linguística Portuguesa III*, ao passo que os tópicos de fonologia e morfologia ficaram reservados à disciplina de *Linguística Portuguesa IV*. A transição do plano fonético para o plano fonológico das línguas é tratada, todavia, ainda no âmbito da disciplina de *Linguística Portuguesa III*, cujo programa inclui, como último ponto, um capítulo dedicado aos “Aspectos elementares do sistema fonológico

²⁶ Cf. novamente as referências electrónicas da nota 24.

do português” que contempla, entre outros, tópicos como a distinção entre o nível fonético e o nível fonológico, a descrição do inventário segmental do português, uma referência aos padrões fonotáticos básicos da língua, a apresentação de processos característicos do português (velarização, elevação e recuo/centralização das vogais átonas, p. ex.), a apresentação da noção de traço distintivo (cabendo obras como Jakobson, Fant & Halle (1951) na bibliografia da cadeira) e a familiarização dos estudantes com a matriz fonológica do português. Podemos dizer, portanto, que a exploração das questões fonéticas neste programa obedece já a uma orientação linguística – concordante com a própria designação da disciplina (*Linguística Portuguesa III*) –, como o atesta ainda a presença, na lista de bibliografia aconselhada, de descrições gramaticais e fonológicas da língua como Mateus & E. D’Andrade (2000), Mateus (2002) e Mateus *et al.* (2003).

A publicação da Deliberação nº 432/2004 da Reitoria da Universidade do Porto no *Diário da República*, II Série, nº 82, 06.04.2004, cria, entre outras, as variantes de *Língua e Cultura Portuguesa (Ensino de Português Língua Estrangeira)* e *Português – Língua, Literatura e Cultura* da licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas da FLUP, aprovando os respectivos planos de estudos²⁷. Nesta nova variante do curso de LLM é então criada a disciplina semestral obrigatória de *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português (FFMP)*, integrada no 2º ano – 2º semestre do referido curso.

²⁷ Estas duas variantes substituirão, a partir da sua criação, a variante original de Estudos Portugueses que integrava a mesma licenciatura desde a sua criação em 1977.

Esta disciplina apresenta duas características que consideramos aqui dignas de uma nota especial²⁸:

- primeiro, realçamos a recuperação, no nome oficial da unidade curricular, da menção explícita às áreas disciplinares da linguística contempladas pelo programa (opção que havia sido banida pela reestruturação de 1987, quando as disciplinas de linguística portuguesa passaram a ser designadas, de forma não vinculativa às áreas disciplinares tratadas, como *Linguística Portuguesa I* e *Linguística Portuguesa II*), bem como a opção de se nomear explicitamente as três áreas disciplinares centrais e obrigatórias da cadeira: a fonética, a fonologia e a morfologia (contrariamente ao que ocorria com a designação *Fonética e Morfologia do Português*²⁹);

- em segundo lugar, sublinhamos o facto de esta ser a primeira disciplina curricular que impôs a “compactação”³⁰, num só semestre, dessas mesmas três áreas (repartidas, nas disciplinas que podemos considerar suas antecessoras – *Fonética e Morfologia do Português* (anual), *Linguística Portuguesa I* (anual) e *Linguística Portuguesa III* e *Linguística Portuguesa IV* (semestrais) –, por um ano lectivo inteiro).

Tendo em mente sobretudo o último ponto focado nos dois parágrafos precedentes – a concentração, num só semestre, de tópicos anteriormente repartidos por dois semestres sucessivos, pertencentes aos domínios da fonética, da fonologia e da morfologia do português –, podemos considerar a disciplina semestral de *FFMP* integrada a partir de 2004/2005 nas variantes de *Língua e Cultura Portuguesa (Ensino de Português Língua Estrangeira)* e *Português – Língua*,

²⁸ As considerações sobre o programa desta disciplina tomam por base a versão que vigorou no último ano lectivo em que a cadeira funcionou (2006/2007). Esta versão pode ser consultada em: https://sigarra.up.pt/flup/disciplinas_geral/FormView?P_CAD_CODIGO=FLUP0925&P_ANO_LECTIVO=2006/2007&P_PERIODO=1S (acedido em 31.01.2010).

²⁹ Vd. nota 19.

³⁰ Nesta necessidade de se fazer corresponder a um só semestre um conjunto mais vasto de matérias anteriormente trabalhadas em dois semestres poderá encontrar-se a explicação da redução do peso de algumas áreas neste programa, como é o caso da fonética, de cujo estudo é retirada a componente de fonética acústica.

Literatura e Cultura da licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas como a antecessora mais directa e mais imediata da disciplina de *EFMP* sobre que versa o presente relatório.

Tal como nos programas anteriores de *FMP*, *Linguística Portuguesa I* (anual) e *Linguística Portuguesa III e IV* (semestrais), é claramente identificável, no programa de *FFMP* aqui em apreço, o ecletismo teórico referido a propósito da leitura dos programas dessas disciplinas, patente ao nível da menção explícita a várias correntes teóricas e à admissão, na lista bibliográfica que acompanha o programa, de obras provenientes de diversas escolas linguísticas.

2.4 – Licenciaturas decorrentes do “Processo de Bolonha”, a partir de 2007 (Ciências da Linguagem; Línguas, Literaturas e Culturas; Estudos Portugueses e Lusófonos): Fonética, Fonologia e Morfologia e Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português (disciplinas semestrais)

Em consequência do quadro legislativo e institucional imposto pelo Decreto-Lei nº 74/2006 do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (*Diário da República*, I Série A, nº 60, 24.03.2006), a oferta curricular da FLUP sofreu, a partir do ano lectivo 2007/2008, alterações profundas.

A linguística – que, como vimos, era, desde as licenciaturas em Filologia oferecidas pela primeira FLUP, uma componente importante dos cursos que aliavam o ensino da língua e da literatura – passa, a partir desse ano, a ser objecto de uma licenciatura que lhe é inteiramente dedicada, a licenciatura em Ciências da Linguagem – Variante de Linguística.

Nessa licenciatura, as áreas contempladas pelo programa de *EFMP* formam o objecto de unidades curriculares separadas, o que – e atendendo aos objectivos de uma licenciatura com uma especialização inicial em linguística – permite um tratamento mais aprofundado, mais teórico e mais independente do estudo descritivo de uma língua em concreto das questões aqui versadas: *Fonética* (1º ano – 2º semestre) e *Fonologia e Morfologia* (2º ano - 1º semestre), havendo

ainda lugar para uma disciplina de *Sociolinguística* (3º ano – 1º semestre) em que supostamente poderão ser tratados alguns tópicos de variação linguística a que se faz alusão, nas aulas de *EFMP*, no momento do semestre dedicado à variação dialectal do português.

Já nos cursos em que se insere a unidade curricular de *EFMP* – Ciências da Linguagem – Variante Português Língua Não Materna; Línguas, Literaturas e Culturas (LLC); Estudos Portugueses e Lusófonos (EPL) –, esta disciplina é a única em que os estudantes tomam contacto com todos esses tópicos, o que obriga a uma selecção criteriosa dos temas a tratar – sendo dada preferência aos tópicos mais fundamentais e consensuais na descrição do português – e, paralelamente, a um menor aprofundamento das implicações teóricas dos pontos do programa, em favorecimento da vertente “descritiva” desta disciplina. Sobre o conteúdo e as orientações gerais do programa desta unidade curricular não nos deteremos neste momento, já que eles constituem precisamente o objecto central do relatório, sendo, por isso, aprofundadamente discutidos nos capítulos da II Parte.

2.5 – Cursos de pós-graduação

A resenha histórica esboçada neste capítulo do relatório concede uma especial importância aos cursos de licenciatura. No entanto, parece-nos relevante reservar algumas observações sobre a presença da fonologia e da morfologia em cursos de pós-graduação (especialização, mestrado e doutoramento) que a FLUP tem disponibilizado em diferentes momentos da sua existência.

A formação pós-graduada em linguística (ou com uma participação curricular determinante da linguística) na FLUP teve início com a entrada em funcionamento do Curso

de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva no ano lectivo 1982/1983, a que se seguiu, em 1985/1986, o Curso de Mestrado em Ensino da Língua Portuguesa (Franco 2003: 15-16).

Estes primeiros cursos de nível pós-graduado com uma presença exclusiva ou central da linguística não incluíam, porém, nenhum seminário devotado a questões de fonética, fonologia ou morfologia³¹.

Tanto quanto nos foi dado saber, foi somente no Curso Integrado de Estudos Pós-Graduados em Linguística³², e no ano 2003/2004 (primeiro ano da sua vigência), que se criou pela primeira vez um seminário de Fonologia (com a duração de 30 horas) ao nível do ensino pós-graduado na FLUP.

Esse seminário manteve-se em funcionamento até ao ano lectivo 2005/2006. A partir de 2006/2007, o curso passou a oferecer dois seminários semestrais de Fonologia: *Fonologia I*, destinado a todos os estudantes do curso (das duas variantes), oferecido no primeiro semestre; *Fonologia II*, exclusivamente destinado ao estudantes da variante de Linguística Portuguesa Descritiva, funcionando do segundo semestre³³.

A entrada em vigor das disposições legais relativas à implantação do “Processo de Bolonha” nas universidades portuguesas motivou a criação, na FLUP, de dois ciclos de estudos pós-graduados em Linguística: um, conducente ao grau de mestre (Deliberação n° 284/2007

³¹ Segundo informação pessoal de alguns estudantes da primeira edição do mestrado em Linguística, apesar da inexistência de tais seminários, a direcção do curso promoveu algumas conferências sobre temas de fonética e fonologia para as quais foram convidados linguistas de outras universidades portuguesas.

³² Este curso, cuja primeira edição funcionou no ano lectivo 2003/2004, foi criado pela Deliberação n° 1102/2003 da Comissão Permanente do Senado da Universidade do Porto (*Diário da República*, II Série, n° 175, 31.07.2003). O curso era constituído por um ano de formação curricular, findo o qual os estudantes com aproveitamento adquiriam um Diploma de Especialização. A esta formação inicial seguia-se um número variável de anos consoante os estudantes pretendessem obter o grau de mestre ou o de doutor em Linguística (havendo a possibilidade de transição imediata do primeiro ano (curricular) do curso para o nível de doutoramento ou de passagem do mestrado para o doutoramento durante a fase de preparação da tese de mestrado). O curso dividia-se em duas variantes: Linguística Portuguesa Descritiva e Linguística Aplicada ao Ensino do Português.

³³ As observações de carácter histórico mencionadas nesta secção e relativas aos cursos de pós-graduação a partir de 2003/2004 baseiam-se sobretudo no arquivo pessoal do autor do relatório, que participou na leccionação e/ou na organização desses cursos.

do Senado da Universidade do Porto, *Diário da República*, II Série, nº 36, de 20.02.2007), e outro, conducente ao grau de doutor (Deliberação nº 354/2007 da Reitoria da Universidade do Porto, *Diário da República*, II Série, nº 41, de 27.02.2007). No curso de mestrado, está previsto o funcionamento de dois seminários semestrais de Fonologia (*Fonologia I*, no primeiro semestre; *Fonologia II*, no segundo³⁴). Quanto ao curso de doutoramento, este encontra-se dividido em 4 seminários cujo intitulado não restringe de forma estrita os conteúdos disciplinares abordados (*Seminários de Doutoramento em Linguística A, B, C e D*); desde a sua criação, tem sido prática que os estudantes inscritos neste programa doutoral frequentem, como forma de creditação do *Seminário de Doutoramento em Linguística D*, o seminário de *Fonologia II* do curso de mestrado, sendo posteriormente sujeitos a uma avaliação mais aprofundada e mais exigente do que os estudantes de mestrado³⁵.

A história do ensino pós-graduado em linguística no quadro da FLUP é, por outro lado, indissociável da história do Centro de Linguística da Universidade do Porto, uma unidade de investigação fundada em 1976 (Franco 2003: 7 e ss.) que, mantendo uma considerável autonomia funcional e financeira face à Faculdade, tem cumprido a missão de criar as melhores condições para o avanço científico da área em que se insere e, em simultâneo, tem assumido como atribuição fundamental “[...] o apoio à orientação de dissertações de doutoramento e de mestrado” (Franco 2003: 15). A este propósito, convém aqui lembrar que o acervo

³⁴ Em alguns anos lectivos, a frequência dos seminários do curso pode vir a ser facultativa.

³⁵ Ainda no quadro dos cursos de mestrado e doutoramento criados ao abrigo das mudanças introduzidas pelo “Processo de Bolonha”, deve ser feita uma referência a outros cursos de mestrado actualmente oferecidos pela FLUP em que a área da linguística detém algum peso curricular (embora tais cursos não prevejam a exploração de tópicos de fonologia ou de morfologia em seminários especificamente dedicados a estas áreas). Exemplificam esta situação os seguintes cursos de mestrado: Tradução e Serviços Linguísticos; Ensino do Português e Línguas Clássicas no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário (sucede ao anterior Curso de Especialização em Ensino do Português); Ensino do Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e Língua Estrangeira no Ensino Básico e Ensino Secundário (sucede ao anterior Curso de Especialização em Ensino de Português e Língua Estrangeira); Ensino de Português Língua Segunda/Língua Estrangeira (sucede ao anterior Curso de Especialização em Ensino do Português Língua Estrangeira).

bibliográfico do CLUP conserva ainda hoje fundos bibliográficos autónomos constituídos por livros e revistas adquiridos propositadamente para edições identificadas dos primeiros cursos de mestrado acima referidos.

2.6 – *Considerações finais*

Ao longo deste capítulo, detivemo-nos sobre a presença da linguística – quer ao nível geral desta área no seu todo, quer ao nível mais específico da presença das subdisciplinas contempladas pelo programa de *EFMP* – nas várias dimensões da vida académica da FLUP ao longo da sua existência, privilegiando o ensino pré-graduado e a época posterior à criação da licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (1977).

Como marcas do percurso histórico assim analisado, compete-nos salientar, neste momento de síntese, os seguintes aspectos:

- a linguística corresponde a uma área científica cultivada, a nível do ensino e da investigação, desde a fundação da própria Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1919, como demonstrado pela sua presença curricular nos vários planos de estudos disponibilizados desde então por esta instituição;

- em sintonia com a situação verificada em instituições congéneres externas à UP, a presença curricular da linguística na FLUP mostra-se articulada, durante a maior parte do período temporal em causa, com a presença da área da literatura e com o intuito da formação de professores, sendo contudo de notar um percurso *paralelo* de autonomização, como demonstrado pela criação de cursos de pós-graduação (já a partir da década de 1980) e de graduação (a partir de 2007) especificamente orientados para a linguística;

- uma outra ligação importante da linguística nesta instituição (como noutras) é a que a une à linguística portuguesa; com efeito, a maior parte do ensino e da investigação em linguística, conforme vimos nas considerações antecedentes, tem-se fundido em torno do ensino e da investigação em linguística portuguesa. Esta situação tem-se manifestado com particular evidência, p. ex., nas designações e nos conteúdos da diversas unidades curriculares de linguística – que fazem sistematicamente referência ao português como domínio de estudo – e na quase ausência de disciplinas de linguística nos cursos de LLM ou LLC sem a componente de Português, bem como nos actuais cursos de Línguas e Relações Internacionais e de Línguas Aplicadas³⁶;

- os motivos que identificámos nesta secção do relatório para a situação resumida nos pontos anteriores prendem-se, de acordo com a interpretação que propusemos, com o entendimento de que um conhecimento aprofundado da língua portuguesa, a nível universitário, exige obrigatoriamente uma fundamentação científica rigorosa, de que a linguística é uma área fulcral para a formação de professores de línguas e, finalmente, de que a linguística fornece aos seus estudantes competências avançadas no domínio do raciocínio científico;

- o ensino da linguística nesta instituição pauta-se, em todos os momentos para os quais recolhemos indícios minimamente documentados, por características que avaliamos positivamente e que configuram, em nosso entender, uma marca distintiva do ensino praticado na FLUP. São qualidades associadas a essas características a abrangência e a profundidade dos programas curriculares, a actualização dos conteúdos e das bibliografias, a definição do desenvolvimento do espírito crítico e da autonomia de trabalho dos estudantes como um

³⁶ A este propósito, veja-se novamente a citação de Brito (2001) na nota 11. Acerca dos cursos de licenciatura em Línguas e Relações Internacionais e Línguas Aplicadas, registaremos somente a ausência de disciplinas especificamente consagradas às áreas contempladas pela disciplina de *EFMP*.

objectivo importante a atingir e o ecletismo teórico assumido na delimitação de conteúdos, orientações gerais e bibliografias das disciplinas.

Todas estas características – verificadas, como dissemos, ao longo das várias décadas sobre que nos debruçámos nesta secção – contribuíram para o estabelecimento de um contexto de fundo em que se situa a disciplina apresentada neste trabalho e que é indissociável de todas as propostas que apresentaremos e defenderemos na II Parte do relatório.

Referências deste capítulo

- Abercrombie, D. 1985. Daniel Jones's Teaching. In: V. A. Fromkin (Ed.). *Phonetic Linguistics. Essays in Honor of Peter Ladefoged*. Orlando FL: Academic Press, 15-24.
- Aronoff, M.; Fudeman, K. 2005. *What is Morphology?* Malden MA: Blackwell.
- Aronoff, M.; Rees-Miller, J. (Eds.). 2001. *The Handbook of Linguistics*. Oxford: Blackwell.
- Brito, A. M. 2001. Da multidisciplinaridade do estudo da linguagem à reformulação curricular dos cursos de Línguas e Literaturas Modernas. *II Encontro de Questões Pedagógicas*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 21-25.
- Camara Jr., J. M. 1956. Gonçalves Viana and the Phonic Sciences. In: M. Halle, H. G. Lunt, H. McLean, C. H. Van Schooneveld (Eds.). *For Roman Jakobson. Essays on the Occasion of His Sixtieth Birthday*. The Hague: Mouton, 328-331. Republicado em: *Confluência*. **23**: 46-51. [2002].
- Camara Jr., J. 1970. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis RJ: Vozes.
- Camara Jr., J. 1971. *Problemas de Lingüística Descritiva*. Petrópolis RJ: Vozes.
- Carvalho e Silva, M. 2002. A palavra *filologia* e as suas diversas acepções: Os problemas da polissemia. *Confluência*. **23**: 53-70.
- Castro, I.; Rodrigues-Moura, E. 2003. Auto-retrato de Leite de Vasconcelos. In: I. Castro, I. Duarte (Org.). *Razões e Emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, I, 197-202.
- Chomsky, N.; Halle, M. 1968. *The Sound Pattern of English*. New York NY: Harper & Row.
- Cintra, L. F. L. 1973. Prefácio. In: L. F. L. Cintra, J. A. P. Ribeiro (Org.). *A. R. Gonçalves Viana. Estudos de Fonética Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 7-10.
- Clark, J.; Yallop, C. 1990. *An Introduction to Phonetics and Phonology*. Oxford: Blackwell.
- Durand, J. 1990. *Generative and non-linear phonology*. London: Longman.
- FLUP. 1986. *Guia do Estudante. Línguas e Literaturas Modernas. 1986/87*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Conselho Directivo).
- FLUP. 1989a. «Fundo Primitivo» da Biblioteca Central. 1919-1928. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- FLUP. 1989b. *Universidade do Porto. Faculdade de Letras. 1988/1989*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Franco, A. 2003. Historial e actividades do Centro de Linguística da Universidade do Porto. In: *Língua Portuguesa: Estruturas, Usos e Contrastes. Volume comemorativo dos 25 anos do Centro de*

- Linguística da Universidade do Porto*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, 7-21.
- Fromkin, V. A. 1985. Introduction. In: V. A. Fromkin (Ed.). *Phonetic Linguistics. Essays in Honor of Peter Ladefoged*. Orlando FL: Academic Press, 1-14.
- Goldsmith, J. A. (Ed.). 1995. *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge MA: Blackwell.
- Jakobson, R.; Fant, G.; Halle, M. 1951. *Preliminaries to Speech Analysis*. Cambridge MA: The MIT Press.
- Jones, D. 1948. The London School of Phonetics. *Zeitschrift für Phonetik*. **11**: 127-135. Reproduzido em: W. E. Jones, J. Laver (Eds.). 1973. *Phonetics in Linguistics. A Book of Readings*. London: Longman, 180-186.
- Machado, J. P. s/d. *Breve história da linguística*. Lisboa: Inquérito.
- Mateus, M. H. M. 1975. *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- Mateus, M. H. M. 2002. *A Face Exposta da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Mateus, M. H. M.; Brito, A. M.; Duarte, I.; Faria, I. H.; Frota, S.; Matos, G.; Oliveira, F.; Vigário, M.; Villalva, A. 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Caminho.
- Mateus, M. H.; D'Andrade, E. 2000. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Neto, S. S. 1977. *Manual de Filologia Portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro RJ: Presença.
- Pardal, E. A. 1977. *Aspects de la phonologie (générative) du portugais*. Lisboa: INIC.
- Ribeiro, J. A. P. 1973. Introdução. In: L. F. L. Cintra, J. A. P. Ribeiro (Org.). *A. R. Gonçalves Viana. Estudos de Fonética Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 11-18.
- Rio-Torto, G. M. 1998. *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Coimbra: Colibri/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Robins, R. H. 1990. *A Short History of Linguistics*. 3rd ed. London: Longman.
- Rogers, F. M. 1940. Gonçalves Viana and the Study of Portuguese Phonetics. *Boletim de Filologia*. **VII**: 17-29. Republicado em: L. F. L. Cintra, J. A. P. Ribeiro (Org.). 1973. *A. R. Gonçalves Viana. Estudos de Fonética Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 67-79.
- Silva, A. C. 1995. *Para a História da Linguística em Portugal. Lembrar Adolfo Coelho (1847-1919)*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.
- Spencer, A. 1991. *Morphological Theory. An Introduction to Word Structure in Generative Grammar*. Oxford: Blackwell.
- Spencer, A.; Zwicky, A. M. (Eds.). 1998. *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell.
- Troubetzkoy, N. S. 1939. *Grundzüge der Phonologie*. Trad. fr. de J. Cantineau. *Principes de phonologie*. Paris: Klincksieck, 1970.
- Vasconcelos, J. Leite de. 1917. Gonçalves Viana. Apontamentos para a sua biographia. *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*. **X**: 607-630. Reproduzido em: L. F. L. Cintra, J. A. P. Ribeiro (Org.). 1973. *A. R. Gonçalves Viana. Estudos de Fonética Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 21-37.

SEGUNDA PARTE

Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português:

Uma proposta desenvolvida de trabalho

3. Considerações preliminares sobre a proposta central deste relatório

3.1 – Princípios gerais da proposta desenvolvida nos capítulos seguintes

Nesta segunda parte do presente relatório, procederemos à apresentação circunstanciada de uma proposta desenvolvida de trabalho universitário no âmbito da unidade curricular de *Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português*.

A presente proposta parte das considerações de fundo desenvolvidas ao longo dos capítulos da I Parte e obedecerá sempre a alguns princípios orientadores de base, decorrentes dessas mesmas considerações e que aqui explicitamos:

- proporemos uma disciplina inserida numa longa e rica tradição académica, que consideramos identitária do trabalho desenvolvido há várias décadas na FLUP, assente no trabalho sério e rigoroso, na actualização dos conteúdos e das bibliografias, na profundidade e diversidade dos temas tratados e na abrangência de orientações teóricas, epistemológicas e metodológicas;

- assumiremos a motivação dos estudantes para a área da linguística como um desafio constante, que deverá estar subjacente a todas as propostas de trabalho aqui subscritas;

- não ignoraremos a inserção curricular desta disciplina em cursos vocacionados para a exploração mais abrangente de aspectos literários e culturais relacionados com a área genérica dos estudos portugueses, demandados por um número significativo de estudantes com pretensões ao acesso à profissão docente;

- assumiremos de forma muito clara uma dupla vertente relativamente ao papel desta disciplina na formação dos estudantes inscritos³⁷:

³⁷ Esta dupla vertente das disciplinas de linguística encontra-se fundamentada na secção 1.4.1 do relatório.

(i) – uma vertente **informativa**, consubstanciada no objectivo de transmitir aos estudantes um *corpus* consistente e amplo de conhecimentos rigorosos acerca dos aspectos fundamentais do português contemplados pelo programa (transcrição fonética, fonética articulatória, fonologia, morfologia e variação dialectal), solidamente ancorados na linguística enquanto ciência e procurando uma síntese entre as referências clássicas, os pressupostos fundamentais e os avanços mais recentes da linguística geral e da linguística portuguesa;

(ii) – uma vertente **formativa**, traduzida na familiarização *prática* dos estudantes com as principais técnicas de análise linguística e da sua explicitação; esta familiarização deverá contribuir de forma determinante para o treino de capacidades de raciocínio analítico e da escrita académica e para o desenvolvimento da atitude crítica característica do espírito científico que se pretende também inculcar nos estudantes em resultado da sua experiência académica no âmbito desta cadeira.

Como foi afirmado em vários momentos, os vários capítulos desta II Parte devem ser lidos e avaliados de forma articulada, já que as considerações de cada qual se projectam nas propostas concretas de trabalho formuladas nos restantes, do mesmo modo como todas as propostas corporizadas nestes capítulos se inspiram no enquadramento geral que foi debatido nos capítulos da I Parte.

3.2 – *Breve definição de partida dos diversos perfis de estudantes que frequentam a unidade curricular de Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português em termos de formação linguística prévia*

Um aspecto que não pode ser de forma alguma negligenciado na proposta de unidade curricular que aqui apresentamos encontra-se na identificação dos conhecimentos que se pressupõe que todos os estudantes possuam já nas primeiras semanas do semestre, em resultado da frequência prévia de outras unidades curriculares da área científica da linguística/linguística portuguesa.

Assim, e antes de detalharmos a nossa própria proposta curricular, procederemos a tal identificação.

Em resultado da integração curricular da disciplina de *EFMP* apresentada em 1.1, os estudantes que frequentam esta disciplina podem corresponder, em termos de conhecimentos prévios de linguística adquiridos no âmbito de outras disciplinas, aos seguintes perfis³⁸:

- estudantes da licenciatura em Ciências da Linguagem – Variante de Português Língua Não Materna. Frequentam a disciplina de *EFMP*, obrigatoriamente, no 2º ano – 2º semestre. Nos semestres anteriores, terão frequentado obrigatoriamente as seguintes disciplinas de linguística: *Bases de Análise Gramatical* (1º ano – 1º semestre); *Introdução à Linguística* (1º ano – 2º semestre); *Estruturas Léxicas do Português* (2º ano – 1º semestre); *Estruturas Sintáticas e Semânticas do Português I* (2º ano – 1º semestre). Ao mesmo tempo que frequentam a disciplina de *EFMP* (2º ano – 2º semestre), frequentam também *Estruturas Sintáticas e Semânticas do Português II*. Nos semestres seguintes, a formação destes estudantes em linguística será ainda completada pelas disciplinas de *História da Língua Portuguesa* e *Pragmática* (ambas no 3º ano – 1º semestre) e *Análise do Discurso, Aquisição da Linguagem e Variedades do Português* (3º ano – 2º semestre);

³⁸ Cf. os documentos legais que regulam os cursos em que se insere esta unidade curricular citados na nota 2.

Os perfis mencionados neste ponto do relatório não contemplam, naturalmente, a situação dos estudantes de qualquer curso que escolhem frequentar as disciplinas mencionadas em regime opcional.

- estudantes da licenciatura em Estudos Portugueses e Lusófonos. Frequentam a disciplina de *EFMP*, obrigatoriamente, no 2º ano – 2º semestre. Nos semestres anteriores, terão frequentado obrigatoriamente uma única disciplina de linguística: *Introdução à Linguística* (1º ano – 2º semestre). Durante o semestre em que frequentam as aulas de *EFMP*, os estudantes deste curso não frequentam qualquer outra unidade curricular desta área científica. Nos semestres seguintes, a formação em linguística destes estudantes será completada por uma única disciplina obrigatória: *Estruturas Sintáticas e Semânticas do Português I* (3º ano – 1º semestre). Nesse mesmo semestre, alguns dos estudantes poderão ainda optar por uma outra disciplina desta área científica, *Variedades do Português*, em alternativa a um nível de língua grega (*Grego II*). Também a nível opcional, nesse semestre final, os estudantes poderão frequentar a disciplina de *Fonética* ou a de *Aquisição da Linguagem*, em alternativa a outras disciplinas de outras áreas curriculares, como *História do Teatro Português – De Garrett ao Teatro Contemporâneo* ou *Latim V*;

- estudantes da licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas (planos que incluam a componente de Português). A disciplina de *EFMP* pode ser frequentada, em alternativa a *Estruturas Sintáticas e Semânticas do Português II*, no 3º ano – 2º semestre do curso. Antes desse semestre, as disciplinas obrigatórias de linguística encontradas nos respectivos planos de estudos são as seguintes: *Bases de Análise Gramatical* (1º ano – 1º semestre) e *Introdução à Linguística* (1º ano – 2º semestre). Opcionalmente, os estudantes poderão frequentar, no 2º ano – 1º semestre, duas das seguintes (no máximo e sempre dentro de um leque de opções que inclui muitas disciplinas de outras áreas científicas): *Estruturas Léxicas do Português*, *Estruturas Sintáticas e Semânticas do Português I*, *Lógica e Linguagem*, *Psicolinguística*, *Semântica Lexical* ou *Sintaxe I*.

Assim, será possível encontrar nas aulas de *EFMP* estudantes com níveis de conhecimentos explícitos de linguística bastante diferenciados. Essa diferenciação permitir-nos-á identificar as seguintes situações extremas, entre as quais teremos de admitir a existência de graus intermédios bastante diversificados:

- num extremo dessa gama, encontraremos estudantes com níveis expectavelmente muito escassos de conhecimentos explícitos de linguística. Encontrar-se-ão nesta situação estudantes cuja única disciplina de linguística frequentada antes de *EFMP* terá sido a de *Introdução à Linguística*, um ano antes da frequência de *EFMP*. De acordo com a breve revisão curricular que acabamos de realizar, os estudantes de *EFMP* pertencentes ao curso de EPL corresponderão, na sua maioria, a esta situação;

- no extremo oposto, iremos encontrar estudantes supostamente com conhecimentos mais alargados nesta área, por terem frequentado um número bastante considerável de disciplinas de linguística antes de se inscreverem em *EFMP*. Os estudantes da licenciatura em Ciências da Linguagem – Variante Português Língua Não Materna e os estudantes da licenciatura em Línguas e Literaturas e Culturas que tenham escolhido frequentar uma ou duas disciplinas opcionais de linguística além das duas disciplinas desta área obrigatórias no 1º ano (*Bases de Análise Gramatical* e *Introdução à Linguística*) corresponderão melhor a esta descrição.

Em face do exposto, julgamos que a base mínima de conhecimentos prévios de linguística que se pode assumir como partilhada por *todos* os estudantes é, efectivamente, bastante exígua. Será lícito esperar, no entanto, que todos os estudantes inscritos nesta disciplina possuam, no início do semestre, conhecimentos minimamente comprováveis nos seguintes domínios e questões, seleccionando neste momento apenas os aspectos mais directamente relacionados com os conteúdos trabalhados em *EFMP*:

- situação epistemológica geral da linguística enquanto abordagem científica, objectiva e não-normativa de todos os fenómenos relacionados com a linguagem verbal humana e com as estruturas das línguas naturais;

- identificação genérica das principais propostas correspondentes às várias correntes teóricas da linguística contemporânea;

- identificação das principais famílias linguísticas e da situação do português no conjunto das línguas românicas;

- familiarização com conceitos teóricos e operatórios básicos da linguística, tais como, entre outros, *gramática, sistema, signo, significante/significado, morfema, fonema, sintagma, lexema, par mínimo, universal linguístico*;

- classificação articulatória tradicional das consoantes e das vogais do português;

- classificação morfossintáctica das palavras do português e identificação das principais funções sintácticas admitidas pela gramática desta língua;

- conhecimento genérico, activo e passivo, dos principais símbolos e convenções da transcrição fonética do português;

- conhecimento dos principais mecanismos flexionais e derivacionais verificados em português.

Naturalmente, a co-existência de perfis distintos no que diz respeito ao domínio prévio de conhecimentos explícitos de linguística impõe alguns condicionalismos ao trabalho a desenvolver nesta disciplina: se, por um lado, não podemos assumir como previamente dominados certos conhecimentos mais avançados do que aqueles que resumidamente acabamos de referir, teremos, por outro lado, de procurar formas mais individualizadas de trabalho junto dos estudantes com um nível mais alargado de conhecimentos prévios. Tais

modalidades partirão de pressupostos um pouco mais ambiciosos do que estes. Esta procura de um trabalho mais individualizado poderá traduzir-se, p. ex., na escolha de eventuais temas para trabalhos individuais (vd. 9.1), que poderão, no caso de tais estudantes, versar sobre questões mais complexas e assentes em pressupostos teóricos mais avançados.

Finalmente, um outro aspecto a ter em conta nesta contextualização dos estudantes prende-se não com a formação em linguística que antecede a sua participação nas actividades propostas no âmbito da disciplina de *EFMP*, mas com a que se seguirá a esta experiência curricular. Com efeito, também a este nível se nos apresentam perfis distintos: se, por um lado, alguns estudantes não poderão vir a frequentar, de futuro, outras unidades curriculares de linguística a nível da formação pré-graduada, por *EFMP* integrar o último semestre lectivo dos seus cursos (estão nesta situação os estudantes da licenciatura em LLC)³⁹, outros poderão ainda vir a frequentar, obrigatória ou opcionalmente, outras disciplinas desta área. Para estes últimos, cremos que nos cabe um papel de motivação importante que, pondo em realce o estatuto privilegiado da linguística enquanto disciplina a quem competem as importantes dimensões formativa e informativa a que temos aludido, encoraje a escolha de disciplinas desta área científica sempre que essa opção venha a revelar-se curricularmente disponível. Transmitir o entusiasmo e a consciência da importância da linguística constituirá então um desígnio claramente assumido no âmbito desta motivação.

³⁹ Junto dos estudantes abrangidos por esta situação, julgamos ser pertinente aproveitar esta circunstância para se efectuar um “balanço final”, explícito e sistematizado, que avalie o impacto das várias disciplinas de linguística frequentadas sobre a formação atingida no termo do percurso universitário destes finalistas.

3.3 – *Planeamento vs. concretização do projecto curricular apresentado neste relatório*

Antes de procedermos à inventariação dos objectivos da disciplina, sublinhamos um aspecto que se aplica à totalidade deste relatório: a planificação do trabalho aqui proposta no âmbito da disciplina de *EFMP*, como parece ajustado a um relatório desta natureza, parte de um cenário que poderíamos classificar como *ideal*. Tal cenário pressupõe, por parte dos estudantes, uma forte motivação para o estudo e para o trabalho, com um envolvimento discente muito significativo na parcela desse trabalho que consiste no trabalho individual de leitura da bibliografia, de estudo, de resolução de exercícios práticos, de elaboração de trabalhos e de participação activa nas aulas. Pressupõe-se ainda, da parte da instituição, a disponibilização das melhores condições de trabalho ao professor e aos estudantes da disciplina (a nível, p. ex., dos recursos bibliográficos e informáticos, da disponibilidade horária do professor para atendimentos individualizados, etc.).

Naturalmente, o cenário *real* em que as propostas de trabalho aqui delineadas ganharão forma diferirá, nuns anos mais do que noutros (em função de condicionalismos externos), da situação *ideal* em que aqui são contextualizadas tais propostas. Uma adaptação destas e do trabalho efectivamente concretizado às condições reais de trabalho deverá sempre resultar, em cada ano lectivo e em cada turma, de uma avaliação crítica da situação concreta posta à disposição do professor e dos estudantes.

4. Objectivos da disciplina

Planear o trabalho a desenvolver numa disciplina universitária pressupõe que os estudantes adquiram e desenvolvam um conjunto de conhecimentos e competências que se apresentam, assim, como os objectivos finais do trabalho efectuado no âmbito da cadeira durante o semestre.

A consecução de tais objectivos por parte dos estudantes é, de resto, um factor orientador muito importante para a definição dos conteúdos programáticos aqui propostos para a disciplina de *EFMP*, bem como para a escolha das obras contempladas pela bibliografia que acompanha o respectivo programa, devendo ser também uma variável a ter em conta em toda a actividade pedagógica desenvolvida pelo professor a nível do planeamento e execução das aulas, da preparação de actividades complementares, da elaboração das provas de avaliação e das propostas dos trabalhos sugeridos à turma.

Tais objectivos encontram-se enumerados nas secções seguintes do presente capítulo, onde os dividimos em duas categorias principais:

- numa primeira categoria, elencamos os conhecimentos e competências mais gerais, relacionadas com questões abrangentes, eventualmente aprofundando alguns aspectos que poderão ter sido introduzidos em disciplinas anteriormente oferecidas a estes estudantes (tais como, designadamente, as unidades curriculares de *Bases de Análise Gramatical* e/ou *Introdução à Linguística*). Estes objectivos, de acordo com a presente proposta, deverão ser plenamente atingidos, em princípio, por *todos* os estudantes com aproveitamento na disciplina;

- num segundo nível, incluímos os conhecimentos e competências de carácter mais específico; relativamente a este nível de objectivos, é esperado um aprofundamento rigoroso de aspectos mais especializados que constituirão, em princípio, assuntos nunca abordados

anteriormente pelos estudantes. Estes últimos objectivos, naturalmente, dada a dificuldade inerente à maior parte deles, serão atingidos em graus diferentes pelos diversos estudantes, em função dos seus interesses, das suas motivações iniciais e do esforço colocado no estudo e no trabalho para a disciplina, o que deverá por sua vez traduzir-se nas diferentes classificações a atribuir aos estudantes da turma.

Uma última ressalva deve ser feita ainda à conveniência de uma visão integrada de todos os objectivos aqui formulados: ainda que tais objectivos sejam de seguida apresentados sob a forma de um inventário de conhecimentos diversos, tais itens não são aqui concebidos como uma lista de conhecimentos avulsos e adquiridos de forma puramente cumulativa. Pelo contrário, procurar-se-á inculcar nos estudantes a consciência da inter-relação entre todos os tópicos contemplados ao longo do semestre, sendo reforçada ainda a ideia de que a aquisição dos conhecimentos presente nesta parte do relatório deve traduzir – e deve resultar de – uma permanente atitude activa e construtiva do estudante perante as matérias com as quais é posto em contacto no contexto da disciplina de *EFMP*.

OBJECTIVOS GERAIS

1 – DOMÍNIO DOS CONCEITOS BÁSICOS DE FONÉTICA, FONOLOGIA, MORFOLOGIA E DIALECTOLOGIA

1.1 – Conhecimentos elementares de fonética articulatória tradicional e transcrição fonética:

a) Descrição funcional geral das estruturas contidas no aparelho fonador;

b) Distinções articulatórias fundamentais:

b.1) Sons surdos e sonoros (funcionamento da glote);

b.2) Sons orais e nasais (funcionamento do véu palatino);

b.3) Consoantes e vogais (obstrução oral à passagem do ar);

b.4) Pontos e modos de articulação (consoantes);

b.5) A configuração vocálica (vogais);

c) Categorização tradicional dos sons da fala realizados em português com base em propriedades fonéticas articulatórias: consoantes, vogais e semivogais; sons surdos e sons sonoros; sons orais e sons nasais; consoantes obstruintes e soantes; obstruintes oclusivas e fricativas; soantes nasais e líquidas; líquidas laterais e vibrantes; vibrantes simples e múltiplas; os diferentes pontos de articulação consonânticos (consoantes bilabiais, labiodentais, ápico-alveolares, predorso-alveolares, predorso-prepalatais, dorsopalatais, posdorso-velares e posdorso-uvulares); vogais orais e nasais; vogais altas (fechadas), médias-altas (semifechadas), médias-baixas (semiabertas) e baixas (abertas); vogais anteriores, centrais e recuadas; vogais arredondadas e não-arredondadas;

d) Principais símbolos e convenções do Alfabeto Fonético Internacional. Vantagens de um sistema de transcrição fonética universal sobre a transcrição ortográfica corrente.

1.2 – As unidades e conceitos centrais da fonologia e da morfologia:

- a) o fonema; a distinção entre fonema, fone e alofone;
- b) unidades fonológicas não-segmentais:
 - b.1) infrassegmentais: o traço distintivo; a noção de “autossegmento”;
 - b.2) suprasegmentais: a sílaba e os constituintes silábicos;
 - b.3) propriedades suprasegmentais: o acento; a entoação;
 - b.4) unidades e propriedades não-segmentais verificadas noutras línguas: a mora; o tom;
- c) o morfema; a distinção entre morfema, morfe e alomorfe;
- d) diversos tipos de morfema:
 - d.1) morfemas aditivos, reduplicativos, alternativos e substractivos;
 - d.2) morfemas zero, morfemas vazios, morfemas etimológicos e morfemas supérfluos;
 - d.3) morfemas cumulativos;
 - d.4) morfemas “cranberry” (*hapax legomena*);
 - d.5) morfemas gramaticais *vs.* lexicais;
 - d.6) morfemas flexionais *vs.* derivacionais;
 - d.7) as noções de morfema e forma: formas livres, formas presas e formas dependentes; palavras morfologicamente simples (indecomponíveis) e complexas (decomponíveis);

- e) raiz derivacional, radical flexional, marcador de classe, tema, afixos derivacionais e morfemas flexionais;
- f) a palavra; diversos critérios para a delimitação de unidades diferentes – palavra morfológica, palavra morfossintáctica e palavra fonológica;
- g) o clítico; palavras fonológicas e grupos clíticos;
- h) o léxico: léxico e gramática; as representações lexicais; o léxico mental; as noções de lexema e forma citacional;
- i) alomorfa, representação lexical e supletividade;
- j) formas subjacentes, representações de superfície e realizações fonéticas;
- k) economia linguística: economia estrutural e economia descritiva;
- l) as diversas unidades contempladas nesta secção na sua relação com a dupla articulação da linguagem (Martinet).

1.3 – Processos fonológicos:

- a) a noção de processo fonológico; processos fonológicos e adição, apagamento e modificação de segmentos;
- b) processos fonológicos, derivação (fonológica) e regras fonológicas;
- c) representações fonológicas teóricas: estrutura subjacente, representação lexical, estrutura de superfície;
- d) a natureza lexical ou pós-lexical de certos processos e propriedades fonológicas;
- e) processos assimilatórios e dissimilatórios: assimilação, dissimilação, metafonía, harmonização vocálica;
- f) aplicação de regras e processos: a noção de classe natural;
- g) motivações históricas (diacrónicas) de alguns processos fonológicos.

1.4 – Processos de formação de palavras:

- a) flexão;
- b) derivação:
 - b.1) derivação afixal – prefixação, infixação, sufixação, circunfixação e parassíntese;
 - b.2) derivação não-afixal – conversão, posverbalização;
- c) composição: composição morfológica e composição morfossintáctica;
- d) outros processos de enriquecimento lexical e formação de palavras:
 - d.1) abreviação: acronímia, siglação e truncagem;
 - d.2) amálgama;
 - d.3) empréstimos.

1.5 – A divisão do léxico em classes com base nas propriedades morfossintáticas das palavras e morfemas:

- a) as “partes do discurso” desde a gramática greco-latina;
- b) categorias gramaticais na gramática tradicional;
- c) categorias lexicais e categorias sintagmáticas;
- d) classes abertas (nome, verbo, adjectivo, advérbio, interjeição) e classes fechadas (pronome, determinante, quantificador, preposição, conjunção) em português.

1.6 – Problematização da distinção tradicional entre derivação e flexão; a representação dos processos derivacionais e flexionais no léxico teórico da língua.

2 – DISTINÇÕES TEÓRICAS FUNDAMENTAIS E RELAÇÃO ENTRE OS DIVERSOS DOMÍNIOS DISCIPLINARES CONTEMPLADOS PELO PROGRAMA DE *EFMP*

2.1 – A distinção entre fonética e fonologia:

- a) a perspectiva clássica de Nikolai Troubetzkoy;
- b) a distinção entre contrastes distintivos (fonémicos) e não-distintivos (subfonémicos ou alofónicos);
- c) algumas problematizações recentes: a fonologia de laboratório;
- d) bases fonéticas da análise fonológica e implicações fonológicas da investigação fonética.

2.2 – As relações entre a fonologia e a morfologia:

- a) a explicação de todos os factos morfológicos pela componente fonológica da gramática no quadro SPE (Chomsky & Halle 1968);
- b) fonologia e morfologia no quadro da fonologia lexical (Mohan, Kiparsky) e da morfologia prosódica (McCarthy);
- c) a representação lexical; aspectos fonológicos lexicais e pós-lexicais;
- d) alguns processos linguísticos que demonstram a inter-relação destes dois domínios:
 - d.1) o acento;
 - d.2) fenómenos a que está sujeita a vogal temática verbal do português: metafonía; apagamento e harmonização vocálica;
 - d.3) alomorfa;
 - d.4) supletividade;
 - d.5) a alternância fonológica;

e) problematização da necessidade de uma componente morfológica na arquitectura da gramática:

- e.1) línguas não-flexionais;
- e.2) línguas isolantes;
- e.3) a não-universalidade da distinção morfema/palavra.

3 – HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA

3.1 – As grandes correntes da História da Linguística do século XX: Estruturalismo *vs.* Generativismo. Traços gerais da oposição;

3.2 – Marcos históricos da evolução do pensamento linguístico no século XX:

Saussure;

o Círculo Linguístico de Praga (Jakobson, Troubetzkoy, ...);

Bloomfield e o “Estruturalismo Americano”;

Martinet;

Chomsky e os diversos modelos teóricos da Gramática Generativa (modelo “standard”;

Teoria dos Princípios e Parâmetros; Programa Minimalista);

a integração da pragmática no domínio da descrição linguística;

domínios de interdisciplinaridade – a sociolinguística, a psicolinguística, a neurolinguística;

a Teoria da Optimidade.

3.3 – O lugar da fonologia e da morfologia e da relação entre estes dois domínios nos principais autores do Estruturalismo e do Generativismo.

3.4 – Principais desenvolvimentos da fonologia generativa não-linear (“modelos post-SPE”):
Fonologia Autossegmental, Fonologia Métrica e Fonologia Lexical.

3.5 – As principais descrições da fonologia e da morfologia do português europeu e do português do Brasil à luz destes quadros teóricos.

4 – A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

4.1 – A noção de variação linguística; a variação linguística enquanto característica intrínseca a todas as línguas naturais.

4.2 – Principais variáveis motivadoras da variação linguística: tempo, espaço e sociedade.

4.3 – A variação linguística verificada em diversos módulos linguísticos: variação lexical, morfossintáctica e fonético-fonológica.

4.4 – Tipos clássicos de variação linguística: diastrática, diafásica, diatópica e diacrónica:

4.4.1 – A sistematicidade da variação linguística e da sua relação com factores extralinguísticos.

4.5 – As noções de dialecto, sociolecto e idiolecto.

4.6 – Variação linguística e linguística descritiva, sociolinguística e dialectologia.

4.7 – Noções clássicas de dialectologia: linhas isoglossas (isoléxicas e isófonas); variação estratificada e variação estilística; variação vertical.

4.8 – Atitude normativa *vs.* atitude descritiva perante o fenómeno de variação linguística.

5 – PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS FONOLÓGICAS E MORFOLÓGICAS INDIVIDUALIZADORAS DO PORTUGUÊS EUROPEU CONTEMPORÂNEO

5.1 – Vocalismo tónico *vs.* vocalismo átono; a elevação e centralização/recuo das vogais átonas; o apagamento fonético das vogais átonas.

5.2 – Princípios gerais organizadores dos inventários consonântico e vocálico.

5.3 – Principais restrições fonotácticas do português; estruturas silábicas do português.

5.4 – O condicionamento morfológico do acento de palavra.

5.5 – Próclise, ênclise e mesóclise na combinação verbo-pronominal.

5.6 – Concordâncias de género e número no interior do sintagma nominal.

5.7 – Flexão casual no pronome pessoal: formas rectas e formas oblíquas.

6 – DOMÍNIO ACTIVO CORRECTO DAS SEGUINTEs TÉCNICAS E METODOLOGIAS

6.1 – Transcrição fonética estreita e larga de trechos do português em diversas variedades dialectais, inclusive a partir de amostras orais, adoptando os símbolos e seguindo as principais convenções formais da International Phonetic Association;

6.2 – Identificação genérica da proveniência dialectal de falantes do português europeu (e, em traços muito gerais, de variedades não-europeias do português) a partir da identificação explícita de marcas dialectais associadas às diversas variedades;

6.3 – Classificação articulatória tradicional de todas as consoantes e vogais do português;

6.4 – Classificação de todas as consoantes e vogais do português de acordo com o sistema de traços binários de Mateus (1975) inspirado em Chomsky & Halle (1968);

6.5 – Utilização adequada dos conceitos operatórios, da terminologia científica corrente e das principais técnicas de análise e descrição linguísticas em uso nos domínios da fonologia e da morfologia;

6.6 – Classificação e análise morfológica correcta das palavras e descrição adequada de todos os processos de formação e enriquecimento lexical.

7 – INTERIORIZAÇÃO DAS SEGUINTEs ATTITUDES PROCEDIMENTAIS, ÉTICAS E METODOLÓGICAS

7.1 – Adopção de uma perspectiva profissional, não judicativa e não valorativa, perante o fenómeno da variação linguística, nomeadamente em contexto de ensino-aprendizagem da língua materna, sabendo fomentar em futuros estudantes a consciência dessa variação e das implicações sociais da mesma;

7.2 – Clara distinção entre a realização fónica e a representação gráfica da língua;

7.3 – Clara distinção entre as representações lexicais teóricas e as correspondentes realizações fonéticas;

7.4 – Adopção de uma atitude de abertura crítica perante a co-existência de quadros teóricos alternativos, traduzida num esforço de compreensão dos argumentos emanados das diferentes interpretações disponíveis e do seu confronto com os dados linguísticos e com argumentações alternativas;

7.5 – Interiorização de todos os procedimentos éticos imprescindíveis à realização de estudos de campo ou similares;

7.6 – Domínio profissional das práticas de escrita científica correntes no campo dos estudos linguísticos: domínio das convenções formais e estilísticas correntes; uso e indicação correctos de todas as fontes utilizadas e citadas; domínio das principais técnicas de análise qualitativa e quantitativa dos dados; domínio correcto das técnicas de citação e paráfrase.

OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

1 – FONÉTICA DO PORTUGUÊS

- 1.1 – Classificação articulatória tradicional de todas as consoantes e vogais do português.
- 1.2 – Conhecimento activo e passivo de todos os símbolos e das principais convenções do Alfabeto Fonético Internacional utilizados na transcrição fonética do português.
- 1.3 – Problematização das noções de consoante e vogal e confronto das mesmas com as de contóide e vocóide.
- 1.4 – Problematização da inclusão das consoantes soantes na classe das consoantes; propriedades fonéticas e fonológicas que aproximam as consoantes soantes das vogais em várias línguas do mundo e no português.

2 – FONOLOGIA DO PORTUGUÊS

- 2.1 – O inventário segmental do português:
 - 2.1.1 – Contrastes fonémicos e alofónicos em português europeu contemporâneo;
 - 2.1.2 – A organização interna do inventário segmental do português;
 - 2.1.2.1 – Consoantes: obstruintes e soantes:
 - 2.1.2.1.1 – Oposições de vozeamento e de modo e ponto de articulação nas obstruintes do português: oclusivas e fricativas;
 - 2.1.2.2 – Oposições de nasalidade, modo e ponto de articulação nas soantes do português: nasais e líquidas (laterais e vibrantes);
 - 2.1.2.3 – Vogais: oposições de altura, abertura, posição longitudinal da língua e arredondamento labial;

2.1.2.4 – As semivogais:

2.1.2.4.1 – Características fonéticas;

2.1.2.4.2 – O estatuto prosódico das semivogais e ditongos:

a) as semivogais como realizações fonéticas de vogais teóricas;

b) ditongos crescentes e decrescentes:

c) a legitimação prosódica das semivogais dos ditongos decrescentes: núcleos ramificados ou codas preenchidas?;

d) as designações contóide/vocóide (de base fonética) e consoante/vogal (de base fonológica/fonotáctica); as semivogais como “consoantes” – comutabilidade com contóides em pares mínimos e ocorrência em margem de sílaba;

e) ditongos e hiatos – nível fonético e nível fonológico.

2.1.3 – Padrões distribucionais das consoantes e vogais do português.

2.1.3.1 – Distribuição livre e distribuição complementar das unidades fonológicas em português. Realizações alofónicas dos fonemas. A neutralização de algumas oposições distintivas em determinados contextos: fonemas e arquifonemas em português.

2.1.4 – Alguns casos problemáticos:

2.1.4.1 – O sistema das vibrantes em português;

2.1.4.2 – O estatuto fonológico da vibrante múltipla em português;

2.1.4.3 – O estatuto fonológico das vogais nasais em português;

2.1.4.4 – O estatuto fonológico das semivogais e ditongos em português;

2.1.4.5 – O estatuto fonológico do chevá em português;

2.1.4.6 – O problema da especificação dos segmentos fonológicos nas representações lexicais.

- 2.1.5 – Traços distintivos na organização interna do sistema segmental do português:
 - 2.1.5.1 – A matriz fonológica de Mateus (1975). Redundância e subespecificação no interior da matriz fonológica;
 - 2.1.5.2 – Classes naturais do português;
 - 2.1.5.3 – Questões de subespecificação em português: traços, vogais e consoantes subespecificados em português;
 - 2.1.5.4 – Organização hierárquica dos traços distintivos em português. Referência aos modelos de “Geometria de Traços”.

- 2.2 – Processos fonológicos em português. Descrição estrutural e formalização dos processos; discussão do carácter lexical ou pós-lexical destes processos; motivação histórica e aspectos diacrónicos de alguns destes processos:
 - 2.2.1 – Velarização de /l/ em coda silábica;
 - 2.2.2 – Fricatização das oclusivas sonoras;
 - 2.2.3 – Especificação de /S/;
 - 2.2.4 – Desvozeamento de sílabas finais átonas;
 - 2.2.5 – Nasalização;
 - 2.2.6 – Metátese;
 - 2.2.7 – Elevação e centralização/recuo das vogais átonas:
 - 2.2.7.1 – Excepções à aplicação das regras do vocalismo átono e o seu contributo para a delimitação da palavra.
 - 2.2.8 – Apagamento das vogais átonas.

- 2.3 – Aspectos prosódicos do português:
 - 2.3.1 – Regras fonotácticas do português:
 - 2.3.1.1 – Estruturas silábicas do português:

2.3.1.1.1 – O ataque em português: ataques iniciais e não-iniciais; ataques vazios, simples e ramificados. O Princípio da Sonoridade e a Condição de Dissemelhança na construção dos ataques ramificados em português. Sequências consonânticas marcadas em português e a hipótese do “núcleo vazio” (Mateus & E. D’Andrade 1998; 2000).
Problematização do estatuto prosódico das combinações Obstruinte+Lateral em português;

2.3.1.1.2 – A rima em português. Extensão máxima da rima. Solidariedade interna da rima. Restrições fonotáticas partilhadas entre núcleo e coda:

2.3.1.1.2.1 – O núcleo em português:

- a) núcleos não-ramificados;
- b) a hipótese do núcleo ramificado (ditongos decrescentes);
- c) a hipótese do núcleo vazio (perante sequências consonânticas em violação do Princípio da Sonoridade e/ou da Condição de Dissemelhança);

2.3.1.1.2.2 – A coda em português:

- a) prevalência das sílabas abertas em português;
- b) restrições quantitativas e qualitativas ao preenchimento da coda silábica em português; a actuação do Princípio da Dispersão da Sonoridade;
- c) o esvaziamento da coda silábica como uma tendência histórica da fonologia do português;
- d) a hipótese de codas ramificadas em português;

2.3.1.2 – Restrições fonotáticas verificadas nos limites esquerdo e direito da palavra em português e o seu contributo para uma melhor avaliação linguística do conceito de *palavra*.

2.3.2 – O acento de palavra em português

- a) função culminativa e distintiva do acento em português; acento e periferia de palavra em português;
- b) acento e propriedades morfológicas da palavra em português; acento nominal *vs.* acento verbal;
- c) acento e peso silábico em português: a inexistência de proparoxítonos com penúltima sílaba pesada;
- d) acento e delimitação da palavra fonológica;
- e) problematização da distinção entre acento principal, acento primário e acento secundário em português;
- f) modelos rítmicos de atribuição de acento em português;
- g) acento e redução do vocalismo átono.

2.3.3 – Unidades prosódicas; discussão da sua relevância para a descrição fonológica do português: sílaba (σ); pé (Σ); palavra fonológica (ω); grupo clítico (C); sintagma fonológico (φ); sintagma entoacional (I); enunciado (U):

2.3.3.1 – A palavra fonológica. Critérios para a sua delimitação. Fenómenos sensíveis à delimitação da palavra fonológica: elisão e iodização de *chevá* final; palavra fonológica e grupo clítico em português;

2.3.3.2 – Interação prosódica fonologia-sintaxe e fonologia-pragmática: estruturação prosódica dos enunciados; marcas prosódicas associadas à desambiguação sintáctica e à marcação de foco em português;

2.3.3.3 – Ritmo silábico e ritmo acentual na oposição entre português europeu e português do Brasil.

3 – MORFOLOGIA DO PORTUGUÊS

3.1 – Estrutura interna das palavras em português:

- a) raiz derivacional;
- b) afixos derivacionais;
- c) radical flexional;
- d) marcadores temáticos e tema;
- e) morfemas flexionais.

3.2 – Critérios para a identificação e delimitação da palavra em português:

3.2.1 – Atribuição de acento e palavra fonológica; outras marcas fonológicas associadas à identificação/delimitação da palavra fonológica;

3.2.2 – Categoria morfossintáctica, função sintáctica e palavra morfossintáctica;

3.2.3 – Marcas e processos flexionais e palavra morfológica;

3.2.4 – O caso particular dos advérbios em *–mente* e dos nomes formados com o sufixo *z-* avaliativo.

3.3 – Processos derivacionais em português:

3.3.1 – Derivação afixal:

- a) prefixação;
- b) sufixação;
- c) diferenças entre processos prefixais e sufixais: selecção categorial e determinação da classe lexical das palavras derivadas; atribuição de acento e de género das palavras derivadas;
- e) parassíntese;
- f) problematização da hipótese de infixação na formação de palavras do português;

3.3.2 – Derivação não-afixal:

- a) conversão;
- b) formação de posverbaís (problematização da designação “derivação regressiva”).

3.4 – Composição de palavras em português:

3.4.1 – Discussão das “palavras compostas” à luz das noções de *palavra fonológica*, *palavra morfológica* e *palavra morfossintática*. Os compostos morfossintáticos como a aglomeração, numa palavra morfossintática, de duas palavras fonológicas e morfológicas;

3.4.2 – Composição morfológica e composição morfossintática:

- 3.4.2.1 – Os compostos morfológicos e os “sufixos eruditos”. Problematização do estatuto destas palavras enquanto “compostos”.

3.5 – Outros processos de enriquecimento lexical:

3.5.1 – Processos de abreviação e de amálgama. Discussão do seu estatuto morfológico;

3.5.2 – Os empréstimos lexicais.

3.6 - Processos flexionais em português:

3.6.1 – Flexão verbal:

3.6.1.1 – As categorias flexionais do verbo em português: modo-tempo e número-pessoa;

3.6.1.2 – A vogal temática como marcador de classe. A divisão tradicional dos verbos do português em três conjugações em função da vogal temática. Problematização desta divisão: “conjugação produtiva” (“primeira conjugação”) *vs.* “conjugações históricas” (“segunda e terceira conjugações”); marcas formais que distinguem a primeira das segunda e terceira conjugações: pretérito imperfeito do indicativo (*-va- vs. -ia-*), presente do conjuntivo (*-e vs. -a-*), particípio passado (*-ado vs. -ido*);

3.6.1.3 – Morfemas flexionais verbais em português;

3.6.1.4 – Supletividade do radical em português;

3.6.1.5 – Irregularidades da flexão verbal em português:

a) verbos defectivos; o caso particular dos impessoais e unipessoais;

b) “flexão abundante”;

3.6.1.6 – Fenómenos fonológicos a que está sujeita a vogal temática verbal do português:

a) apagamento;

b) metafonia;

c) harmonização vocálica; harmonização vocálica e abaixamento da última vogal do radical;

3.6.1.7 – Principais fenómenos de alomorfia registados na flexão verbal do português;

3.6.1.8 – A determinação da forma subjacente de alguns morfemas flexionais verbais do português; o caso particular da determinação da forma subjacente do morfema de segunda pessoa do plural;

3.6.1.9 – Interpretação fonológica dos processos de flexão verbal do português.

3.6.2– Flexão nominal em português:

3.6.2.1 – As categorias flexionais do português: flexão de número; problematização das categorias *género* e *grau* enquanto categorias flexionais nominais em português;

3.6.2.2 – O género como uma concordância formal dentro do sintagma nominal, independente da categoria biológica *sexo* e da terminação das palavras;

3.6.2.3 – Marcadores de classe na flexão nominal do português. Problematização da noção de “vogal temática” na flexão nominal do português;

3.6.2.4 – Morfemas flexionais nominais do português;

3.6.2.5 – Casos particulares:

3.6.2.5.1 – Nomes terminados em /l/;

3.6.2.5.2 – Nomes com singular terminado em *-ão*;

3.6.2.5.3 – Nomes formados com sufixo *z-avaliativo*.

3.6.3 – A flexão do pronome pessoal em português: formas rectas e formas oblíquas.

3.7 – Aspectos morfológicos das “palavras invariáveis” e das formas indecomponíveis do português: problematização da distinção palavra / morfema nas classes dos *advérbios*, *conjunções* e *preposições*:

3.7.1 – Estrutura interna e aspectos prosódicos dos advérbios em *-mente*.

3.8 – A divisão do léxico do português em categorias morfossintáticas. Classes abertas *vs.* classes fechadas. Estrutura interna e propriedades morfossintáticas e fonológicas dos itens das classes:

3.8.1 – *Nome*;

3.8.2 – *Verbo*;

3.8.3 – *Adjectivo*;

3.8.4 – *Advérbio*;

3.8.5 – *Interjeição*;

3.8.6 – *Pronome*;

3.8.7 – *Determinante*;

3.8.8 – *Quantificador*;

3.8.9 – *Preposição*;

3.8.10 – *Conjunção*.

3.9 – Exemplos de interacção fonologia/morfologia:

3.9.1 – Acento nominal e acento verbal em português;

3.9.2 – Alomorfa do morfema de plural nominal;

- 3.9.3 – Metafonia da vogal final de morfemas de pessoa-número e da vogal temática verbal;
- 3.9.4 – Harmonização vocálica e abaixamento da última vogal do radical na flexão verbal do português;
- 3.9.5 – Supletividade e opacidade fonológica na determinação da forma teórica de alguns morfemas flexionais do português;
- 3.9.6 – Alternâncias fonológicas de grau de abertura de /E/ e /O/ motivadas pela classe gramatical em que ocorrem dentro de raízes derivacionais partilhadas por verbo e nome (“harmonização vocálica).
- 3.10 – A noção de PALAVRA em português:
- 3.10.1 – Dificuldades inerentes à definição da palavra. Problematização do carácter universal desta unidade linguística;
- 3.10.2 – Palavra ortográfica, palavra morfológica, palavra morfossintáctica e palavra fonológica;
- 3.10.3 – Palavra gramatical e palavra lexical;
- 3.10.4 – Critérios para a delimitação da palavra morfossintáctica: comutabilidade com uma palavra não-composta; núcleo de categoria sintagmática com função sintáctica atribuída;
- 3.10.5 – Critérios para a delimitação da palavra fonológica: domínio de acento; domínio de processos/regras fonológicas (vocalismo átono, iodização/apagamento de chevá final, ...);
- 3.10.6 – Critérios para a delimitação da palavra morfológica: domínio da aplicação de um processo flexional;
- 3.10.7 – Fenómenos e condições fonológicas sensíveis à palavra e pertinentes para a sua identificação/delimitação em português:
- 3.10.7.1 – Restrições fonotácticas particulares sensíveis ao limite (esquerdo ou direito) de palavra;
- 3.10.7.2 – Minimalidade;

3.10.7.3 – Acento e vocalismo átono.

4 - VARIAÇÃO DIALECTAL DO PORTUGUÊS

4.1 – A divisão dos dialectos do português segundo a proposta de Cintra (1971)

- a) Dialectos setentrionais;
- b) Dialectos centro-meridionais;
- c) Dialectos insulares;
- d) Sub-áreas dialectais delimitadas: Baixo Minho e Douro Litoral; Beira Baixa e Alto Alentejo; Barlavento algarvio.

4.2 – As isoglossas contempladas por Cintra (1971) e a problematização da sua pertinência para a divisão dialectal do português europeu contemporâneo.

4.3 – Algumas mudanças fonético-fonológicas em curso no português europeu.

4.4 – A integração morfológica e fonológica dos empréstimos lexicais em português.

4.5 – Principais marcas que distinguem os dialectos europeus dos dialectos não-europeus do português.

5. Programa da disciplina

5.1 – *Justificação prévia*

Nesta secção do relatório, procederemos à apresentação do programa proposto para a disciplina de *Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português*.

Para a elaboração da presente proposta, foram tidos em conta os *objectivos* fixados para a unidade curricular em apreço, de acordo com o exposto no capítulo 4, bem como o seu *enquadramento curricular* (explorado em 1.1 e 3.2).

Por outro lado, sublinhamos que o programa que passamos a propor é indissociável da bibliografia que o completa (vd. cap. 6). Sem uma familiarização intensiva e profunda dos estudantes com a leitura crítica das obras contempladas por essa bibliografia, a compreensão cabal dos tópicos incluídos no programa, devidamente enquadrados nas diversas orientações teóricas contempladas, torna-se precária ou mesmo inatingível.

Finalmente, devemos referir que é do programa e da bibliografia que decorre principalmente o planeamento das actividades lectivas previstas para o semestre (vd. cap. 8), nestas incluídas as actividades propostas aos estudantes no contexto da sua avaliação escolar, conforme são apresentadas no capítulo 9.

Com estas observações gerais, é nosso objectivo sublinhar que, ao considerarmos o programa de uma disciplina universitária um documento-chave para o funcionamento das actividades planeadas para o semestre, não o encaramos, porém, como *o único* instrumento orientador desse trabalho previsto. Por outras palavras, defendemos que o programa deve ser perspectivado de forma conjugada com outros documentos orientadores, como a lista de objectivos da disciplina ou o planeamento das actividades do semestre, isto é, como uma parte *central mas não exclusiva* de um projecto curricular mais vasto e articulado. Assim, defendemos

que a completa avaliação do programa a seguir proposto só se torna possível, em nosso entender, em presença da sua conjugação permanente com os objectivos, a bibliografia e o planeamento com que tal programa deverá combinar-se.

No programa que passamos a apresentar, não evitámos tópicos mais complexos ou acerca dos quais co-existem entendimentos diferentes. Esta característica é encarada neste relatório como um desafio ao trabalho de professor e alunos. Subscrevemos aqui a ideia de que a formação universitária é, por natureza, complexa e exigente, sublinhando a necessidade de um esforço acrescido quando se trata do domínio de questões como as contempladas neste programa. De resto, esta necessidade é inequivocamente explicitada, com grande insistência, nas primeiras sessões lectivas do semestre.

Ainda a nível dos conteúdos contemplados pelo programa, julgamos necessário salvaguardar o seguinte: a intenção de actualização⁴⁰ dos conteúdos programáticos não deve traduzir-se, de forma alguma, no apagamento de pontos de vista, orientações ou indicações bibliográficas consideradas “clássicas” nos domínios contemplados pelo programa. Pelo contrário: um dos vectores estruturantes do programa e da bibliografia aqui propostos

⁴⁰ A actualização dos conteúdos trabalhados na disciplina contemplará também, em diferentes momentos e modalidades do trabalho efectuado, uma familiarização dos estudantes com os resultados da investigação desenvolvida no contexto da FLUP e do CLUP, sendo inevitável, neste contexto, a apresentação da investigação realizada ou conduzida pelo professor da disciplina. Através deste contacto dos estudantes com a pesquisa científica produzida pelos linguistas que são seus professores, pretende-se, além do alargamento dos conhecimentos dos estudantes e do fomento do seu contacto com o maior número possível de interpretações e quadros teóricos alternativos, levá-los a interiorizar de uma forma mais directa e, ao mesmo tempo, mais pessoal a natureza e a importância do trabalho científico. Esta vertente do trabalho desenvolvido no âmbito da disciplina constituirá uma das manifestações do esforço de motivação dos estudantes para a investigação e para a linguística que acima identificámos como um dos objectivos do trabalho a implementar.

identifica-se plenamente com a interiorização, pelos estudantes, dos pontos de vista clássicos nos principais domínios trabalhados. Assim, parte importante do trabalho a desenvolver consistirá na reflexão sobre os conceitos e as unidades que hoje constituem as noções basilares desses domínios e na familiarização com os textos fundamentais acerca desses mesmos pontos de vista⁴¹.

Com base em todas as considerações anteriormente formuladas, é subscrita a proposta de programa que passamos a explicitar de imediato.

⁴¹ Um exemplo que consideramos elucidativo deste aspecto encontra-se na exploração da diferença entre o plano fonético e o plano fonológico: embora esteja prevista, na abordagem a este tema, a leitura de textos mais recentes sobre o assunto, nomeadamente os capítulos dos manuais universitários de fonologia contemplados pelo programa da disciplina que se debruçam sobre esta distinção (p. ex., e entre outros: Katamba 1989: 1-34; Clark & Yallop 1990: 1 e ss.; Carr 1993: 1-32; Spencer 1996: 1 e ss.; Gussenhoven & Jacobs 1998: 19 e ss.), não será dispensado o contacto directo dos estudantes com os trechos da obra fundadora em que Troubetzkoy (1939) discute este assunto e lança as bases, que perduram até aos nossos dias, desta distinção epistemológica fundamental para o campo disciplinar em que se insere o trabalho desenvolvido em *EFMP*.

5.2 – Proposta de programa para a unidade curricular (semestral) de **Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português**

0 - Pontos prévios.

0.1 – A inserção da disciplina de *Estruturas Fonológicas e Morfológicas do Português* na área científica da linguística.

0.2 – Pressupostos iniciais: o conhecimento da língua como o *explicandum* do linguista; subdivisões da linguística em diversos campos disciplinares; o carácter central da fonologia e da morfologia na definição deste programa.

0.3 – Unidades centrais no estudo da fonologia e da morfologia: fonema/segmento; traço distintivo; sílaba; morfema; palavra.

1 – Transcrição fonética do português.

1.1 – A necessidade de um sistema de transcrição fonética maximamente regular e de aplicação comum a todas as línguas do mundo.

1.2 – As insuficiências dos sistemas correntes de transcrição ortográfica.

1.3 – Os princípios de um sistema de transcrição fonética.

1.4 – Transcrição fonética estreita *vs.* transcrição fonética larga.

1.5 – O Alfabeto Fonético Internacional (AFI).

1.6 – Símbolos e convenções do AFI utilizados na transcrição fonética do português.

1.7 – Transcrição fonética das variedades dialectais do português.

2 – Fonética articulatória do português.

2.1 – O aparelho fonador e a produção dos sons da fala.

2.2 – Descrição e classificação articulatória tradicional dos sons do português.

3 – Variação dialectal em português.

3.1 – Norma e variação.

3.2 - A variação linguística como uma característica intrínseca às línguas naturais. Variação: Fenómeno periférico (circunscrito às realizações fonéticas) ou central (presente na própria gramática)?

3.3 – Normativismo *vs.* descritivismo perante a variação linguística.

3.4 – Linguística e variação linguística. A perspectiva particular da linguística histórica, da sociolinguística e da dialectologia.

3.5 – Factores históricos, sociais e geográficos na variação linguística.

3.6 – Tipologia clássica da variação linguística: variação diacrónica, diatópica, diafásica e diastrática.

3.7 – A variação linguística nos vários níveis da gramática: variação fonético-fonológica; variação lexical; variação morfossintáctica.

3.8 – Noções clássicas de sociolinguística e dialectologia: variação estilística *vs.* variação estratificada; variação vertical; dialecto, sociolecto e idiolecto;

3.9 – Variedades europeias e não-europeias do português contemporâneo.

3.10 – A divisão dialectal do português europeu contemporâneo de acordo com a proposta de Cintra (1971).

3.11 – Variações em curso no português europeu contemporâneo.

4 – Aspectos segmentais da fonologia do português.

4.1 – Inventário segmental. A organização interna deste inventário.

4.1.1 – Oposições funcionais na organização do consonantismo do português: vozeamento; nasalidade; modo de articulação; ponto de articulação.

4.1.2 – Oposições funcionais na organização do vocalismo do português: altura; abertura; avanço/recuo; arredondamento labial.

4.1.3 – A distinção entre vocalismo tónico e vocalismo átono; vocalismo átono pré-tónico e pós-tónico (final e não final).

4.1.4 – Segmentos fonológicos admitidos no inventário teórico da língua e as suas realizações fonéticas e alofónicas.

4.2 – Padrões de distribuição dos segmentos consonânticos e vocálicos do português. Fonemas e alofones. Neutralização de oposições distintivas e arquifonemas em português: /L/, /N/, /R/, /S/ e arquifonemas vocálicos.

4.3 – A distinção entre vogais, consoantes e “semivogais” de um ponto de vista fonético e fonológico.

4.4 – Algumas questões problemáticas do inventário segmental do português.

4.4.1 – O estatuto fonológico das “vogais nasais”.

4.4.2 – O estatuto fonológico das semivogais e dos ditongos.

4.4.3 – O estatuto fonológico da vibrante múltipla.

4.4.4 - O estatuto fonológico do chevá.

4.5 – Processos fonológicos em português. Descrição estrutural, formalização e discussão do seu carácter lexical ou pós-lexical. Discussão da motivação diacrónica de alguns destes processos.

4.5.1 - Velarização de /l/ em coda silábica.

4.5.2 – Fricatização das oclusivas sonoras.

4.5.3 – Desvozeamento de sílabas finais átonas.

4.5.4 – Nasalização.

4.5.5 – Elevação e centralização/recuo das vogais átonas.

4.5.6 – Apagamento de vogais átonas.

4.5.7 – Especificação de /S/.

5 – Aspectos prosódicos da fonologia do português.

5.1 – Unidades suprasegmentais: sílaba, pé, palavra fonológica, grupo clítico, sintagma fonológico, sintagma entoacional, enunciado.

5.2 – Estruturas silábicas em português.

5.3 – Restrições fonotácticas e princípios prosódicos aplicados na constituição de:

5.3.1 – Ataques simples (iniciais e não-iniciais) e ramificados;

5.3.2 – Núcleos simples e ramificados;

5.3.3 – Codas finais e não-finais.

5.4 - O acento de palavra em português.

5.4.1 – Acento e periferia de palavra.

5.4.2 – Função culminativa e distintiva do acento de palavra em português.

5.4.3 – Acento e estrutura morfológica da palavra em português: regras de atribuição de acento em formas nominais e em formas verbais do português.

- 5.4.4 – Restrições quantitativas à atribuição de acento de palavra em português.
- 5.4.5 – Problematização da distinção entre acento principal, acento primário e acento secundário em português.
- 5.5 – Estrutura prosódica, estrutura sintáctica e estrutura informacional em português.
- 5.5.1 – Marcas prosódicas associadas à desambiguação sintáctica em português.
- 5.5.2 – Marcas prosódicas associadas à marcação de foco em português.
- 5.6 – Ritmo acentual e ritmo silábico no português europeu e no português do Brasil.

- 6 – Aspectos morfológicos do português.
- 6.1 – Tipos de morfema em português.
- 6.1.1 – Morfemas lexicais e morfemas gramaticais.
- 6.1.2 – Morfemas derivacionais e morfemas flexionais. A distinção entre processos derivacionais e processos flexionais e o seu lugar no léxico teórico da língua.
- 6.1.3 – Morfemas zero, morfemas cumulativos, morfemas vazios, morfemas etimológicos e *hapax legomena* na morfologia do português.
- 6.1.4 – As noções de morfema, morfe e alomorfe na descrição morfológica do português.
- 6.2 – Morfema, forma e palavra. Palavras plenas/vazias, palavras de conteúdo/funcionais, palavras lexicais/gramaticais.
- 6.2.1 – Critérios para a definição, identificação e delimitação dos diferentes tipos de palavra em português. Problematização da noção de palavra como unidade pertinente para a descrição linguística.
- 6.2.1.1 – Palavra morfológica.
- 6.2.1.2 – Palavra morfossintáctica.
- 6.2.1.3 – Palavra fonológica.

- 6.2.2 – Palavras simples e palavras complexas. Palavras variáveis e palavras invariáveis.
- 6.2.3 – As regras (morfológicas) de formação de palavras como diferentes das regras (sintáticas) de formação de frases.
- 6.2.4 – Classes de palavras em português.
- 6.3 – Morfologia derivacional do português.
 - 6.3.1 – Raiz e afixos derivacionais.
 - 6.3.2 – Prefixação, sufixação, infixação, circunfixação e parassíntese em português.
 - 6.3.3 – Derivação não-afixal em português: conversão e posverbalização.
- 6.4 – Processos composicionais em português: composição morfológica e composição morfossintática.
- 6.5 – Outros processos de enriquecimento lexical em português.
 - 6.5.1 – Abreviação: siglação; acronímia; truncação.
 - 6.5.2 – Amálgama.
 - 6.5.3 – Empréstimos lexicais. A integração fonológica e morfológica dos empréstimos em português.
- 6.6 – Flexão verbal em português.
 - 6.6.1 – Categorias da flexão verbal do português: modo-tempo e número-pessoa.
 - 6.6.2 – Estrutura interna das formas verbais em português.
 - 6.6.3 – Tema verbal, vogal temática e classes temáticas na flexão verbal do português. Fenómenos a que está sujeita a vogal temática verbal do português: apagamento; metafonía; harmonização vocálica (e abaixamento da última vogal do radical).
 - 6.6.4 – Morfemas flexionais verbais do português.
 - 6.6.5 – A forma teórica dos morfemas verbais do português. Principais realizações alomórficas a que estão sujeitos estes morfemas.

- 6.6.6 – Supletividade verbal.
- 6.6.7 – Principais irregularidades da flexão verbal em português: defectividade; “flexão abundante”.
- 6.7 – Flexão nominal em português.
 - 6.7.1 – A flexão de número em português.
 - 6.7.2 – Problematização do género enquanto categoria flexional nominal em português.
 - 6.7.3 – Problematização do grau enquanto categoria flexional nominal em português.
 - 6.7.4 – Marcadores temáticos nominais em português.
 - 6.7.5 – A estrutura interna da forma nominal em português.
 - 6.7.6 – Casos especiais de flexão nominal em português: a “flexão interna”; a flexão interna como um caso de harmonização vocálica.
 - 6.7.7 – Particularidades flexionais dos nomes:
 - 6.7.7.1 – terminados em /l/;
 - 6.7.7.2 – terminados em *-ão*;
 - 6.7.7.3 – formados com o sufixo *-z-avaliativo*.
- 6.8 – A flexão do pronome pessoal em português.
- 6.9 – Aspectos morfológicos das “palavras invariáveis” e das palavras indecomponíveis em português.
- 6.10 – Estrutura interna e aspectos prosódicos dos advérbios em *-mente*.
- 6.11 – A divisão do léxico do português em categorias morfossintáticas.
- 6.12 – Interação fonologia/morfologia na descrição/explicação dos seguintes fenómenos gramaticais:
 - 6.12.1 – Acento verbal e nominal em português;

6.12.2 – Alternâncias fonológicas morfológicamente motivadas: as alternâncias [e]/[ɛ] e [o]/[ɔ] dentro do radical de pares nome/verbo como fenómenos de harmonização vocálica entre a última vogal do radical e o marcador de classe;

6.12.3 – Supletividade verbal;

6.12.4 – Realizações alomórficas;

6.12.5 – Harmonização vocálica;

6.12.6 – Processos assimilatórios (metafonia);

7 – Síntese final: problematização crítica da noção de palavra enquanto noção pertinente para a descrição linguística do português.

5.3 – Considerações sobre o programa proposto para a unidade curricular de **Estruturas**

Fonológicas e Morfológicas do Português e algumas primeiras indicações metodológicas sobre a sua implementação em aula

De seguida, deter-nos-emos de forma mais demorada na análise dos principais vectores temáticos contemplados pelo programa proposto na secção anterior.

Na sequência da sua contextualização geral, discutida em capítulos anteriores, este programa pretende afirmar-se como um programa de **linguística descritiva do português** que elege a fonologia e a morfologia desta língua como as suas áreas centrais. Não se trata, portanto, de uma disciplina de linguística geral ou de linguística teórica, mas sim de uma disciplina de descrição dos dois capítulos centrais da gramática do português que acabámos de referir.

Como decorre do estatuto universitário desta disciplina e de todos os pressupostos discutidos nos capítulos antecedentes, a descrição que se pretende empreender ao abrigo deste programa será porém, necessariamente, uma descrição formatada pela área científica em que se insere o trabalho desenvolvido em *EFMP*. Isto é, tratar-se-á de uma descrição nos moldes da linguística descritiva, baseada e fundamentada nos conceitos, nas técnicas de análise e na bibliografia mais relevantes dessa área.

Como já foi afirmado, optámos por não circunscrever as abordagens desenvolvidas nesta disciplina a uma só orientação teórica, como se torna patente pela leitura do programa apresentado em 5.2 e da bibliografia proposta no capítulo seguinte. Quer no domínio da fonologia, quer no da morfologia, optámos por familiarizar os estudantes com as interpretações da corrente estruturalista e da corrente generativa. Este ecletismo teórico – que

se insere numa tradição longa do ensino destas áreas na FLUP, como tentámos demonstrar no capítulo 2 e que nos parece justificado numa disciplina de primeiro ciclo – manifestar-se-á sob duas formas básicas:

- nas ocasiões em que se procederá à apresentação de conceitos fundamentais circunscritos a uma escola de pensamento específica, a abordagem a tais conceitos e noções far-se-á com base numa articulação explícita de tais conceitos com a correspondente filiação teórica e epistemológica. Será este o caso, p. ex., da abordagem às noções de *oposição distintiva* e de *fonema*, claramente associados ao pensamento estruturalista, ou aos conceitos de *forma subjacente* e *regra fonológica*, claramente associados à linguística generativa;

- quando estiver em causa a abordagem a análises descritivas de fenómenos da gramática do português feitas em quadros teóricos alternativos, optar-se-á pela apresentação explícita e comparada das diferentes interpretações propostas e das respectivas fundamentações. Um exemplo desta modalidade é encontrado na explicação do estatuto prosódico das sequências consonânticas violadoras do Princípio da Sonoridade e/ou da Condição de Dissemelhança de acordo com o pensamento estruturalista de Camara Jr. (1970: 56-58; 1971: 27 e ss.; 1977: 80-81) – que propõe a existência de uma vogal teórica entre as duas consoantes, frequentemente apagada das produções fonéticas – e com a análise generativa de Mateus & E. D’Andrade (1998; 2000) – que postulam a existência de um núcleo vazio subjacente entre as duas consoantes e a epêntese fonética frequente de um chevá nessa posição prosódica.

Os tópicos de fonologia e morfologia do português a trabalhar nesta unidade curricular são os que se encontram explicitados no programa apresentado em 5.2. Para a escolha dos pontos a abordar no âmbito desta disciplina, procurámos incluir neste programa *todos* os

tópicos centrais para a descrição desses dois domínios da gramática desta língua, como tal contemplados quer em obras descritivas do português de carácter geral como, nomeadamente, a *Gramática da Língua Portuguesa* de Mateus *et al.* (2003), quer em obras de carácter mais específico, tais como, a título de exemplo, Barbosa (1965; 1994), Camara Jr. (1970; 1971; 1977), Silveira (1986), Laroça (1994), Mateus & E. D’Andrade (2000), Netto (2001), Mateus (2002), Silva (2002; 2003), Bisol (Org., 2005) e Rosa (2006). Como já foi referido, todos os tópicos serão abordados de acordo com mais do que uma perspectiva teórica.

As áreas da fonologia e da morfologia do português assumem-se, nesta cadeira e de acordo com este programa, como as áreas centrais do trabalho a desenvolver no semestre. Estas são não só as áreas com uma menção explícita na própria designação oficial desta unidade curricular, como também aquelas a que correspondem um maior número de pontos do programa e o maior número de aulas e sessões lectivas, de acordo com a planificação proposta no capítulo 7.

Contudo, a par destes dois capítulos temáticos, o programa de *EFMP* integra ainda três áreas que podemos considerar “secundárias”⁴²: a *fonética articulatória tradicional do português*, a *transcrição fonética* e a *variação dialectal do português*.

A sua presença num programa destinado principalmente ao aprofundamento de tópicos de fonologia e morfologia do português justifica-se pelas razões que passamos a expor.

⁴² O termo “secundárias” não deve aqui ser lido como uma depreciação do interesse científico das áreas a que se aplica. Este adjectivo pretende traduzir unicamente alguns dados verificados de forma objectiva no tocante à articulação da fonética e da variação dialectal com as restantes componentes do programa: por um lado, tais áreas ocupam uma percentagem menor de horas e aulas, comparativamente com o que se verifica com as áreas “centrais” do programa, não sendo, ao contrário destas últimas, objecto de menção explícita na designação formal da cadeira; por outro lado, como pretendemos deixar expresso no próprio texto desta proposta, entendemo-las aqui como áreas “instrumentais”, cuja inclusão no programa se justifica principalmente pela forma como permitem ou facilitam o acesso dos estudantes aos conhecimentos essenciais de fonologia e de morfologia.

Relativamente à fonética e à transcrição fonética do português, a sua presença no trabalho a desenvolver nesta disciplina resulta do facto de estes serem dois domínios que fornecem sobretudo à área da fonologia conceitos, conhecimentos e técnicas verdadeiramente essenciais. Com efeito, não é possível efectuar análise e descrição fonológica da língua sem um domínio minimamente sustentado dos conhecimentos básicos de classificação articulatória tradicional dos sons ou dos símbolos fonéticos utilizados na sua transcrição. Exemplificando esta afirmação, lembramos que a compreensão cabal de aspectos como a aplicação de regras fonológicas a classes naturais definidas por traços distintivos – como é proposto no modelo da fonologia generativa *standard* inspirada em Chomsky & Halle (1968), aplicado ao português europeu por Mateus (1975) –, exigindo um domínio avançado do sistema de traços distintivos e da matriz fonológica da língua, não dispensa um conhecimento consolidado de todos os factos articulatorios subjacentes à definição e organização linguística de tais traços⁴³. Por outro lado, a simbolização/explicitação de todos os processos fonológicos que nos cumpre descrever exige o domínio da técnica mais básica de representação gráfica, linguisticamente motivada e pertinente, dos segmentos fonológicos – a transcrição fonética⁴⁴. Neste âmbito, será feita a

⁴³ No fundo, trata-se de verificar, na situação concreta do trabalho pedagógico aqui preconizado, a proposta de Troubetzkoy (1939: 14, 15), segundo a qual a abordagem fonética e a abordagem fonológica, embora distintas, se completam, cabendo à fonética fornecer descrições que a fonologia integrará na explicação funcional dos sistemas fonológicos (“Le début de toute description phonologique consiste à découvrir des oppositions phoniques existant dans la langue en question et y différenciant des significations: en somme l’inventaire phonétique de la langue doit servir de point de départ et fournir des matériaux. [...]” – Troubetzkoy 1939: 15). Ainda a respeito deste assunto, lembramos a célebre afirmação que Pike (1975: 57) coloca no início de uma secção do seu livro intitulada “The relationship of phonetics and phonemics”: “Phonetics gathers raw material. Phonemics cooks it.” (esta citação é normalmente objecto de discussão nas aulas desta disciplina, justamente no momento em que se introduz o tópico das relações fonética/fonologia).

A actualidade e a pertinência de uma reflexão inicial sobre as relações entre esses dois domínios são também demonstradas, em nosso entender, pela inclusão, em manuais universitários de fonologia, de capítulos introdutórios de fonética articulatória, geralmente contextualizados no âmbito mais vasto dessa reflexão teórica (cf., p. ex., e restringindo-nos de momento a alguns desses manuais incluídos na bibliografia da cadeira apresentada no capítulo 6, as seguintes obras: Katamba 1989: 1-15; Spencer 1996: 10-44; Gussenhoven & Jacobs 1998: 1-17).

⁴⁴ O trabalho em torno da transcrição fonética justifica-se ainda perante o nosso objectivo de inculcar junto dos estudantes a consciência das diferenças existentes entre a **substância fónica**, a **representação fonológica** e a **representação ortográfica**. Com efeito, todos os anos constatamos que, à chegada a esta disciplina, os estudantes confundem com frequência estas três realidades que, embora interligadas, correspondem a objectos

familiarização dos estudantes com os símbolos e convenções do Alfabeto Fonético Internacional (AFI) utilizados em português, seguindo-se de forma rígida e inequívoca a versão do AFI resultante da revisão de 2005⁴⁵ e os preceitos defendidos em International Phonetic Association (1999). A este nível, salientamos de forma inequívoca que será obrigatório, em aula e em todos os trabalhos escritos efectuados nesta cadeira, o uso, única e exclusivamente, dos símbolos consignados pela referida versão do AFI, sendo explicitamente rejeitado o recurso a símbolos estranhos ou não conformes a essa versão, nomeadamente àqueles que correspondem à designada “tradição portuguesa”. Na verdade, o recurso, em alguns contextos académicos, a subsistemas de símbolos divergentes das convenções de transcrição definidas com carácter normativo pela International Phonetic Association, se bem que corresponda a uma prática não exclusiva dos linguistas portugueses (cf., a este propósito, o livro de Pullum & Ladusaw 1986), desvirtua a própria natureza e finalidade do uso dos símbolos fonéticos, teoricamente apresentados como capazes de transcrever, de forma desambígua, regular e biunívoca, todos os sons de todas as línguas do mundo, independentemente de cada língua descrita e da língua materna do linguista que as descreve (International Phonetic Association 1999: 3 e ss.). No caso concreto da transcrição do português, existem sons para os quais, em alguns contextos e publicações, são utilizados símbolos ou inexistentes no AFI ou que, no AFI, têm uma correspondência diferente com os sons a que pretensamente se aplicam. Trata-se de uma situação para que chamámos a atenção já no prefácio de Veloso (1999)⁴⁶ e que,

diferentes, caracterizados por propriedades e motivações igualmente diversas. A explicitação da face sonora dos enunciados com recurso ao Alfabeto Fonético Internacional é então vista nesta proposta de trabalho como um passo metodológico importante no aperfeiçoamento dessa distinção, por poder confrontar os estudantes com a necessidade de discernir rigorosamente os três níveis mencionados.

⁴⁵ <http://www.langsci.ucl.ac.uk/ipa/ipachart.html> (acedido em 11 de Novembro de 2009).

⁴⁶ Cf. ainda as observações de Emiliano (2009: 42 e ss.) a este mesmo propósito.

apresentada resumidamente no Quadro 1, se verifica quanto à transcrição das consoantes e vogais da língua aí indicadas⁴⁷.

QUADRO 1. Divergências entre as normas da International Phonetic Association e algumas normas correntes em Portugal no tocante à transcrição fonética de certos segmentos do português

SEGMENTO	SÍMBOLO DO AFI (utilizado obrigatoriamente nas aulas de <i>EFMP</i>)	SÍMBOLO ENCONTRADO NOOUTRAS PUBLICAÇÕES
Vogal central alta não-arredondada (“chevá”)	[i]	[e]
Vogal central média não-arredondada	[e]	[a]
Vibrante simples alveolar	[r]	[r]
Vibrante múltipla uvular	[R]	[p]
Vibrante múltipla alveolar	[r]	[r̃]

Dado que, nesta disciplina, a transcrição fonética assume um carácter eminentemente instrumental e que, por necessidades de ordem prática, o tempo que lhe pode ser dispensado em aula é forçosamente reduzido (embora se pressuponha que os estudantes lhe dediquem, no estudo individual e na elaboração de trabalhos, mais horas de estudo e trabalho do que o correspondente à sua utilização em aula), a abordagem deste assunto – que constitui um ponto próprio no programa proposto na secção anterior (ponto 1) – terá um carácter pouco aprofundado e pouco problematizado. Desenvolver-se-á sobretudo a transcrição fonética larga do português, através da transcrição de pequenos trechos escritos e orais (de extensão não superior, normalmente, a uma ou duas frases), em diversas variedades dialectais da língua,

⁴⁷ Demonstrando a importância das questões relativas à escolha dos símbolos fonéticos adequados e que este assunto não constitui, como nenhum outro em ciência, um tópico definitivamente encerrado, veja-se a recente discussão em torno dos símbolos do AFI para a transcrição/descrição das diversas vogais centrais das línguas do mundo, desenvolvida em textos recentemente publicados no *Journal of the International Phonetic Association* (Barry & Trouvain 2008; Ball 2009; Recasens 2009). Havendo oportunidade, será promovido o contacto dos estudantes de *EFMP* com este debate, não só para se facultar o conhecimento dos símbolos em causa e de todo o conteúdo da discussão, mas também, precisamente, para se exemplificar junto dos estudantes a forma como se pode processar o debate científico em ciências da linguagem.

incidindo o trabalho no domínio dos símbolos segmentais e de sinais auxiliares e diacríticos como os indicadores de pausa, acento principal, nasalização e velarização da lateral em coda silábica. Havendo tempo e oportunidade para tanto, poderão ser apresentados e trabalhados em aula os símbolos utilizados para a transcrição de certas variantes alofónicas do português, tais como a fricativação das oclusivas vozeadas, o desvozeamento de sílabas finais átonas e a perda de explosão de consoantes oclusivas sonoras.

No tocante à fonética articulatória – domínio previsto no ponto 2 do programa –, será feita também uma abordagem introdutória a tópicos essenciais com relevo para o estudo fonológico. Assim, e visto que não se pretende que os estudantes se limitem a memorizar passivamente tabelas taxonómicas, proceder-se-á a uma apresentação funcional minimamente detalhada das estruturas anatómicas do aparelho fonador e dos mecanismos respiratórios, aerodinâmicos e articulatórios envolvidos na produção dos sons do português. Esta abordagem assentará numa aproximação descritiva básica, assente na visualização/explicação de diagramas articulatórios como os encontrados em obras introdutórias e/ou de referência como, p. ex., Malmberg (1954), Delgado-Martins (1988), Lieberman & Blumstein (1988: 4 e ss.), Martínez Celdrán (1989: 76 e ss.; 1996: 20 e ss.), Clark & Yallop (1990: 10 e ss.), Gil Fernández (1990: 32 e ss.), Mateus, A. Andrade, Viana & Villalva (1990: 46 e ss.), Denes & Pinson (1993: 49 e ss.), A. Andrade & Viana (1996: 129 e ss.), Ladefoged & Maddieson (1996) e Veloso (1999). Partindo desta contextualização, será apresentada aos estudantes uma tabela de classificação articulatória tradicional de todos os segmentos fonológicos do português, assente na terminologia e na conceptologia da fonética descritiva tradicional, de que se podem encontrar exemplos nas tabelas publicadas em Veloso (1999: 26-27).

Um factor muito importante que pesou na decisão de integrar estes dois pontos no programa da disciplina resulta da inexistência, nos planos curriculares de que são provenientes

os estudantes inscritos em *EFMP*, de disciplinas que procedam a uma apresentação detalhada destes dois domínios. Com efeito, e conforme deixámos explícito em 3.2, a maior parte dos estudantes desta disciplina terá frequentado unicamente, antes da sua inscrição em *EFMP*, as disciplinas de *Introdução à Linguística* e (no caso dos estudantes das licenciaturas em Ciências da Linguagem – Variante de Português Língua Não Materna e Línguas, Literaturas e Culturas) *Bases de Análise Gramatical*. Nestas, terá sido feita uma familiarização introdutória dos estudantes com os conhecimentos mínimos de fonética articulatória tradicional e de transcrição fonética do português, a par, naturalmente, da exploração de outras áreas temáticas. Tal familiarização, no entanto, ter-se-á limitado a aspectos muito elementares, o que nos obriga, conseqüentemente, a voltarmos a estes tópicos, revendo-os e aprofundando-os nas primeiras aulas do semestre e sempre tendo presente o seu carácter instrumental, enquanto áreas ao serviço do domínio dos conhecimentos fulcrais das áreas centrais do programa e não propriamente enquanto domínios de estudo *per se*⁴⁸.

A exploração de questões de fonética articulatória pode ainda facilitar, nesta disciplina, a abordagem dos tradicionalmente designados *fenómenos fonéticos*, contemplados, no âmbito do estudo dos processos fonológicos, nos pontos 4.5.1-4.5.7 do programa proposto na secção anterior⁴⁹.

⁴⁸ A nossa prática docente nesta disciplina em vários anos confirma a percepção vertida para estas reflexões: o nível de conhecimentos prévios dos estudantes nestes dois domínios específicos é, efectivamente e de um modo geral, bastante rudimentar, reforçando-se assim a necessidade de se fazer anteceder o ensino/aprendizagem de tópicos de fonologia e de morfologia do português de algum trabalho intensivo nos campos da fonética articulatória e da transcrição fonética.

⁴⁹ A propósito de alguns destes fenómenos, poderá haver necessidade de se fazer uma referência explícita a questões de evolução fonética da língua. Estas referências terão sempre, naturalmente, um carácter introdutório, tendo-se em vista, sobretudo, que os estudantes poderão vir a frequentar, ao longo do seu percurso, uma disciplina semestral de *História da Língua Portuguesa*, na qual terão oportunidade de abordar, de forma mais integrada e mais aprofundada, tais tópicos diacrónicos.

O recurso a informação diacrónica sobre evoluções fonéticas do português poderá ainda repetir-se, noutros momentos do ano lectivo, a propósito de tópicos de fonologia e de morfologia, como, p. ex., aquando da explicação de certos ditongos e hiatos atestados no português contemporâneo provocados pela queda de /l/ e /n/ intervocálicos na passagem do latim ao galego-português ou da formação do plural nos nomes com singular terminado em /l/.

A presença da variação dialectal como outra das áreas secundárias do trabalho a desenvolver nesta disciplina – cabendo-lhe o ponto 3 do programa aqui proposto – encontra, para além do seu interesse intrínseco, uma razão principal nesta proposta: o seu tratamento adequado nas tarefas de transcrição fonética anteriormente referidas. Com efeito, a transcrição de trechos, escritos ou orais, confronta sempre os estudantes com a questão da variação fonética (dialectal e sociolectal, principalmente). Atendendo a esta circunstância, parece-nos imprescindível fazer uma referência explícita e consistente à questão da variação linguística e – olhando às áreas contempladas pelo programa – à variação fonético-fonológica, mais especificamente. Tal como o proposto para as áreas da transcrição fonética e da fonética articulatória, a abordagem da questão da variação linguística, nesta proposta de trabalho, cinge-se aos aspectos básicos implicados. Assim, proceder-se-á a uma exposição dos conceitos elementares (clássicos) de dialectologia e sociolinguística – tais como variação diafásica, diastrática e diatópica, linha isoglossa, linha isoléxica e linha isófona, por exemplo –, após o que se fará uma apresentação detalhada da proposta de divisão dialectal do português europeu de Cintra (1971). No âmbito do tratamento destas questões, procurar-se-á ainda inculcar nos estudantes uma abordagem não-normativa do fenómeno da variação linguística⁵⁰.

Referências deste capítulo

- Andrade, A.; Viana, M. C. 1996. Fonética. In: I. H. Faria, E. R. Pedro, I. Duarte, C. A. M. Gouveia (Orgs.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 115-167.
- Ball, M. J. 2009. Response to W. J. Barry & J. Trouvain, Do we need a symbol for a central open vowel? *JIPA* 38 (2008), 349-357. *Journal of the International Phonetic Association*. **39(2)**: 233-234.
- Barbosa, J. M. 1965. *Etudes de Phonologie Portugaise*. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar. 2.ème éd.: Évora: Universidade de Évora, 1983.
- Barbosa, J. M. 1994. *Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*. Coimbra: Almedina.

⁵⁰ Procurar-se-á, nomeadamente, equacionar a atitude perante a variação linguística em contexto educativo, tendo-se em mente que muitos dos estudantes inscritos na disciplina poderão vir a enveredar pela profissão docente. Para tanto, servir-nos-emos das reflexões que desenvolvemos em Veloso (2007) como ponto de partida para uma discussão mais abrangente sobre o tema.

- Barry, W. J.; Trouvain, J. 2008. Do we need a symbol for a central open vowel? *Journal of the International Phonetic Association*. **38(3)**: 349-357.
- Bisol, L. (Org.). 2005. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4ª ed. rev. e ampl. Porto Alegre RS: EDIPUCRS.
- Camara Jr., J. M. 1970. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis RJ: Vozes.
- Camara Jr., J. M. 1971. *Problemas de Lingüística Descritiva*. Petrópolis RJ: Vozes.
- Camara Jr., J. M. 1977. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Rio de Janeiro RJ: Padrão.
- Carr, P. 1993. *Phonology*. London: Macmillan.
- Chomsky, M.; Halle, M. 1968. *The Sound Pattern of English*. New York NY: Harper & Row.
- Cintra, L. F. L. 1971. Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses. *Boletim de Filologia*. **XXII**: 81-116.
- Clark, J.; Yallop, C. 1990. *An Introduction to Phonetics and Phonology*. Oxford: Blackwell.
- Delgado-Martins, M. R. 1988. *Ouvir falar. Introdução à fonética do português*. Lisboa: Caminho.
- Denes, P. B.; Pinson, E. N. 1993. *The Speech Chain. The Physics and Biology of Spoken Language*. 2nd edition. New York NY: Freeman & Co.
- Emiliano, A. 2009. *Fonética do Português Europeu. Descrição e Transcrição*. Lisboa: Guimarães.
- Gil Fernández, J. 1990. *Los sonidos del lenguaje*. Madrid: Síntesis.
- Gussenhoven, C.; Jacobs, H. 1998. *Understanding Phonology*. London: Arnold.
- International Phonetic Association. 1999. *Handbook of the International Phonetic Association. A Guide to the Use of the International Phonetic Alphabet*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Katamba, F. 1989. *An Introduction to Phonology*. London: Longman.
- Ladefoged, P.; Maddieson, I. 1996. *The Sounds of the World's Languages*. Oxford: Blackwell.
- Laroca, M. N. C. 1994. *Manual de Morfologia do Português*. Juiz de Fora MG/São Paulo SP: UFJF/Pontes.
- Lieberman, P.; Blumstein, S. E. 1988. *Speech physiology, speech perception, and acoustic phonetics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Malmberg, B. 1954. *La phonétique*. Paris: Presses Universitaires de France. Trad. port. de O. Figueiredo. *A Fonética*. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.
- Martínez Celdrán, E. 1989. *Fonética*. 3ra. edición. Barcelona: Teide.
- Martínez Celdrán, E. 1996. *El sonido en la comunicación humana. Introducción a la fonética*. Barcelona: Octaedro.
- Mateus, M. H. M. 1975. *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- Mateus, M. H. M. 2002. *A Face Exposta da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Mateus, M. H. M.; Andrade, A.; Viana, M. C.; Villalva, A. 1990. *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Mateus, M. H. M.; Brito, A. M.; Duarte, I.; Faria, I. H.; Frota, S.; Matos, G.; Oliveira, F.; Vigário, M.; Villalva, A. 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Caminho.
- Mateus, M. H.; D'Andrade, E. 1998. The Syllable Structure in European Portuguese. *DELTA*. **14(1)**: 13-32.
- Mateus, M. H.; D'Andrade, E. 2000. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Netto, W. F. 2001. *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. São Paulo SP: Hedra.
- Pike, K. L. 1975. *Phonemics*. [renewed] Ann Arbor MI: The University of Michigan Press [1ª ed.: 1947].
- Pullum, G. K.; Ladusaw, W. A. 1986. *Phonetic Symbol Guide*. Chicago: The University of Chicago Press.

- Recasens, D. 2009. Response to W. J. Barry & J. Trouvain, Do we need a symbol for a central open vowel? *JIPA* 38 (2008), 349-357. *Journal of the International Phonetic Association*. **39(2)**: 231-233.
- Rosa, M. C. 2006. *Introdução à Morfologia*. São Paulo SP: Contexto.
- Silva, T. C. 2002. *Fonética e Fonologia do Português*. 6^a ed. São Paulo SP: Contexto.
- Silva, T. C. 2003. *Exercícios de Fonética e Fonologia*. São Paulo SP: Contexto.
- Silveira, R. C. P. 1986. *Estudos de Fonologia Portuguesa*. São Paulo SP: Cortez.
- Spencer, A. 1996. *Phonology*. Oxford: Blackwell.
- Trubetzkoy, N. S. 1939. *Grundzüge der Phonologie*. Trad. fr. de J. Cantineau. *Principes de phonologie*. Paris: Klincksieck, 1970.
- Veloso, J. 1999. *Na ponta da língua. Exercícios de fonética do português*. Porto: Granito.
- Veloso, J. 2007. Variação dialectal e sociolectal na aula de Português Língua Materna. Algumas reflexões e sugestões metodológicas. In: R. Bizarro (Org.). *Eu e o Outro. Estudos Multidisciplinares sobre Identidade(s), Diversidade(s) e Práticas Interculturais*. Porto: Areal, 262-268.

6. Bibliografia

Na presente secção, reunimos as obras cuja leitura consideramos importante para uma correcta implementação do programa proposto no capítulo 5 no contexto da proposta de trabalho pedagógico formulada no desenvolvimento deste relatório.

Na elaboração desta lista bibliográfica, procurámos assegurar algumas características que reputamos fundamentais e que julgamos em consonância com os restantes aspectos da proposta de trabalho vertida para o relatório:

- *exaustividade*. Procurámos obter uma lista que cobrisse todas as áreas temáticas contempladas pelo programa e que facultasse aos estudantes o acesso a todos os conhecimentos e matérias trabalhados no âmbito da disciplina; neste contexto, procurámos também incluir materiais redigidos em diversas línguas e com diferentes graus de profundidade, a fim de podermos fazer chegar as leituras propostas ao maior número possível de estudantes, considerando a diversidade dos seus perfis;

- *actualização*. A relação bibliográfica que de seguida se propõe procura incluir obras recentes dos vários domínios tratados no programa, por forma a facilitar-se a familiarização dos estudantes com o avanço dos conhecimentos, bem como o seu contacto com as tendências mais recentes na abordagem dos diversos tópicos. Este esforço de actualização materializou-se, na proposta aqui apresentada, em dois aspectos essenciais: na indicação de manuais universitários de linguística geral, fonologia e morfologia editados recentemente, capazes de informar os estudantes dos últimos desenvolvimentos (conceptuais, teóricos, terminológicos e metodológicos) dessas áreas, e na indicação de descrições do português, gerais ou parcelares, desenvolvidas também à luz dos desenvolvimentos teóricos mais recentes. Contudo, o objectivo de actualização aqui assumido não se traduziu, de forma alguma, no

apagamento, da lista bibliográfica a seguir proposta, de obras menos recentes respeitantes aos diversos domínios e temas tratados. Assim, continuam a ter lugar na bibliografia aqui proposta obras fundamentais para a compreensão dos tópicos abordados, como, p. ex., as obras clássicas de Troubetzkoy (1939) e Chomsky & Halle (1968), bem como as descrições do português que continuam a ser consideradas imprescindíveis para a caracterização das principais estruturas fonológicas e morfológicas da língua, tais como, entre outras, Barbosa (1965), Camara Jr. (1970; 1971) ou Mateus (1975);

- *ecletismo teórico*. A par do esforço de combinar, na bibliografia da disciplina, obras mais recentes com títulos “clássicos”, a bibliografia que se segue tenta igualmente representar diversas orientações teóricas. Assumimos assim um propósito de pluralidade, que consideramos inteiramente compatível com o objectivo de desenvolvimento do espírito crítico dos estudantes no que toca à capacidade de reunir e avaliar argumentações não inteiramente coincidentes quanto ao entendimento dos tópicos explorados no estudo desta disciplina. Esta pluralidade teórica é exemplificada pela inclusão, no programa da UC, de descrições gramaticais do português de nível universitário desenvolvidas quer à luz das abordagens históricas e/ou tradicionais (Vázquez Cuesta & Luz 1971; Cunha & Cintra 1984), quer à luz de orientações formais (Lopes 1972) e linguísticas recentes, contemplando-se, nestas últimas, diversas escolas teóricas, como a gramática de valências e a gramática de texto (Busse & Vilela 1986; Vilela 1992; 1999) e a gramática generativa (Mateus *et al.* 2003). Outro exemplo desta pluralidade de orientações pode ser encontrado na presença de descrições da fonologia e morfologia do português desenvolvidas quer no quadro da linguística estruturalista (Camara Jr.

1970; 1971; 1977; Barbosa 1965; 1994; Barroso 1999), quer no quadro da linguística generativa (Mateus 1975; 2002; Pardal 1977; Mateus & E. D'Andrade 2000)⁵¹.

A bibliografia que será de seguida apresentada, justificada pelas opções que explicitámos, não deverá ser vista, naturalmente, como uma lista fechada e definitiva. Designadamente, todos os esforços que os estudantes queiram fazer no sentido de completarem estas sugestões de leitura com consultas resultantes da sua pesquisa individual e original serão amplamente incentivados e reconhecidos.

Qualquer relação bibliográfica desta natureza integrará, inevitavelmente, títulos com graus de importância díspares entre si. Tal como, nos objectivos inventariados no capítulo 4, se admitiu que os estudantes os atingissem em níveis diferenciados – em função, nomeadamente, das suas motivações e interesses de partida –, é de prever que o contacto dos estudantes com as diferentes obras da bibliografia aconselhada se concretize em graus diferentes, também em função dessas mesmas motivações e interesses de partida.

Neste aspecto particular, não tivemos qualquer dúvida em incluir na lista bibliográfica títulos que, à partida, por se revelarem de leitura mais difícil ou de conteúdo mais especializado, pudessem ser sugeridos apenas a estudantes aspirando a objectivos mais avançados. Tais títulos foram incluídos na bibliografia por dois motivos principais: por um lado, para que tais

⁵¹ Outra manifestação de um outro tipo de pluralismo subjacente à bibliografia aqui apresentada prende-se com a presença de obras redigidas não só em português mas também noutras línguas (inglês, francês e castelhano). Julgamos, com efeito, que o contacto dos estudantes com textos académicos escritos em várias línguas, além de potenciar o alargamento dos seus conhecimentos e de poder aumentar o contacto com várias escolas de pensamento, porá em realce o seu espírito de abertura e de receptividade a um conjunto mais amplo de fontes de conhecimento. Este contacto com uma bibliografia plurilíngue contribuirá ainda, em nosso entender, para o desenvolvimento das suas capacidades de uso de mais do que uma língua em contexto académico, com evidentes benefícios a nível do enriquecimento de competências profissionais. Finalmente, e conforme foi referido no corpo do texto, a inclusão de obras escritas em várias línguas poderá tornar possível o acesso de todos os estudantes à bibliografia aconselhada, pois alunos que por qualquer razão se vejam impedidos de aceder aos títulos publicados numa dada língua poderão optar, quando possível, pela consulta de materiais redigidos em línguas que lhes sejam conhecidas ou mais familiares.

estudantes pudessem conhecê-los (e para que todos os estudantes fossem informados pelo menos da existência de tais obras); em segundo lugar, porque concebemos uma bibliografia universitária também como um instrumento de trabalho cujo alcance pode ultrapassar os limites mais estreitos das circunstâncias externas concretas em que ela é proposta. Isto é: não afastamos a hipótese de que a bibliografia aqui proposta possa ser consultada por interessados não obrigatoriamente inscritos na turma de *EFMP*, assim como admitimos que estudantes inscritos em dado ano na disciplina venham, mais tarde e noutra contexto, a recuperar estas indicações bibliográficas para uma retoma e/ou um aprofundamento do seu estudo, numa fase ulterior, destas matérias.

Para que esta bibliografia possa, de facto, ser usada como um *guia de estudo*, não nos limitaremos a indicar todas as obras por ordem alfabética. Os títulos serão agrupados por temas específicos (podendo haver casos em que a mesma obra, por poder servir ao estudo de mais do que um tema, seja indicada mais do que uma vez) e, dentro de cada tema, dividiremos os vários títulos indicados de acordo com dois graus de importância: obras de leitura essencial e obras de leitura complementar. A avaliação que preside a uma divisão/hierarquização como a que acabamos de explicitar revela-se difícil, delicada e, em certos casos, muito subjectiva. A decisão de a estabelecermos foi muito ponderada. Assumindo o risco de fornecer aos estudantes pistas erradas quanto à importância de certas obras – e assumindo um outro risco, que nos parece mais discutível, que é o de eventualmente desencorajarmos os estudantes da aproximação aos títulos indicados como leituras acessórias –, acabámos porém por manter tal hierarquização. Esta será sempre acompanhada de uma explicação aos estudantes no sentido de os incentivarmos a não reduzirem taxativamente as suas leituras às obras “de leitura essencial” e a procurarem alargar o seu estudo à tentativa de leitura das obras

“complementares”. Ser-lhes-á inclusivamente solicitado que discordem, quando lhes parecer oportuno, da classificação de alguma das obras estudadas numa das categorias aqui consideradas e que contribuam regularmente para a reformulação da bibliografia aqui proposta.

Referências deste capítulo

- Barbosa, J. M. 1965. *Etudes de Phonologie Portugaise*. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar. 2.ème éd.: Évora: Universidade de Évora, 1983.
- Barbosa, J. M. 1994. *Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*. Coimbra: Almedina.
- Barroso, H. 1999. *Forma e Substância da Expressão da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- Busse, W.; Vilela, M. 1986. *Gramática de Valências*. Coimbra: Almedina.
- Camara Jr., J. M. 1970. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis RJ: Vozes.
- Camara Jr., J. M. 1971. *Problemas de Lingüística Descritiva*. Petrópolis RJ: Vozes.
- Camara Jr., J. M. 1977. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Rio de Janeiro RJ: Padrão.
- Chomsky, N.; Halle, M. 1968. *The Sound Pattern of English*. New York NY: Harper & Row.
- Cunha, C.; Cintra, L. F. L. 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa.
- Lopes, Ó. 1972. *Gramática simbólica do português (um esboço)*. 2ª ed. Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência/Centro de Investigação Pedagógica.
- Mateus, M. H. M. 1975. *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- Mateus, M. H. M. 2002. *A Face Exposta da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Mateus, M. H. M.; Brito, A. M.; Duarte, I.; Faria, I. H.; Frota, S.; Matos, G.; Oliveira, F.; Vigário, M.; Villalva, A. 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª ed. rev. e aum. Lisboa: Caminho.
- Mateus, M. H.; D’Andrade, E. 2000. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Pardal, E. A. 1977. *Aspects de la phonologie (générative) du portugais*. Lisboa: INIC/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- Troubetzkoy, N. S. 1939. *Grundzüge der Phonologie*. Trad. fr. de J. Cantineau. *Principes de phonologie*. Paris: Klincksieck, 1970.
- Vázquez Cuesta, P.; Luz, M. A. M. 1971. [trad. port. de A. M. Brito & G. Matos, a partir da 3ª ed. esp.]. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70.
- Vilela, M. 1992. *Gramática de Valências: Teoria e Aplicação*. Coimbra: Almedina.
- Vilela, M. 1999. *Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática de texto*. 2ª ed. Coimbra: Almedina.

A.
OBRAS DE INTRODUÇÃO GERAL À LINGUÍSTICA
MANUAIS UNIVERSITÁRIOS DE INTRODUÇÃO À LINGUÍSTICA
OBRAS DE CARÁCTER GERAL
SOBRE A NATUREZA DA LINGUAGEM E DO SEU ESTUDO
OBRAS SOBRE HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA
OBRAS DE INTRODUÇÃO A CORRENTES LINGUÍSTICAS ESPECÍFICAS

Obras de leitura essencial

- AKMAJIAN, Adrian; DEMERS, Richard A.; FARMER, Ann K.; HARNISH, Robert M. 2001. *Linguistics: An Introduction to Language and Communication*. Cambridge MA: The MIT Press.
- ARONOFF, Mark; REES-MILLER, Janie (Eds.) 2001. *The Handbook of Linguistics*. Oxford: Blackwell.
- CARVALHO, José G. Herculano de. 1983. *Teoria da linguagem: natureza do fenómeno linguístico e a análise das línguas*. Coimbra: Coimbra Editora (2 vols.).
- CHOMSKY, Noam. 1986. *Knowledge of Language. Its Nature, Origin and Use*. New York NY: Praeger. Trad. port. de A. Gonçalves, A. T. Alves. *O Conhecimento da Língua. Sua Natureza, Origem e Uso*. Lisboa: Caminho, 1994.
- DE BEAUGRANDE, Robert. 1991. *Linguistic Theory. The Discourse of Fundamental Works*. London: Longman.
- FARIA, Isabel Hub; PEDRO, Emília Ribeiro; DUARTE, Inês; GOUVEIA, Carlos A. M. (Orgs.) 1996. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- FROMKIN, Victoria. 2000. *Linguistics: An Introduction to Linguistic Theory*. Oxford: Blackwell.
- FROMKIN, Victoria; RODMAN, Robert. 1998. *An Introduction to Language*. 6th edition. Fort Worth: Harcourt Brace Jovanovich.
- GLEASON Jr., H. A. 1955. *An Introduction to Descriptive Linguistics*. New York NY: Holt, Rinehart & Winston (revised ed., 1961). Trad. port. de J. Pinguelo. *Introdução à Linguística Descritiva*. 2^a ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.
- INCM. 1984. [trad. port.]. *Enciclopédia Einaudi. Volume 2, Linguagem-Enunciação*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- KRISTEVA, Julia. 1969. *Le langage, cet inconnu*. Paris: PADEM. Trad. port. de M. M. Barahona. *História da Linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1983.
- MACHADO, José Pedro. s/d. *Breve História da Linguística*. Lisboa: Inquérito.
- MARTIN, Robert. 2002. *Comprendre la linguistique: épistémologie élémentaire d'une discipline*. Paris: Presses Universitaires de France.
- MARTINET, André. 1960. *Eléments de linguistique générale*. Paris: Armand Colin. Trad. port. de J. M. Barbosa. *Elementos de Linguística Geral*. 10^a ed. Lisboa: Sá da Costa, 1985.
- MATEUS, Maria Helena Mira. 2006. *O essencial sobre Linguística*. Lisboa: Caminho.
- MATTHEWS, P. H. 2003. *Linguistics: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- MIGUENS, Sofia. 2007. *Filosofia da Linguagem. Uma introdução*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- MOESCHLER, Jacques; AUCHLIN, Antoine. 2009. *Introduction à la linguistique contemporaine*. 3^{ème} éd. Paris: Armand Colin.
- MOUNIN, Georges. 1968. *Clefs pour la linguistique*. Paris: Seghers. Trad. port. de J. Meireles. *Introdução à Linguística*. Lisboa: Horizonte, 1981.
- MOUNIN, Georges. 1985. *Histoire de la linguistique des origines au XXe siècle*. 4^e éd.. Paris: Presses Universitaires de France.

- NEWMAYER, Frederick J. 1988. *Linguistics: The Cambridge Survey*. Cambridge: Cambridge University Press (4 vols.).
- O'GRADY, William; ARCHIBALD, John; ARONOFF, Mark; REES-MILLER, Janie (Eds.). 2009. *Study Guide for Contemporary Linguistics*. 6th ed. Bedford/StMartins.
- O'GRADY, William; ARCHIBALD, John; ARONOFF, Mark; REES-MILLER, Janie (Eds.). 2010. *Contemporary Linguistics: An Introduction*. 6th ed. Bedford/StMartins.
- O'GRADY, William; DOBROVOLSKY, Michael; KATAMBA, Francis (Eds.). 2006. *Contemporary Linguistics: An Introduction*. London: Longman.
- PALMER, Frank. 1971. *Grammar*. Harmondsworth: Penguin.
- PINKER, Steven. 1995. *The Language Instinct*. London: Penguin.
- PINKER, Steven. 2000. *Words and Rules. The Ingredients of Language*. New York NY: Perennial.
- RADFORD, Andrew. 1999. *Linguistics: An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- RAPOSO, Eduardo Paiva. 1992. *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho.
- ROBINS, R. H. 1989. *General Linguistics*. 4th ed. London: Longman.
- ROBINS, R. H. 1990. *A Short History of Linguistics*. 3rd ed. London: Longman.

Obras de leitura complementar

- ARCHANGELI, Diana; LANGENDOEN, D. Terence. 1997. *Optimality Theory. An overview*. Malden MA: Blackwell.
- AUROUX, Sylvain. 1989. *Histoire des idées linguistiques*. Liège: Pierre Mardaga (2 vols.).
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. 1969. *Princípios de lingüística geral: como introdução aos estudos superiores de língua portuguesa*. Rio de Janeiro RJ: Acadêmica.
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. 1975. *História da lingüística*. Petrópolis RJ: Vozes.
- CHOMSKY, Noam. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge MA: The MIT Press. Trad. port. de E. P. Raposo. *O Programa Minimalista*. Lisboa: Caminho, 1999.
- CORNEILLE, Jean-Pierre. 1976. *La linguistique structurale. Sa portée, ses limites*. Paris: Larousse. Trad. port. de F. D. Ferreira. *A lingüística estrutural: seu alcance, seus limites*. Coimbra: Almedina, 1982.
- COSERIU, Eugenio. 1978. *Teoría del lenguaje y lingüística general: cinco estudios*. Madrid: Gredos.
- COSTA, João. 2001. *Gramática, Conflitos e Variações. Introdução à Teoria da Optimidade*. Lisboa: Caminho.
- CUNHA, Albertina; ALTGOTT, Maria Alice Azevedo. 2004. *Para compreender Mattoso Camara*. Petrópolis RJ: Vozes.
- DAMASCENO, José Ribeiro. 1977. *Introdução ao Estruturalismo em Lingüística*. Petrópolis RJ: Vozes.
- DUCROT, Oswald. 1968. *Le Structuralisme en linguistique*. Paris: Seuil.
- FAGES, J. B. 1967. *Comprendre le Structuralisme*. Paris: Privat. Trad. port. de M. C. Henriques. *Para entender o estruturalismo*. Lisboa: Moraes, 1976.
- FONTAINE, Jacqueline. 1974. *Le Cercle Linguistique de Prague*. Paris: Mame. Trad. port. de J. P. Mendes. *O Círculo Lingüístico de Praga*. São Paulo SP: Cultrix.
- GREENBERG, Joseph H. (Ed.). 1966. *Universals of Language*. Cambridge MA: The MIT Press.
- KAGER, René. 1999. *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LYONS, John. 1977. *Chomsky*. London: Fontana.
- MALMBERG, Bertil. 1979. *Le langage, signe de l'humain*. Paris: Picard.
- MARTINET, André (Dir.). 1969. *La linguistique. Guide alphabétique*. Paris: Denoël.
- MCCARTHY, John J. 2002. *A Thematic Guide to Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press.

- NETO, José Borges. 2004. *Ensaio de Filosofia da Linguística*. São Paulo SP: Parábola.
- NEWMeyer, Frederick J. 1997. *Generative Linguistics: A historical perspective*. London: Routledge.
- PERROT, Jean. 1953. *La Linguistique*. Paris: Presses Universitaires de France. Trad. port. de F. Patrício. *Introdução à Linguística*. Lisboa: Notícias.
- RAPOSO, Eduardo Paiva. 1978. *Introdução à gramática generativa. Sintaxe do português*. Lisboa: Moraes.
- RUWET, Nicolas. 1967. *Introduction à la grammaire générative*. Paris: Plon.
- SWIGGERS, Pierre. 1997. *Histoire de la pensée linguistique*. Paris: Presses Universitaires de France.

B.

DICIONÁRIOS E GLOSSÁRIOS ESPECIALIZADOS DE LINGUÍSTICA (LINGUÍSTICA GERAL E SUB-ÁREAS DISCIPLINARES)

Obras de leitura essencial

- AITCHISON, Jean. 2003. *A Glossary of Language and Mind*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- BAUER, Laurie. 2004. *A Glossary of Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. 1999. *Dicionário de lingüística e gramática referente à língua portuguesa*. Petrópolis RJ: Vozes.
- CARR, Philip. 2008. *A Glossary of Phonology*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- CRYSTAL, David. 1992. *An Encyclopedic Dictionary of Language and Languages*. London: Penguin.
- DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée; GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Christiane; MARCELLESI, Jean-Baptiste; MÉVEL, Jean-Pierre. 1991. *Dictionnaire de linguistique*. Paris: Larousse.
- DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée; GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Christiane; MARCELLESI, Jean-Baptiste; MÉVEL, Jean-Pierre. 2007. *Grand Dictionnaire. Linguistique & Sciences du langage*. Paris: Larousse.
- DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. 1972. *Dictionnaire Encyclopédique des Sciences du Langage*. Paris: Seuil. Trad. port. de A. J. Massano, J. Afonso, M. Carrilho, M. Font. *Dicionário das Ciências da Linguagem*. 6ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1982.
- MATTHEWS, P. H. 1997. *Oxford Concise Dictionary of Linguistics*. Oxford: Oxford University Press.
- TRASK, R. L. 1996. *A Dictionary of Phonetics and Phonology*. London: Routledge.
- TRUDGILL, Peter. 2003. *A Glossary of Sociolinguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- XAVIER, Maria Francisca; MATEUS, Maria Helena (Org.). 1990. *Dicionário de Termos Linguísticos*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística/Instituto de Linguística Teórica e Computacional/Edições Cosmos (2 vols.).

C.

DESCRIÇÕES GRAMATICAIS GERAIS DO PORTUGUÊS (“GRAMÁTICAS UNIVERSITÁRIAS”)

Obras de leitura essencial

- BUSSE, Mário; VILELA, Mário. 1986. *Gramática de Valências*. Coimbra: Almedina.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa.

- LOPES, Óscar. 1972. *Gramática simbólica do português (um esboço)*. 2ª ed. Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência/Centro de Investigação Pedagógica.
- MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub; FROTA; Sónia; MATOS, Gabriela; OLIVEIRA, Fátima; VIGÁRIO, Marina; VILLALVA, Alina. 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Caminho.
- VÁZQUEZ CUESTA, Pilar; LUZ, Maria Albertina Mendes da. 1971. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70 [reimp. de 1989 da trad. port. da 3ª ed. espanhola].
- VILELA, Mário. 1992. *Gramática de Valências: Teoria e Aplicação*. Coimbra: Almedina.
- VILELA, Mário. 1999. *Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática de texto*. 2ª ed. Coimbra: Almedina.

D.

OBRAS CLÁSSICAS DE DELIMITAÇÃO EPISTEMOLÓGICA DA LINGUÍSTICA E DAS ÁREAS CONTEMPLADAS PELO PROGRAMA DE EFMP

Obras de leitura essencial

- BLOOMFIELD, Leonard. 1933. *Language*. London: George Allen & Unwin.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1916. *Cours de Linguistique Générale*. Edition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1980. Trad. port. de J. V. Adragão. *Curso de Linguística Geral*. 5ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1986.
- TROUBETZKOY, N. S. 1939. *Grundzüge der Phonologie*. Trad. fr. de J. Cantineau. *Principes de phonologie*. Paris: Klincksieck, 1970.

E.

MANUAIS UNIVERSITÁRIOS DE FONOLOGIA OBRAS DE INTRODUÇÃO À FONOLOGIA OBRAS DE CARÁCTER GERAL – FONOLOGIA

Obras de leitura essencial

- BISOL, Leda (Org.) 2005. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4ª ed. Porto Alegre RS: EDIPUCRS.
- BORREGO NIETO, Julio; GÓMEZ ASECIO, José J. 1989. *Prácticas de fonética y fonología*. Salamanca: Universidad de Salamanca.
- CLARK, John; YALLOP, Colin; FLETCHER, Janet. 2007. *An Introduction to Phonetics and Phonology*. 3rd ed. Oxford: Blackwell.
- DAVENPORT, Mike; HANNAHS, S. J. 2005. *Introducing phonetics and phonology*. 2nd ed. London: Arnold.
- DE LACY, Paul (Ed.). 2007. *The Cambridge Handbook of Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DURAND, Jacques. 1990. *Generative and non-linear phonology*. London: Longman.
- EWEN, Colin J.; VAN DER HULST, Harry. 2001. *The Phonological Structure of Words. An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GOLDSMITH, John A. (Ed.). 1995. *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge MA: Blackwell.
- GUSSENHOVEN, Carlos; JACOBS, Haike. 1998. *Understanding Phonology*. London: Arnold.

- HOGG, Richard; McCULLY, C. B. 1987. *Metrical Phonology: A Coursebook*. Cambridge: Cambridge University Press.
- JENSEN, John T. 2004. *Principles of Generative Phonology. An Introduction*. Amsterdam: John Benjamins.
- KATAMBA, Francis. 1989. *An Introduction to Phonology*. London: Longman.
- KENSTOWICZ, Michael. 1993. *Phonology in generative grammar*. Oxford: Blackwell.
- LASS, Roger. 1984. *Phonology. An introduction to basic concepts*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MATEUS, Maria Helena Mira; ANDRADE, Amália; VIANA, Maria do Céu; VILLALVA, Alina. 1990. *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- ODDEN, Davis. 2005. *Introducing phonology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ROCA, Iggy. 1994. *Generative Phonology*. London: Routledge.
- ROCA, Iggy; JOHNSON, Wyn. 1999a. *A Course in Phonology*. Oxford: Blackwell.
- ROCA, Iggy; JOHNSON, Wyn. 1999b. *A Workbook in Phonology*. Oxford: Blackwell.
- SPENCER, Andrew. 1996. *Phonology. Theory and Description*. Oxford: Blackwell.

Obras de leitura complementar

- ANDERSON, Stephen R. 1985. *Phonology in the Twentieth Century. Theories of Rules and Theories of Representations*. Chicago: The University of Chicago Press.
- ANGOJARD, Jean-Pierre. 2006. *Phonologie Déclarative*. Paris: CNRS.
- ANGOJARD, Jean-Pierre; WAUQUIER-GRAVELINES, Sophie (Dir.). 2003. *Phonologie. Champs et perspectives*. Lyon: ENS Editions.
- BOLTANSKI, Jean-Elie. 1999. *Nouvelles directions en phonologie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- CARR, Philip. 1993. *Phonology*. London: Macmillan.
- DELL, François. 1985. *Les règles et les sons. Introduction à la phonologie générative*. Paris: Hermann.
- FISCHER-JØRGENSEN, Eli. 1975. *Trends in Phonological Theory. A Historical Introduction*. Copenhagen: Akademisk Forlag.
- GUSSMANN, Edmund. 2002. *Phonology. Analysis and Theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HALLE, Morris; CLEMENTS, George N. 1983. *Problem Book in Phonology. A Workbook for Introductory Courses in Linguistics and in Modern Phonology*. Cambridge MA: The MIT Press.
- HAYES, Bruce. 2008. *Introductory Phonology*. Oxford: Blackwell.
- KENSTOWICZ, Michael; KISSEBERTH, Charles. 1986. *Generative Phonology. Description and Theory*. New York NY: Academic Press.
- SCHANE, Sanford A. 1973. *Generative Phonology*. Englewood Cliffs NJ: Prentice-Hall.
- SCHANE, Sanford A.; BENDIXEN, Birgitte. 1977. *Workbook in Generative Phonology*. Englewood Cliffs NJ: Prentice-Hall.
- SMITH, Norval. 2010. *Phonology: the basics*. Oxford: Blackwell.

F.

**MANUAIS UNIVERSITÁRIOS DE MORFOLOGIA
OBRAS DE INTRODUÇÃO À MORFOLOGIA
OBRAS DE CARÁCTER GERAL – MORFOLOGIA**

Obras de leitura essencial

- ARONOFF, Mark; FUDEMAN, Kirsten. 2005. *What is Morphology?* Malden MA: Blackwell.

- AZUAGA, Luísa. 1996. Morfologia. In: Isabel H. Faria *et al.* (Org.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 215-244.
- BAUER, Laurie. 2003. *Introducing Linguistic Morphology*. 2nd ed. Washington DC: Georgetown University Press [Paperback].
- BOOIJ, G. E. 2007. *The Grammar of Words: An Introduction to Linguistic Morphology*. Oxford: Oxford University Press.
- CARSTAIRS-McCARTHY, Andrew. 1992. *Current Morphology*. London: Routledge.
- COATES, Richard 1999. *Word Structure*. London: Routledge.
- DUCHET, Jean-Louis. 1981. *La phonologie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- HASPELMATH, Martin; SIMS, Andrea. 2002. *Understanding Morphology*. London: Hodder Arnold.
- KATAMBA, Francis; STONHAM, John. 2006. *Morphology*. 2nd ed. London: Palgrave Macmillan.
- LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. 1994. *Manual de morfologia do português*. Juiz de Fora MG/Campinas SP: UFJF/Pontes.
- LIEBER, Rochelle. 2010. *Introducing Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MATEUS, Maria Helena Mira; ANDRADE, Amália; VIANA, Maria do Céu; VILLALVA, Alina. 1990. *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- MATTHEWS, P. H. 1977. *Morphology. An Introduction to the Theory of Word-Structure*. Cambridge: Cambridge University Press. Trad. esp. de R. Monroy Casas. *Morfología. Introducción a la teoría de la estructura de la palabra*. Madrid: Paraninfo, 1980.
- PALMER, Frank. 1971. *Grammar*. London: Penguin.
- ROSA, Maria Carlota. 2006. *Introdução à Morfologia*. São Paulo SP: Contexto.
- SPENCER, Andrew. 1991. *Morphological Theory. An Introduction to Word Structure in Generative Grammar*. Oxford: Blackwell.
- SPENCER, Andrew; ZWICKY, Arnold M. (Eds.). 1998. *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell.
- VARELA ORTEGA, Soledad. 1996. *Fundamentos de morfología*. Madrid: Síntesis.

Obras de leitura complementar

- ARONOFF, Mark (1994). *Morphology by Itself. Stems and Inflectional Classes*. Cambridge MA: The MIT Press.
- BORREGO NIETO, Julio; GÓMEZ ASENCIO, José J. 1989. *Prácticas de Fonética y Fonología*. Salamanca: Universidad de Salamanca.

G. OBRAS TEÓRICAS (NÃO INTRODUTÓRIAS) DE FONOLOGIA E/OU MORFOLOGIA

Obras de leitura essencial

- AITCHISON, Jean. 1994. *Words in the Mind. An Introduction to the Mental Lexicon*. 2nd ed. Oxford: Blackwell.
- ANDERSON, Stephen R. 1985. *Phonology in the Twentieth Century. Theories of Rules and Theories of Representations*. Chicago/London: The University of Chicago Press.

- CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. 1968. *The Sound Pattern of English*. New York NY: Harper & Row.
- CORBIN, Danielle. 1987. *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. Tübingen: Niemeyer.
- DELL, François. 1985. *Les règles et les sons. Introduction à la phonologie générative*. Paris: Hermann.
- DISCIULLO, M.; WILLIAMS, E. 1987. *On the definition of word*. Cambridge MA: The MIT Press.
- GOLDSMITH, John A. (Ed.) 1995. *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge MA: Blackwell.
- GOLDSMITH, John A. (Ed.). 1999. *Phonological Theory. The Essential Readings*. Malden MA: Blackwell.
- HALLE, Morris. 2002. *From memory to speech and back: Papers on phonetics and phonology 1954-2002*. Berlin: Mouton De Gruyter.

Obras de leitura complementar

- ARONOFF, Mark. 1976. *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge MA: The MIT Press.
- ARONOFF, Mark. 1994. *Morphology by Itself. Stems and Inflectional Classes*. Cambridge MA: The MIT Press.
- ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA. 1994. *Actas do Workshop sobre Fonologia/Proceedings of the Workshop on Phonology (Coimbra, 27-28 Setembro, 1993)*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.
- BAKER, M. 2003. *Lexical Categories*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BLEVINS, Juliette. 2004. *Evolutionary Phonology. The Emergence of Sound Patterns*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DELL, François; HIRST, Daniel; VERGNAUD, Jean-Roger (Dirs.). 1984. *Forme sonore du langage. Structure des représentations en phonologie*. Paris: Hermann.
- DIEHL, Randy L. (Guest Editor). 1991. *On the Relation between Phonetics and Phonology*. *Phonetica*. **48(2-4/91)**.
- DINNSEN, Daniel A. (Ed.). 1979. *Current Approaches to Phonological Theory*. Bloomington IN: Indiana University Press.
- DURAND, Jacques (Ed.). 1986. *Dependency and Non-Linear Phonology*. London: Croom Helm.
- EWEN, Colin J.; VAN DER HULST, Harry. 2001. *The Phonological Structure of Words. An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GUIMARÃES, Eduardo; MOLLICA, Maria Cecília (Orgs.). 2007. *A Palavra. Forma e Sentido*. Campinas SP: Pontes.
- HALLE, Morris; VERGNAUD, Jean-Roger. 1987. *An Essay on Stress*. Cambridge MA: The MIT Press.
- HAYES, Bruce; KIRCHNER, Robert; STERIADE, Donca (Eds.). 2004. *Phonetically based phonology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HUDSON, Richard. 1984. *Word Grammar*. Oxford: Blackwell.
- KAGER, René; VAN DER HULST, Harry; ZONNEVELD, Wim (Eds.). 1999. *The Prosody-Morphology Interface*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KRÁMSKÝ, Jiří. 1969. *The Word as a Linguistic Unit*. The Hague: Mouton.
- LAKS, Bernard; PLENAT, Marc (Dir.). 1993. *De natura sonorum. Essais de phonologie*. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes.
- LIEBER, Rochelle. 1981. *On the organization of the lexicon*. Bloomington IN: Indiana University Linguistics Club.

- LLORET, Maria-Rosa; JIMÉNEZ, Jesús (Eds.). 2005. *Morphology in Phonology*. *Catalan Journal of Linguistics*. 4.
- MATEUS, Maria Helena Mira; VILLALVA, Alina (Orgs.). 1985. *Novas Perspectivas em Fonologia*. Lisboa: Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras de Lisboa.
- MOHANAN, K. P. 1986. *The Theory of Lexical Phonology*. Dordrecht: Reidel.
- NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. 2007. *Prosodic Phonology*. With a new foreword. Berlin: Mouton De Gruyter.
- ROCA, Iggy (Ed.). 1997. *Derivations and Constraints in Phonology*. Oxford: Clarendon.
- SCALISE, Sergio. 1984. *Generative Morphology*. Dordrecht: Foris.
- SCHANE, Sanford A. 1973. *Generative Phonology*. Englewood Cliffs NJ: Prentice-Hall.
- SELKIRK, Elisabeth O. 1980. *On Prosodic Structure and its Relation to Syntactic Structure*. Bloomington IN: Indiana University Linguistics Club.
- SELKIRK, Elisabeth O. 1986. *Phonology and Syntax: The Relation between Sound and Structure*. Cambridge MA: The MIT Press.
- SOMMERSTEIN, Alan H. 1977. *Modern Phonology*. London: Arnold. Trad. esp. de G. Diamante. *Fonología Moderna*. Madrid: Cátedra, 1980.
- SUGAYAMA, Kensei; HUDSON, Richard A. (Eds.). 2005. *Word Grammar. New Perspectives on a Theory of Language Structure*. London: Continuum.
- VAN DER HULST, Harry; SMITH, Norval (Eds.). 1985. *Advances in Nonlinear Phonology*. Dordrecht: Foris.

H.

OBRAS DE DESCRIÇÃO FONOLÓGICA DO PORTUGUÊS

Obras de leitura essencial

- BARBOSA, Jorge Morais. 1965. *Etudes de Phonologie Portugaise*. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar. 2.ème éd.: Évora: Universidade de Évora, 1983.
- BARBOSA, Jorge Morais. 1994. *Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*. Coimbra: Almedina.
- BARROSO, Henrique. 1999. *Forma e Substância da Expressão da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- BISOL, Leda (Org.) 2005. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4ª ed. Porto Alegre RS: EDIPUCRS.
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. 1970. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis RJ: Vozes.
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. 1971. *Problemas de Linguística Descritiva*. Petrópolis RJ: Vozes.
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. 1977. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Rio de Janeiro RJ: Livraria Padrão.
- CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês (Org.). 2003. *Razões e Emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda (2 vols.).
- CINTRA, Luís Filipe Lindley; RIBEIRO, José A. Peral. (Org.). 1973. *A. R. Gonçalves Viana – Estudos de Fonética Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- DUARTE, Inês. 2000. *Língua Portuguesa. Instrumentos de Análise*. Lisboa: Universidade Aberta.
- FREITAS, Maria João; SANTOS, Ana Lúcia. 2001. *Contar (histórias de) sílabas*. Lisboa: Colibri/Associação de Professores de Português.
- LÜDTKE, Helmut. 1952. Fonemática Portuguesa. I – Consonantismo. *Boletim de Filologia*. XIII(3-4): 273-288.

- LÜDTKE, Helmut. 1953. Fonemática Portuguesa. II – Vocalismo. *Boletim de Filologia*. **XIV(3-4)**: 197-217.
- MATEUS, Maria Helena Mira. 1975. *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos [2ª edição: Lisboa: INIC, 1982].
- MATEUS, Maria Helena Mira. 1995. A silabificação de base em português. *Actas do X encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 289-300. Republicado em: M. H. M. Mateus. 2002. *A Face Exposta da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 271-279.
- MATEUS, Maria Helena Mira. 2002. *A Face Exposta da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- MATEUS, Maria Helena Mira. 2003. A harmonização vocálica e o abaixamento de vogais nos verbos do português. In: *Língua Portuguesa: Estruturas, Usos e Contrastes. Volume Comemorativo dos 25 Anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, 289-301.
- MATEUS, Maria Helena Mira; ANDRADE, Amália; VIANA, Maria do Céu; VILLALVA, Alina. 1990. *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- MATEUS, Maria Helena; D'ANDRADE, Ernesto. 2000. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- NETTO, Waldemar Ferreira. 2001. *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. São Paulo SP: Hedra.
- PEREIRA, Isabel. 2000. O acento verbal em português: uma proposta de formalização. *Revista Portuguesa de Filologia*. **XXIII**: 245-269.
- RODRIGUES, Maria Celeste Matias. 2003. *Lisboa e Braga: Fonologia e Variação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- SILVA, Thaís Cristófar. 2002. *Fonética e Fonologia do Português. Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios*. 6ª ed. São Paulo SP: Contexto.
- SILVA, Thaís Cristófar. 2003. *Exercícios de Fonética e Fonologia*. São Paulo SP: Contexto.
- VELOSO, João. 2005. Considerações sobre o estatuto fonológico de [i] em português. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Línguas e Literaturas*. **II(XXII)**: 621-632.
- VELOSO, João 2006. Reavaliando o Estatuto Silábico das Sequências Obstruinte+Lateral em Português Europeu. *DELTA*. **22(1)**: 127-158.
- VELOSO, J. 2007. Schwa in European Portuguese: The Phonological Status of [i]. In: O. Crouzet, J.-P. Angoujard (Orgs.). *Actes des/Proceedings of JEL'2007. Schwa(s). 5.èmes Journées d'Etudes Linguistiques. 27-28 Juin 2007. Nantes, France*. Nantes: Université de Nantes (LLING, Laboratoire de Linguistique de Nantes, UFR Lettres et Langages), 55-60.
- VELOSO, João 2008. Coda-avoiding: Some evidence from Portuguese. *Romanitas. Lenguas y literaturas romances*. **3(1)**.
<http://humanidades.uprrp.edu/romanitas/english/volumen3/veloso.html>.
- VIGÁRIO, Marina; FALÉ, Isabel. 1994. A Sílabas no Português Fundamental: uma descrição e algumas considerações de ordem teórica. *Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 465-478.

Obras de leitura complementar

- BARBOSA, Plínio A. 2006. *Incurções em torno do ritmo da fala*. São Paulo SP: Pontes/FAPESP.
- CARVALHO, José G. Herculano de. 1984. *Estudos Linguísticos*. Coimbra: Coimbra Editora (3 vols.).

- CARVALHO, José G. Herculano de; SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen. 1984. *Estudos de linguística portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora.
- D'ANDRADE, Ernesto. 1994. *Temas de Fonologia*. Lisboa: Colibri.
- FROTA, Sónia. 2000. *Prosody and Focus in European Portuguese. Phonological phrasing and intonation*. New York NY: Garland.
- FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina; FREITAS, Maria João (Eds.). 2005. *Prosodies. With Special Reference to Iberian Languages*. Berlin: Mouton De Gruyter.
- MARTÍNEZ-GIL, Fernando; MORALES-FRONT, Alfonso (Eds.). 1997. *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages*. Washington DC: Georgetown University Press.
- PARDAL, Ernesto D'Andrade. 1977. *Aspects de la phonologie (générative) du portugais*. Lisboa: INIC.
- PEREIRA, Isabel; MATA, Ana Isabel; FREITAS, Maria João. 1992. *Estudos em Prosódia*. Lisboa: Colibri.
- PEREIRA, Maria Isabel Pires. 1999. *O Acento de Palavra em Português. Uma Análise Métrica*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra.
- SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. 1986. *Estudos de Fonologia Portuguesa*. São Paulo SP: Cortez.
- VELOSO, J. 2009. Découpage de continuums phonétiques en mots: Critères formels vs. indices substatifs. In: O. Crouzet, A. Tifrit, J.-P. Angoujard (Orgs.). *Actes des/Proceedings of JEL'2009/JEG'2009. 6.èmes Journées d'Etudes Linguistiques/2.ème Journée d'Etudes Gallèses*. Nantes : Université de Nantes, 85-90.
- VIGÁRIO, Marina Cláudia. 1998a. *Aspectos da Prosódia do Português Europeu. Estruturas com Advérbios de Exclusão e Negação Frásica*. Braga: Universidade do Minho (Centro de Estudos Humanísticos).
- VIGÁRIO, Marina. 1998b. Elisão da Vogal Não-Recuada Final e a Palavra Prosódica no Português Europeu. *Actas do XIII Encontro nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística/Colibri, 359-376.
- VIGÁRIO, Marina. 2003. *The Prosodic Word in European Portuguese*. Berlin: Mouton De Gruyter.
- VIGÁRIO, Marina. 2007. O lugar do grupo clítico e da palavra prosódica composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. *XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos seleccionados*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 673-688.

I.

OBRAS DE DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA DO PORTUGUÊS

Obras de leitura essencial

- BARBOSA, Jorge Morais. 1994. *Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*. Coimbra: Almedina.
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. 1970. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis RJ: Vozes.
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. 1971. *Problemas de Linguística Descritiva*. Petrópolis RJ: Vozes.
- CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês (Org.). 2003. *Razões e Emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda (2 vols.).

- CORREIA, Margarita; LEMOS, Lúcia San Payo de. 2005. *Inovação lexical em português*. Lisboa: Colibri/Associação de Professores de Português.
- DUARTE, Inês. 2000. *Língua Portuguesa. Instrumentos de Análise*. Lisboa: Universidade Aberta.
- LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. 1994. *Manual de morfologia do português*. Juiz de Fora MG/Campinas SP: UFJF/Pontes.
- MATEUS, Maria Helena Mira. 1975. *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. Lisboa. Centro de Estudos Filológicos. 2ª ed.: Lisboa: INIC, 1982.
- MATEUS, Maria Helena Mira. 2002. *A Face Exposta da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- MATEUS, Maria Helena Mira; ANDRADE, Amália; VIANA, Maria do Céu; VILLALVA, Alina. 1990. *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- RIO-TORTO, Graça Maria. 1998a. *Morfologia Derivacional. Teoria e Aplicação ao Português*. Porto: Porto Editora.
- RIO-TORTO, Graça Maria. 1998b. Padrões de formação de verbos em português. *Revista Portuguesa de Filologia*. **XXII**: 293-327.
- RODRIGUES, Alexandra Soares. 2001. *A Construção de Postverbais em Português*. Porto: Granito.
- RODRIGUES, Alexandra Soares. 2002. Para compreender o mecanismo de formação dos chamados «derivados regressivos». In: I. M. Duarte et al. (Org.). *Encontro Comemorativo dos 25 Anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, I, 9-19.
- ROSA, Maria Carlota. 2006. *Introdução à Morfologia*. São Paulo SP: Contexto.
- VELOSO, João. 2005. Estrutura interna e flexão de número dos nomes terminados em “-ão”: onde reside a «irregularidade»? In: G. M. Rio-Torto, O. Figueiredo, F. Silva (Coord.). *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, I, 325-338.
- VILLALVA, A. 2000. *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- ZANOTTO, Normelio. 1986. *Estrutura mórfica da língua portuguesa*. Caxias do Sul: EDUCS.

Obras de leitura complementar

- CARVALHO, José G. Herculano de. 1984. *Estudos Linguísticos*. Coimbra: Coimbra Editora (3 vols.).
- CARVALHO, José G. Herculano de; SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen. 1984. *Estudos de linguística portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora.
- FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina; FREITAS, Maria João (Eds.). 2005. *Prosodies. With Special Reference to Iberian Languages*. Berlin: Mouton De Gruyter.
- MARTÍNEZ-GIL, Fernando; MORALES-FRONT, Alfonso (Eds.). 1997. *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages*. Washington DC: Georgetown University Press.
- PAIVA, Maria Helena. 2006. Unidades monoverbais e pluriverbais, diacronia e tratamento informático no corpus metalinguístico do português quinhentista. *Linguística – Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*. **1(1)**: 107-142.
- VILELA, Mário. s/d. *La formation des mots*. Porto: Brasília Editora/Associação de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

J.
**OBRAS DE DESCRIÇÃO FONOLÓGICA E/OU MORFOLÓGICA
DE OUTRAS LÍNGUAS⁵²**

Obras de leitura complementar

- ALARCOS LLORACH, Emilio. 1965. *Fonología Española*. 4ª ed. Madrid: Gredos.
- BORREGO NIETO, Julio; GÓMEZ ASENCIO, José J. 1989. *Prácticas de Fonética y Fonología*. Salamanca: Universidad de Salamanca.
- CALABRESE, Andrea (Ed.). 1996. *Romance Phonology. A Reader*. Budapest: L. Eötvös University.
- CARR, Philip. 1999. *English Phonetics and Phonology. An Introduction*. Oxford: Blackwell.
- CARVALHO, José G. Herculano de. 1984. *Estudos Linguísticos*. Coimbra: Coimbra Editora (3 vols.).
- D'INTRONO, Francesco; DEL TESO, Enrique; WESTON, Rosemary. 1995. *Fonética y fonología actual del español*. Madrid: Cátedra.
- EDDINGTON, David. 2004. *Spanish Phonology and Morphology*. Amsterdam: John Benjamins.
- FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina; FREITAS, Maria João (Eds.). 2005. *Prosodies. With Special Reference to Iberian Languages*. Berlin: Mouton De Gruyter.
- GIL FERNÁNDEZ, Juana (Ed.). 2000. *Panorama de la fonología española actual*. Madrid: Arco.
- GLESSGEN, Martin-Dietrich. 2007. *Linguistique romane. Domaines et méthodes en linguistique française et romane*. Paris: Armand Colin.
- GUITART, José M.; ROY, Joaquín (Eds.). 1980. *La estructura fónica de la lengua castellana: fonología, morfología, dialectología*. Barcelona: Anagrama.
- HAMMOND, Michael. 1999. *The Phonology of English. A Prosodic Optimality-Theoretic Approach*. Oxford: Oxford University Press.
- HARRIS, James W. 1973. *Fonología generativa del español*. Barcelona: Planeta.
- LANG, M. F. 1990. *Spanish Word Formation. Productive derivational morphology in the modern lexicon*. London: Routledge.
- LE GALLIOT, Jean. 1975. *Description générative et transformationnelle de la langue française*. Paris: Nathan.
- MARTÍNEZ-GIL, Fernando; MORALES-FRONT, Alfonso (Eds.). 1997. *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages*. Washington DC: Georgetown University Press.
- NAVARRO TOMÁS, T. 1926. *Manual de Pronunciación Española*. 3ra ed. Madrid: Revista de Filología Española.
- QUILIS, Antonio. 1993. *Tratado de fonología y fonética españolas*. Madrid: Gredos.
- QUILIS, Antonio; FERNÁNDEZ, Joseph A. 1985. *Curso de fonética y fonología españolas para estudiantes angloamericanos*. Madrid: CSIC.
- TOURATIER, Christian. 2005. *Essais de phonologie latine*. Aix-en-Provence: Université de Provence.
- TRANEL, Bernard. 1987. *The Sounds of French*. Cambridge: Cambridge University Press.
- VEIGA, Alexandre. 2002. *El subsistema vocálico español*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- WALKER, Douglas C. 2001. *French Sound Structure*. Calgary AL: The University of Calgary Press.

⁵² Nesta secção, podem eventualmente ser encontradas obras que incluam o português entre as línguas consideradas; esta situação verifica-se nomeadamente com os títulos que se situam na área da linguística românica.

WHEELER, Max W. 2005. *The phonology of Catalan*. Oxford: Oxford University Press.

K. OBRAS DE FONÉTICA GERAL

Obras de leitura essencial

- ASHBY, Michael; MAIDMENT, John. 2005. *Introducing Phonetic Science*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BALL, Martin J.; RAHILLY, Joan. 1999. *Phonetics: The Science of Speech*. London: Arnold.
- BORREGO NIETO, Julio; GÓMEZ ASECIO, José J. 1989. *Prácticas de fonética y fonología*. Salamanca: Universidad de Salamanca.
- CATFORD, J. C. 2004. *A Practical Introduction to Phonetics*. 2nd ed. Oxford: Oxford University Press.
- CLARK, John; YALLOP, Colin; FLETCHER, Janet. 2007. *An Introduction to Phonetics and Phonology*. 3rd ed. Oxford: Blackwell.
- DELGADO-MARTINS, Maria Raquel. 1988. *Ouvir Falar. Introdução à Fonética do Português*. Lisboa: Caminho.
- INTERNATIONAL PHONETIC ASSOCIATION. 1999. *Handbook of the International Phonetic Association. A Guide to the Use of the International Phonetic Alphabet*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LADEFOGED, Peter. 1971. *Preliminaries to Linguistic Phonetics*. Chicago: The University of Chicago Press.
- LADEFOGED, Peter. 2001. *Vowels and Consonants: An Introduction to the Sounds of Languages*. Oxford: Blackwell.
- LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. 1996. *The Sounds of the World's Languages*. Oxford: Blackwell.
- LAVER, John. 1994. *Principles of Phonetics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MALMBERG, Bertil. 1954. *La Phonétique*. Paris: Presses Universitaires de France. Trad. port. de O. Figueiredo. *A Fonética*. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.
- MARTÍNEZ CELDRÁN, Eugenio. 1989. *Fonética*. Barcelona: Teide.
- MARTÍNEZ CELDRÁN, Eugenio. 1996. *El sonido en la comunicación humana. Introducción a la Fonética*. Barcelona: Octaedro. Trad. galega, adapt., de S. Labraña Barrero, S. Cerradelo Gómez. *Introducción á Fonética. O son na comunicación humana*. Vigo: Galaxia, 2002.
- MOUTINHO, Lurdes de Castro. 2000. *Uma Introdução ao Estudo da Fonética e Fonologia do Português*. Lisboa: Plátano.
- PULLUM, G. K.; LADUSAW, W. A. 1996. *Phonetic Symbol Guide*. 2nd ed. Chicago: The University of Chicago Press.
- ROACH, Peter. 2001. *Phonetics*. Oxford: Oxford University Press.
- ROGERS, Henry. 2000. *The Sounds of Language. An Introduction to Phonetics*. London: Longman.
- ROSETTI, A. [trad. port. de M. L. Carvalhão Buescu]. 1974. *Introdução à Fonética*. Mem Martins: Europa-América.

Obras de leitura complementar

- DENES, Peter B.; PINSON, Elliot N. 1993. *The Speech Chain. The Physics and Biology of Spoken Language*. 2nd ed. New York: Freeman & Co.
- GILI GAYA, Samuel. 1966. *Elementos de Fonética General*. 5^a ed. Madrid: Gredos.

- JONES, Daniel. 1960. *An Outline of English Phonetics*. 9th ed. Cambridge: Cambridge University Press.
- LADEFOGED, Peter. 2003. *Phonetic Data Analysis: An Introduction to Fieldwork and Instrumental Techniques*. Oxford: Blackwell.
- LEBRUN, Yves. 1968. *Anatomie et physiologie de l'appareil phonatoire*. Bruxelles/Paris: Labor/Fernand Nathan.
- LIEBERMAN, Philip; BLUMSTEIN, Sheila E. 1988. *Speech physiology, speech perception, and acoustic phonetics*. Cambridge: Cambridge University Press.

L.

OBRAS DE FONÉTICA E TRANSCRIÇÃO FONÉTICA DO PORTUGUÊS

Obras de leitura essencial

- CINTRA, Luís Filipe Lindley; RIBEIRO, José A. Peral. (Org.). 1973. *A. R. Gonçalves Viana – Estudos de Fonética Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- DELGADO-MARTINS, Maria Raquel. 1988. *Ouvir Falar. Introdução à Fonética do Português*. Lisboa: Caminho.
- DELGADO-MARTINS, Maria Raquel. 2002. *Fonética do Português. Trinta anos de investigação*. Lisboa: Caminho.
- EMILIANO, António. 2009. *Fonética do Português. Descrição e Transcrição*. Lisboa: Guimarães.
- LACERDA, Armando de; HAMMARSTRÖM, Göran. 1952. Transcrição fonética do português normal. *Revista do Laboratório de Fonética Experimental da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*. **1**: 119-135
- MATEUS, Maria Helena Mira; ANDRADE, Amália; VIANA, Maria do Céu; VILLALVA, Alina. 1990. *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- SILVA, Thaís Cristófar. 2002. *Fonética e Fonologia do Português. Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios*. 6^a ed. São Paulo SP: Contexto.
- SILVA, Thaís Cristófar. 2003. *Exercícios de Fonética e Fonologia*. São Paulo SP: Contexto.
- VELOSO, João. 1999. *Na ponta da língua. Exercícios de fonética do português*. Porto: Granito.

M.

OBRAS GERAIS SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA OBRAS DE INTRODUÇÃO À SOCIOLINGUÍSTICA/DIALECTOLOGIA/VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Obras de leitura essencial

- COULMAS, Florian (Ed.). 1997. *The Handbook of Sociolinguistics*. Oxford: Blackwell.
- COUPLAND, Nikolas; JAWORSKI, Adam (Eds.). 1997. *Sociolinguistics. A Reader and Coursebook*. London: Macmillan Press.
- LABOV, William. 1979. *Language in the inner city. Studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- LABOV, William. 1984. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- LABOV, William. 2001. *Principles of linguistic change*. Oxford: Blackwell (2 vols.).
- LLAMAS, Carmen; MULLANY, Louise; STOCKWELL, Peter (Eds.). 2006. *The Routledge Companion to Sociolinguistics*. London: Routledge.
- MARCELLESI, J.-B.; GARDIN, B. 1974. *Introduction à la sociolinguistique*. Paris: Larousse.
- MATEUS, Maria Helena Mira; CARDEIRA, Esperança. 2007. *Norma e variação*. Lisboa: Caminho.

- ROMAINE, Suzanne. 2000. *Language in Society. An Introduction to Sociolinguistics*. 2nd ed. Oxford: Oxford University Press.
- TRUDGILL, Peter. 1983. *On dialect: social and geographical perspectives*. Oxford: Blackwell.
- TRUDGILL, Peter. 2001a. *Sociolinguistics: An Introduction to Language and Society*. 4th ed. London: Penguin.
- TRUDGILL, Peter. 2001b. *Sociolinguistic variation and change*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- WARDHAUGH, Ronald. 1992. *An Introduction to Sociolinguistics*. 2nd ed. Oxford: Blackwell.

Obras de leitura complementar

- ALLEN, Harold B. (Ed.). 1986. *Dialect and language variation*. Orlando: Academic Press.
- ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA. 1994. *Varição linguística no espaço, no tempo e na sociedade*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística/Colibri.
- AUER, Peter; HINSKENS, Frans; KERSWILL, Paul (Eds.). 2005. *Dialect Change. Convergence and divergence in European languages*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HOLMES, Janet. 2008. *An Introduction to Sociolinguistics*. 3rd ed. London: Pearson Longman.
- MEYERHOFF, Miriam. 2006. *Introducing Sociolinguistics*. London: Routledge.
- PAULSTON, Christine; TUCKER, G. Richard (Eds.). 2003. *Sociolinguistics: The Essential Readings*. Oxford: Wiley-Blackwell.
- SPOLSKY, Bernard. 1998. *Sociolinguistics*. Oxford: Oxford University Press.

N.

OBRAS SOBRE VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA DO PORTUGUÊS

Obras de leitura essencial

- BOLÉO, Manuel de Paiva; SILVA, Maria Helena S. 1962. O «Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental». *Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica/ Actes du IXe Congrès International de Linguistique Romane*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos/Universidade de Lisboa. **III**: 85-115.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley. 1971. Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses. *Boletim de Filologia*. **XXII**: 81-116. Republicado em: L. F. L. Cintra. 1983. *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 117-163.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley. 1983. *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.
- FERREIRA, Manuela Barros; CARRILHO, Ernestina; LOBO, Maria; SARAMAGO, João; CRUZ, Luísa Segura da. 1996. Variação linguística: perspectiva dialectológica. In: Isabel H. Faria *et al.* (Orgs.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 479-502.
- MATEUS, Maria Helena Mira; NASCIMENTO, Fernanda Bacelar do (Orgs.). 2005. *A Língua Portuguesa em Mudança*. Lisboa: Caminho.
- PERES, João Andrade; MÓIA, Telmo. 1995. *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. 2^a ed. Lisboa: Caminho.
- RODRIGUES, Maria Celeste Matias. 2003. *Lisboa e Braga: Fonologia e Variação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- VASCONCELLOS, J. Leite de (1901). *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. 3^a ed., prep. Maria Adelaide Valle Cintra. Lisboa: INIC/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

Obras de leitura complementar

- CARVALHO, José G. Herculano de. 1984. *Estudos Linguísticos*. Coimbra: Coimbra Editora (3 vols.).
- DIETRICH, Wolf; NOLL, Volker (Org.). 2004. *O Português do Brasil. Perspectivas da pesquisa atual*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert.

O.

**OBRAS DE LINGUÍSTICA HISTÓRICA
OBRAS DE HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA
OBRAS SOBRE MUDANÇA FONÉTICA**

Obras de leitura essencial

- CARDEIRA, Esperança. 2006. *O Essencial sobre a História do Português*. Lisboa: Caminho.
- CASTRO, Ivo. 1991. *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- CASTRO, Ivo de. 2005. *Introdução à História do Português. Geografia da Língua. Português Antigo*. Lisboa: Colibri.
- GLESSGEN, Martin-Dietrich. 2007. *Linguistique romane. Domaines et méthodes en linguistique française et romane*. Paris: Armand Colin.
- HUBER, Joseph. 1933. *Altportugiesisches Elementarbuch*. Heidelberg: Carl Winters. Trad. port. de M. M. G. Delille. *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.
- NETO, Serafim da Silva. 1988. *História da Língua Portuguesa*. 5ª ed. Rio de Janeiro RJ: Presença/Instituto Nacional do Livro.
- NUNES, José Joaquim. 1956. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. Fonética e Morfologia*. 5ª ed. Lisboa: Livraria Clássica.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. 2008. *O Português Arcaico. Uma Aproximação*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda (2 vols.).
- TEYSSIER, Paul. 1980. *Histoire de la langue portugaise*. Paris: Presses Universitaires de France. Trad. port. de C. Cunha. *História da Língua Portuguesa*. 4ª ed. Lisboa: Sá da Costa, 1990.
- WILLIAMS, E. 1938. *From Latin to Portuguese. Historical Phonology and Morphology of the Portuguese Language*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. Trad. port. (Antônio Houaiss): *Do latim ao português*. Rio de Janeiro RJ: Tempo Brasileiro, 1975.

Obras de leitura complementar

- BANNIARD, Michel 1997. *Du latin aux langues romanes*. Paris: Nathan.
- BOURCIEZ, E.; BOURCIEZ, J. 1967. *Phonétique française. Etude historique*. Paris: Klincksieck.
- CARVALHO, José G. Herculano de. 1984. *Estudos Linguísticos*. Coimbra: Coimbra Editora (3 vols.).
- MAIA, Clarinda de Azevedo. 1995. *História da Língua Portuguesa. Guia de Estudo*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- PAIVA, Maria Helena. 2006. Unidades monoverbais e pluriverbais, diacronia e tratamento informático no corpus metalinguístico do português quinhentista. *Linguística – Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*. **1(1)**: 107-142.

7. Planificação das aulas e das restantes actividades propostas aos estudantes

7.1 – Apresentação geral da planificação proposta

O principal objectivo deste capítulo é propor uma distribuição das matérias e assuntos a tratar e dos trabalhos a realizar no âmbito de *EFMP* pelas 15 semanas lectivas (=60 horas de aula) tipicamente correspondentes ao semestre escolar⁵³.

De acordo com os regulamentos dos cursos a que pertence esta disciplina⁵⁴, as sessões lectivas previstas ao longo do semestre repartem-se por **aulas teóricas, aulas práticas e sessões de orientação tutorial.**

Uma explicação mais detalhada dos diversos tipos de metodologia a adoptar no trabalho realizado em cada uma dessas categorias de diferentes sessões lectivas será desenvolvida no capítulo seguinte deste relatório. Sumariamente, referiremos aqui que as aulas teóricas se prestarão, eminentemente, à apresentação dos principais temas a abordar na disciplina, fortemente baseada na exposição, por parte do professor, dos fundamentos, do conteúdo e das diferentes perspectivas teóricas correspondentes a cada um dos pontos centrais contemplados pelos sumários das aulas. Relativamente às aulas práticas, o planeamento aqui apresentado pressupõe uma significativa (ainda que não exclusiva) componente de resolução de exercícios práticos (uma bateria exemplificativa do tipo de exercícios que são objecto de trabalho nas aulas práticas encontra-se na secção 7.3 deste mesmo capítulo). Desejavelmente, em cada semana, a aula prática deveria oferecer aos estudantes a possibilidade de aplicar, na

⁵³ Correspondendo cada semana lectiva a um total de 4 horas lectivas (=1 aula teórica de 2 horas + 1 aula prática de 1 hora + 1 sessão de orientação tutorial de 1 hora), as 15 semanas escolares do semestre traduzir-se-ão, como é referido no texto, num total de 60 horas lectivas. Salientamos que este valor total não contempla as horas de estudo e de trabalho individual dos estudantes, nem coincide exactamente com o número de horas lectivas anunciado no sistema *SIGARRA* para esta disciplina no ano lectivo 2009/2010 (vd. secção 1.1 do relatório). Discrepâncias como a que acabamos de referir são atribuíveis a factores como, entre outros, a contabilização ou não da realização de provas escritas de avaliação como horas lectivas.

⁵⁴ Vd. diplomas legais citados na nota 2.

análise de dados linguísticos concretos, os conhecimentos trabalhados na correspondente aula teórica. Esta complementação de cada aula teórica com uma aula prática permitiria, em cada semana, aprofundar, problematizar e consolidar na aula prática os conhecimentos trabalhados na aula teórica precedente. Finalmente, as sessões de orientação tutorial destinar-se-ão a um trabalho de pendor ainda mais participativo e capaz de promover uma colaboração de maior proximidade entre o professor e os estudantes da turma. Cada uma destas sessões se destina, em princípio, a um pequeno grupo de estudantes (ou seja, a um subconjunto de estudantes da turma). Relativamente a estas sessões, o formato adoptado neste planeamento reveste-se de uma modalidade principal: a discussão orientada de aspectos teóricos constantes do programa a partir da leitura de textos específicos. Assim, no início do semestre, o professor divulgará uma lista de cerca de 20 textos sobre outros tantos tópicos considerados centrais nesta disciplina (vd. uma lista exemplificativa do tipo de texto que podem ser sugeridos para as sessões de OT na secção 7.4 do relatório). Os textos serão maioritariamente trabalhos de natureza descritiva de aspectos centrais da fonologia, da morfologia ou da dialectologia do português, dando-se preferência aos textos redigidos em português. Cada um dos pequenos grupos em que a turma será subdividida e que participarão em sessões de OT diferenciadas ficará responsável pela leitura de um desses textos, cabendo-lhe apresentar os resultados da sua leitura crítica numa das sessões do semestre, calendarizada logo na primeira ou na segunda semana de aulas; para a sessão respectiva, o grupo encarregue da apresentação de um dado texto preparará ainda um *hand-out*, completado posteriormente com um pequeno relatório de leitura (escrito) entregue ao professor. A apresentação destas notas de leitura será, assim, o ponto de partida para a discussão que se pretende dinamizar em cada sessão de OT, para a qual, adicionalmente, o professor preparará um pequeno guião de tópicos e questões para debate. Com esta metodologia de trabalho, pretende-se um aprofundamento dos conhecimentos dos

estudantes e, paralelamente, contribuir para a sua familiarização com a bibliografia básica da disciplina e, de forma muito importante, com a escrita científica de trabalhos de linguística e com a apresentação oral de raciocínios linguísticos. Com efeito, parece-nos aconselhável que os alunos sejam levados a verificar que a escrita científica nesta área se rege por estilos, convenções e princípios próprios e que os textos desta área obedecem a uma estrutura determinada. Constatamos, no âmbito concreto da nossa própria experiência docente, que estes aspectos tendem a passar despercebidos junto de um número significativo de alunos. Assim, respondendo também ao objectivo (enunciado no capítulo 4) de desenvolver a familiarização dos estudantes com as principais referências bibliográficas da área e com as técnicas de análise linguística e de escrita científica, esta modalidade de trabalho nas sessões de OT poderá vir a aproximar os estudantes desse mesmo resultado⁵⁵.

A distribuição dos diversos tópicos pelas várias semanas lectivas que passamos de seguida a apresentar procurou obedecer a um princípio de ordenação progressiva dos temas em função da sua complexidade e das implicações recíprocas entre assuntos. Por outras palavras: procurámos que as primeiras semanas fossem ocupadas com a exploração de tópicos mais fundamentais para a compreensão dos tópicos mais específicos que têm lugar somente após a fase inicial do semestre, por forma a que os conhecimentos estritamente necessários à assimilação de um dado assunto tenham sido devidamente explorados num momento anterior. Procurámos igualmente ter em conta, sobretudo na definição dos conteúdos iniciais, o nível de

⁵⁵ Procurar-se-á assim complementar o trabalho eventualmente desenvolvido em disciplinas mais propedêuticas como *Métodos e Técnicas de Pesquisa*, frequentada pelos estudantes de Ciências da Linguagem e de Línguas, Literaturas e Culturas no primeiro ano da licenciatura.

conhecimentos gerais previamente dominados pelos estudantes à entrada do semestre, de acordo com o perfil delineado em 3.2.

Por fim, vincamos que a fixação e a ordenação de conteúdos que se podem encontrar nesta parte do relatório não traduzem uma indicação absolutamente fixa e inflexível do trabalho a realizar. Em função de numerosas variáveis – como, nomeadamente, as características particulares de cada turma em cada ano lectivo –, será possível, e mesmo desejável, adaptar esta parte do presente projecto às circunstâncias de trabalho reais e concretas. Tal adaptação poderá passar pela supressão ou adição de certas matérias ou pelo aumento ou diminuição do destaque concedido a cada um dos tópicos a abordar. Desta forma, a planificação aqui apresentada, tal como os objectivos, o programa e a bibliografia da cadeira, é aqui oferecida como uma orientação geral do trabalho que poderia ser levado a cabo em condições ideais, sempre no pressuposto de que todos os assuntos serão trabalhados de forma integrada, e não como um inventário de itens avulsos e sucessivos. Pressupõe-se também que o trabalho desenvolvido em aula será objecto de uma continuação responsável, a nível do estudo individual, por parte de cada aluno.

Nas secções seguintes do relatório, procederemos então a uma proposta de distribuição, semana a semana, dos vários tópicos a abordar, de acordo com todas as considerações atrás desenvolvidas, a que se seguirão, em secções separadas, uma lista de exercícios práticos (e de pequenos temas para desenvolvimento escrito) (vd. secção 7.3) e uma lista de textos para o trabalho de leitura orientada/discussão a desenvolver nas sessões de OT (vd. secção 7.4).

7.2 – Distribuição das matérias a explorar pelas 15 semanas lectivas do semestre

SEMANA 1

AULA TEÓRICA	<p>Apresentação.</p> <p>Considerações preliminares sobre a disciplina: programa; bibliografia; avaliação; articulação entre os diversos formatos de sessões lectivas (aulas teóricas, aulas práticas e sessões de OT).</p> <p>A inserção desta disciplina na área dos Estudos Linguísticos.</p> <p>Revisão geral de alguns conceitos e unidades básicas de fonologia e morfologia: o fonema; o morfema.</p> <p>Primeiras considerações sobre a <i>palavra</i> enquanto unidade linguística e sobre o seu carácter transversal na abordagem da fonologia e da morfologia.</p>
AULA PRÁTICA	<p>Revisão geral dos principais símbolos e convenções utilizados na transcrição fonética do português.</p> <p>Exercícios de transcrição fonética larga de palavras e frases do português, em diversas variedades dialectais da língua.</p>
SESSÃO DE OT	Exercícios práticos de transcrição fonética do português.

SEMANA 2

AULA TEÓRICA	<p>Fonética articulatória.</p> <p>Descrição estrutural e funcional das várias estruturas compreendidas pelo aparelho fonador. A divisão do aparelho fonador em regiões infraglólicas, glótica e supraglólicas.</p> <p>O papel da laringe (cordas vocais) na distinção entre sons surdos e sons sonoros.</p> <p>O papel do véu palatino na distinção entre sons orais e sons nasais.</p> <p>O papel da cavidade oral na distinção entre consoantes e vogais, das consoantes entre si e das vogais entre si.</p> <p>Produção articulatória das consoantes: vozeamento; nasalidade; modo de articulação; ponto de articulação.</p> <p>Produção articulatória das vogais: vozeamento; nasalidade; configuração vocálica.</p> <p>Classificação articulatória tradicional das consoantes e vogais do português.</p>
AULA PRÁTICA	<p>A distinção entre transcrição fonética estreita e transcrição fonética larga.</p> <p>Exercícios de aplicação.</p> <p>O tratamento da variação dialectal nos exercícios de transcrição fonética.</p>
SESSÃO DE OT	Exercícios práticos: transcrição fonética larga e estreita.

SEMANA 3

<p>AULA TEÓRICA</p>	<p>Varição dialectal. A variação linguística enquanto fenómeno inerente à própria natureza das línguas. Atitude normativa <i>vs.</i> atitude descritiva perante o fenómeno da variação linguística. A perspectiva descritivista (neutra) da linguística moderna. Factores clássicos da variação linguística: espaço; tempo; sociedade. Tipologia clássica da variação linguística: variação diacrónica, diatópica, diastrática e diafásica. As noções de dialecto, sociolecto e idiolecto. Variação estratificada e variação estilística. A convivência de diversas variedades no mesmo espaço geográfico: variação vertical. As disciplinas que se ocupam da variação linguística e as inter-relações entre elas: dialectologia; sociolinguística; linguística histórica. Variação lexical, morfossintáctica e fonético-fonológica. A cartografia da variação linguística: o traçado das linhas isoglossas (isoléxicas e isófonas). Variação linguística: fenómeno do uso/da superfície ou do núcleo central da gramática? Alguns marcos históricos nos estudos dialectológicos do português: Leite de Vasconcelos; Paiva Boléo; Lindley Cintra. A divisão dialectal dos dialectos galego-portugueses contemporâneos segundo Cintra (1971): dialectos galegos; dialectos portugueses setentrionais (e suas subdivisões); dialectos portugueses centro-meridionais (e suas subdivisões). Os dialectos insulares. As sub-áreas dialectais do Baixo Minho e Douro Litoral, da Beira Baixa e Alto Alentejo e do Barlavento Algarvio. Referência geral às variedades não-europeias do português contemporâneo. Variação e mudança. Algumas mudanças em curso no português europeu contemporâneo indicadas por fenómenos de variação: aspiração das oclusivas surdas; assibilação das líquidas em final de palavra; vibrantes retroflexas. A norma-padrão do português europeu, do português do Brasil e do português de Moçambique. Variação e ensino do português.</p>
<p>AULA PRÁTICA</p>	<p>Exercícios práticos: classificação articulatória tradicional de consoantes e vogais do português.</p>
<p>SESSÃO DE OT</p>	<p>Audição comentada de várias amostras dialectais do português europeu contemporâneo; trabalho de transcrição fonética de parcelas desta amostra. Apresentação e discussão do trabalho facultativo de recolha dialectal do português.</p>

SEMANA 4

<p>AULA TEÓRICA</p>	<p>Introdução à fonologia estruturalista. A distinção entre contrastes fonéticos distintivos e não-distintivos: contrastes fonémicos e não-fonémicos (subfonémicos ou alofónicos). A noção de <i>par mínimo</i> e a sua importância na fonologia estruturalista para a definição de fonema e para a determinação do inventário fonémico de uma língua. Contextualização histórico-epistemológica: o pensamento fonológico no Círculo Linguístico de Praga. Os <i>Grundzüge der Phonologie</i> de Troubetzkoy (1939). Distinção entre fonética e fonologia. As noções de oposição fonológica, par mínimo, fonema, fone e alofone. O estudo fonológico como estudo de uma componente do sistema linguístico de uma língua particular. Aplicações do modelo estruturalista ao estudo da fonologia do português: Camara Jr. (1970; 1971; 1977); Lüdtke (1952; 1953); Barbosa (1965; 1994); Barroso (1999). Realizações fonéticas e representações fonológicas. O carácter conjectural (mental, teórico e abstracto) das representações fonológicas. A distribuição das unidades fonológicas. Distribuição livre e distribuição complementar. A neutralização de certas oposições fonológicas em determinados contextos e a noção estruturalista de arquifonema. Variantes livres e variantes combinatórias das realizações alofónicas.</p> <p>O inventário fonémico do português. Organização do sistema consonântico. Oposições de vozeamento, de nasalidade, de modo e de ponto de articulação na estruturação interna do sistema consonântico. Padrões de distribuição das consoantes do português. Organização do sistema vocálico. Oposições de altura, abertura, arredondamento e avanço/recuo na estruturação interna do sistema vocálico. Padrões de distribuição das vogais do português. Vocalismo tónico <i>vs.</i> vocalismo átono; vocalismo átono pré-tónico e pós-tónico (final e não-final). A redução do vocalismo átono como uma das mais importantes marcas distintivas do português europeu contemporâneo quer no quadro das restantes línguas românicas, quer no quadro das outras variedades da língua.</p>
<p>AULA PRÁTICA</p>	<p>Discussão de alguns problemas levantados pelo inventário fonémico do português:</p> <ul style="list-style-type: none"> - a representação fonológica das vogais nasais; - a representação fonológica da vibrante múltipla; - a representação fonológica das semivogais; - a representação fonológica do chevá. <p>Exercícios práticos de determinação de inventários fonémicos.</p>
<p>SESSÃO DE OT</p>	<p>LEITURA ORIENTADA DE TEXTOS CIENTÍFICOS.</p>

SEMANA 5

<p>AULA TEÓRICA</p>	<p>As relações entre as representações fonológicas e as realizações fonéticas. As noções de estrutura subjacente, estrutura de superfície e realização fonética no quadro da fonologia generativa “standard”. A derivação e as regras fonológicas neste quadro teórico.</p> <p>Contextualização histórico-epistemológica: a componente fonológica da gramática em <i>The Sound Pattern of English</i> de Chomsky & Halle (1968). A noção de gramática e o lugar da fonologia na arquitectura do sistema gramatical de uma língua.</p> <p>Aplicações do modelo SPE ao estudo da fonologia do português europeu: Mateus (1975); Pardal (1977).</p> <p>O carácter conjectural das representações fonológicas abstractas.</p> <p>Reconstituição e representação formal das representações fonológicas abstractas. A distinção entre representação subjacente, representação de superfície e realização fonética.</p> <p>As regras fonológicas no estabelecimento das relações <i>derivacionais</i> entre representações subjacentes e representações de superfície.</p> <p>Formalismos associados à explicitação das regras fonológicas.</p> <p>Regras categoriais e regras facultativas.</p> <p>O traço como objecto de aplicação das regras.</p> <p>O traço como unidade fonológica no modelo SPE. Argumentos: carácter universal do inventário dos traços distintivos; traços distintivos e economia descritiva; traços distintivos e delimitação das classes naturais; traços distintivos, classes naturais e processos fonológicos.</p> <p>Antecedentes da conceptualização inerente à noção de traço distintivo: a classificação das oposições fonológicas distintivas de acordo com Troubetzkoy (1939); os inventários de Jakobson, Fant & Halle (1951) e Jakobson & Halle (1956).</p> <p>O sistema de traços distintivos e a matriz fonológica do modelo SPE. Matriz, traço e classe natural.</p> <p>Redundância e implicação (universal e particular) no interior da matriz fonológica.</p> <p>A natureza linear do modelo SPE: as representações fonológicas como sucessões uninivelares de segmentos enquanto colunas de traços e fronteiras de constituintes.</p> <p>A adaptação do sistema de traços e da matriz do modelo SPE ao português europeu empreendida por Mateus (1975).</p> <p>Breve referência aos modelos (não-lineares) de geometria de traços (fonologia autosegmental).</p>
<p>AULA PRÁTICA</p>	<p>Algumas regras da fonologia do português de acordo com a formulação de Mateus (1975):</p> <ul style="list-style-type: none"> - elevação e centralização/recuo das vogais átonas; - especificação de /S/ antes de consoante e antes de pausa; - nasalização. <p>Exercícios práticos: a matriz fonológica do português; identificação e explicação de relações de redundância e implicação no interior da matriz fonológica do português; identificação, explicação, exemplificação e formulação de regras fonológicas segundo os formalismos do modelo SPE.</p>
<p>SESSÃO DE OT</p>	<p>LEITURA ORIENTADA DE TEXTOS CIENTÍFICOS.</p>

SEMANA 6

<p>AULA TEÓRICA</p>	<p>Representações fonológicas abstractas: a representação lexical. Unicidade das representações lexicais e economia estrutural e descritiva das línguas. Caracterização, identificação e explicitação da informação fonológica contida nas entradas lexicais. Léxico e fonologia. O carácter conjectural das representações lexicais. Reconstituição e representação formal das representações lexicais. Representações lexicais e representações subjacentes. Representações fonológicas das entradas lexicais. A alomorfia e a alofonia nas representações lexicais. O problema da supletividade e a questão da opacidade/transparência fonológicas nas representações lexicais. Alternâncias fonológicas. Processos fonológicos lexicais e pós-lexicais. A subespecificação das representações lexicais. Subespecificação e não-marcção. Estruturas, unidades e formatos marcados e não-marcados. Contextualização histórico-epistemológica: o modelo da fonologia lexical proposto por Mohanan (1986).</p>
<p>AULA PRÁTICA</p>	<p>Discussão da natureza lexical ou pós-lexical de alguns processos fonológicos do português:</p> <ul style="list-style-type: none"> - atribuição de acento de palavra; - velarização de /l/ em coda silábica; - fricativação das oclusivas sonoras; - especificação de /S/; - elevação e centralização/recuo das vogais átonas do português; - apagamento das vogais átonas; - epêntese de chevá; - ... <p>Exercícios práticos de reconstituição de representações lexicais e de descrição de processos fonológicos.</p>
<p>SESSÃO DE OT</p>	<p>LEITURA ORIENTADA DE TEXTOS CIENTÍFICOS.</p>

SEMANA 7

<p>AULA TEÓRICA</p>	<p>Nível prosódico. A hierarquia prosódica e o Princípio da Legitimação Prosódica. A diferença entre modelos lineares e não-lineares em fonologia. A sílaba enquanto unidade hierarquicamente organizada e legitimador prosódico dos segmentos fonológicos. O carácter não-linear da organização silábica. Inexistência de critérios fonéticos para a definição, identificação e delimitação da sílaba. Critérios empíricos para a aceitação da sílaba enquanto entidade representada no conhecimento fonológico dos falantes: consciência silábica; capacidades metafonológicas precoces e universais; precedência histórica dos sistemas de escrita silábica sobre os sistemas de escrita alfabética; jogos linguísticos de base silábica. Critérios linguísticos para a aceitação da sílaba enquanto entidade representada no conhecimento fonológicos dos falantes: a sílaba enquanto domínio básico da organização fonotáctica; a sílaba enquanto domínio da aplicação de regras e processos fonológicos. Estrutura interna da sílaba: o modelo Ataque-Rima. Justificação da rima enquanto constituinte silábico: a independência das restrições de selecção segmental na relação Ataque-Núcleo <i>vs.</i> as relações de implicação nas restrições de selecção segmental na relação Núcleo-Coda; evidências empíricas – jogos linguísticos de base silábica que tomam a rima como critério de aplicação e a rima poética tradicional ocidental; a solidariedade interna da rima; extensão mínima e máxima da rima em línguas como o inglês e o português; rima e peso silábico. Tipologia dos ataques em português: ataques vazios, simples e ramificados. Tipologia dos núcleos em português: simples e ramificados. A hipótese dos núcleos vazios. Tipologia das codas em português: vazias e simples. Formatos não-marcados na constituição das sílabas das línguas do mundo. A assimetria ataque-coda. Princípios reguladores da constituição silábica: Princípio da Sonoridade; Condição de Dissemelhança; Princípio da Dispersão da Sonoridade. A sonoridade silábica como força estruturante da sílaba. Escalas de sonoridade. A indexação da escala de sonoridade e a Condição de Dissemelhança na fonologia do português segundo Vigário & Falé (1994). Silabificação de base e ressilabificação. O problema da divisão silábica nas representações lexicais.</p>
<p>AULA PRÁTICA</p>	<p>Exercícios práticos de análise silábica.</p>
<p>SESSÃO DE OT</p>	<p>LEITURA ORIENTADA DE TEXTOS CIENTÍFICOS.</p>

SEMANA 8

<p>AULA TEÓRICA</p>	<p>Estruturas silábicas em português. O ataque enquanto constituinte silábico menos sujeito a restrições fonotáticas. Inocorrência de /ɲʎr/ em ataque simples inicial de palavra. Princípio de Sonoridade e Condição de Dissemelhança na legitimação prosódica de sequências consonânticas em ataque ramificado (inicial ou não-inicial). A configuração típica do ataque ramificado em português: Obstruinte+Líquida. A legitimação prosódica de sequências C₁C₂ marcadas em português: Obstruinte+Obstruinte, Obstruinte+Nasal, Nasal+Nasal. A proposta descritiva de Camara Jr. (1970; 1971) e de Mateus & E. D'Andrade (1998; 2000): o carácter heterossilábico destas sequências. A hipótese do núcleo vazio como núcleo da sílaba de C₁. Problematização do estatuto prosódico das sequências Obstruinte+Lateral (com base em Veloso 2006). A comparação das restrições verificadas nas diferentes possibilidades de silabificação destas sequências à luz da Teoria da Optimidade. Legitimação prosódica dos ditongos crescentes e decrescentes: os ditongos crescentes como hiatos subjacentes; os ditongos decrescentes como possíveis núcleos ramificados na silabificação teórica. O português como língua altamente restritiva quanto ao preenchimento segmental da coda. Restrições fonotáticas verificadas no preenchimento deste constituinte silábico. Evidências empíricas e históricas comprovativas da tendência estrutural do português em direcção ao esvaziamento da coda. Restrições fonotáticas associadas ao limite (esquerdo e direito) de palavra e a sua importância para a definição da palavra.</p>
<p>AULA PRÁTICA</p>	<p>Exercícios práticos: Estruturas silábicas do português.</p>
<p>SESSÃO DE OT</p>	<p>LEITURA ORIENTADA DE TEXTOS CIENTÍFICOS.</p>

SEMANA 9

<p>AULA TEÓRICA</p>	<p>O acento. Correlatos fonéticos do acento: incremento da intensidade, da frequência fundamental e da duração. Funções linguísticas do acento: função culminativa; função demarcativa; função distintiva. Posição do acento e periferia de palavra. A distinção entre línguas de acento livre e de acento fixo. A relação do acento com propriedades fonológicas (duração vocálica, peso silábico, ...) e com propriedades morfológicas (classe, estrutura interna...) das palavras em diferentes línguas. Exemplos do latim clássico, do húngaro, do finlandês, do francês e do português. A representação lexical do acento de palavra; a atribuição do acento de palavra como parte do conhecimento fonológico dos falantes. O acento como uma propriedade suprasegmental. O português como uma língua de acento livre determinado fundamentalmente pelas propriedades morfológicas da palavra. Restrições quantitativas na atribuição do acento de palavra em português: a inexistência de esdrúxulos com penúltima sílaba pesada. Regras de atribuição de acento de palavra em português nos nomes e nos verbos. O acento e a sua relação, em português, com a identificação/delimitação da palavra fonológica. A atribuição do acento de palavra em português como demonstração da existência das relações entre a fonologia e a morfologia.</p> <p>Outras unidades e estruturas prosódicas em português: sintagma fonológico; sintagma entoacional; enunciado.</p> <p>Marcas prosódicas associadas à desambiguação sintáctica e à marcação de foco em português: a interacção fonologia-sintaxe e fonologia-pragmática.</p> <p>Ritmo silábico e ritmo acentual na oposição entre português europeu e português do Brasil.</p>
<p>AULA PRÁTICA</p>	<p>Exercícios práticos: estruturas silábicas e acento em português.</p>
<p>SESSÃO DE OT</p>	<p>LEITURA ORIENTADA DE TEXTOS CIENTÍFICOS.</p>

SEMANA 10

<p>AULA TEÓRICA</p>	<p>Introdução ao estudo da morfologia. O lugar da morfologia nos estudos linguísticos e na descrição estrutural das línguas. A necessidade da componente morfológica das palavras: uma necessidade da gramática universal ou das línguas indo-europeias? Existe “morfologia” nas línguas isolantes? As noções de forma e morfema. O lexema. Morfema, morfe e alomorfe. Alomorfia morfológicamente motivada (“supletividade”) e alomorfia fonologicamente motivada. O morfema como a unidade mínima de significado. Formativos de palavra. Composicionalidade e motivação/imotivação na formação de palavras e na identificação do seu significado. Tipos de morfemas e a identificação de alguns destes tipos em português: morfemas aditivos, reduplicativos, alternativos e substractivos; morfemas zero, morfemas vazios, morfemas etimológicos e morfemas supérfluos; morfemas cumulativos (“portamanteau” ou sincréticos); morfemas “cranberry” (“hapax legomena”); morfemas gramaticais e morfemas lexicais; morfemas flexionais e morfemas derivacionais. Critérios clássicos (Nida 1948) para a identificação, delimitação e inventariação dos morfemas da língua. A palavra como uma unidade morfológicamente complexa. Primeira problematização da noção de palavra e da sua delimitação. Formas livres, formas presas e formas dependentes. A noção de clítico e de grupo clítico. Palavra morfológica, morfossintáctica e prosódica. Interacção fonologia-morfologia: alternâncias fonológicas morfológicamente motivadas. O caso das alternâncias de altura/abertura de /E/ e /O/ de raízes derivacionais verbais e nominais em função da classe em que ocorrem (“harmonização vocálica”). Breve referência à morfologia prosódica. Flexão e derivação. A distinção clássica entre processos flexionais e processos derivacionais. O lugar das formas derivadas no léxico teórico da língua. Flexão: adição de informação gramatical a um radical flexional; produção de novas formas gramaticais de um mesmo lexema; externa ao radical; sistematicidade e regularidade. Derivação: adição de informação lexical a uma raiz derivacional; forma de base, forma derivante e forma derivada; produtividade lexical (formação de novas palavras/lexemas na língua); interna ao radical; assistematicidade – o carácter lexical (não gramatical) da derivação. Classificação tradicional dos afixos derivacionais em função da sua posição relativamente à raiz derivacional: prefixos, infixos, sufixos, interfixos e circunfixos. A afixação derivacional em português: prefixação, sufixação e parassíntese. Critérios gramaticais para a identificação da derivação parassintética. A problematização da classificação de algumas categorias gramaticais do português como processo flexional ou gramatical: o grau e o género na flexão nominal do português. A noção de constituinte temático. Marcadores de classe e as tradicionais “vogais temáticas”. Classes temáticas nos verbos e nos nomes do português. A perspectiva estruturalista de Mattoso Camara Jr. em contraposição à perspectiva generativa de Alina Villalva.</p>
<p>AULA PRÁTICA</p>	<p>Exercícios práticos: análise morfológica.</p>
<p>SESSÃO DE OT</p>	<p>LEITURA ORIENTADA DE TEXTOS CIENTÍFICOS.</p>

SEMANA 11

<p>AULA TEÓRICA</p>	<p>Classes de palavras: critérios morfológicos e morfossintáticos para a divisão do léxico em classes.</p> <p>Processos flexionais em português: a flexão nominal. Categorias flexionais do nome em português: o número. Discussão da natureza flexional do género nominal em português. O género como a concordância formal dentro do sintagma nominal. Distinção entre género nominal (propriedade gramatical) e sexo biológico. Independência do género nominal relativamente à terminação formal dos nomes em português. Interpretação gramatical do género em português: a perspectiva estruturalista de Mattoso Camara <i>vs.</i> a perspectiva generativa de Alina Villalva. Estrutura interna das formas nominais. Inventário dos morfemas flexionais nominais do português: formas básicas e realizações alomórficas. Discussão do <i>grau</i> enquanto propriedade gramatical dos nomes do português (substantivos e adjectivos). Discussão da distinção entre nomes “substantivos” e nomes “adjectivos” em português. Índice temático e classes temáticas nos nomes do português.</p> <p>O estatuto morfológico, morfossintático e prosódico dos nomes formados com o sufixo <i>-z-avaliativo</i>.</p> <p>A “flexão interna” verificada em alguns nomes do português. Fenómenos de harmonização vocálica presentes nestes casos.</p> <p>Aspectos particulares da flexão dos nomes com singular terminado em “-ão” e em /l/. Aspectos fonológicos e morfológicos da flexão de outros nomes com singular terminado em autosseguimento nasal.</p> <p>A atribuição de acento nas formas nominais do português: interface entre a fonologia e a morfologia.</p> <p>Flexão do pronome pessoal em português: formas rectas e formas oblíquas (tónicas e átonas).</p>
<p>AULA PRÁTICA</p>	<p>Exercícios práticos: análise morfológica</p>
<p>SESSÃO DE OT</p>	<p>LEITURA ORIENTADA DE TEXTOS CIENTÍFICOS.</p>

SEMANA 12

<p>AULA TEÓRICA</p>	<p>Processos flexionais em português: a flexão verbal. Estrutura interna das formas verbais. Categorias flexionais dos verbos em português: modo-tempo e número-pessoa. Inventário dos morfemas de modo-tempo e número-pessoa identificados na flexão verbal do português: formas básicas e realizações alomórficas. Divisão tradicional dos verbos do português em três classes temáticas: verbos de tema em /A/, tema em /E/ e tema em /I/. Distinção categorial entre os verbos de tema em /A/ e os verbos de tema em /E/ e /I/: carácter aberto da primeira <i>vs.</i> carácter fechado das duas últimas (“conjugações históricas”); marcas formais desta distinção: presente do conjuntivo (<i>-e vs. -a-</i>), pretérito imperfeito do indicativo (<i>-va- vs. -ia-</i>) e participio passado (<i>-ad- vs. -id-</i>).</p> <p>Fenómenos morfológicamente motivados de alomorfa, metafoia, apagamento, harmonização vocálica e abaixamento verificados na flexão verbal do português: interacção fonologia-morfologia.</p> <p>A reconstituição das formas subjacentes dos morfemas flexionais verbais do português.</p> <p>A supletividade verbal: descrição estrutural do fenómeno; a sua formalização; a representação lexical de formas supletivas.</p> <p>A atribuição de acento nas formas verbais do português: interface entre a fonologia e a morfologia.</p> <p>Principais “irregularidades” da flexão verbal em português.</p>
<p>AULA PRÁTICA</p>	<p>Exercícios práticos: análise morfológica</p>
<p>SESSÃO DE OT</p>	<p>LEITURA ORIENTADA DE TEXTOS CIENTÍFICOS.</p>

SEMANA 13

<p>AULA TEÓRICA</p>	<p>Morfologia derivacional do português. Derivação afixal e derivação não-afixal. Derivação afixal: comparação entre a derivação prefixal (não determina as propriedades gramaticais e prosódicas da palavra derivada) e a derivação sufixal (determina as propriedades gramaticais (categoria gramatical: género e número, no caso dos nomes) e prosódicas (acento) das palavras derivadas). Discussão dos critérios necessários à identificação de formas parassintéticas.</p> <p>A distinção entre radical flexional e raiz derivacional. O lugar dos morfemas derivacionais dentro do radical flexional.</p> <p>Derivação não-afixal (reanálise): conversão (derivação imprópria); formação de posverbais. Problematização da noção tradicional de “derivação regressiva”.</p> <p>Processos composicionais em português. Composição morfológica e composição morfossintáctica. Problematização da noção de “composição” no caso dos compostos morfológicos. O contributo dos processos composicionais para a distinção entre palavra morfológica e palavra morfossintáctica.</p> <p>Outros processos de formação de palavras: abreviação (siglação, acronímia e truncagem); empréstimos lexicais. A integração morfológica e fonológicas dos empréstimos lexicais.</p>
<p>AULA PRÁTICA</p>	<p>Exercícios práticos: análise morfológica</p>
<p>SESSÃO DE OT</p>	<p>LEITURA ORIENTADA DE TEXTOS CIENTÍFICOS.</p>

SEMANA 14

<p>AULA TEÓRICA</p>	<p>Aspectos morfológicos das palavras invariáveis e das palavras indecomponíveis. Problematização da noção distinção palavra/morfema a partir da classificação e análise morfológica destas palavras.</p> <p>Aspectos morfológicos e fonológicos dos advérbios de modo formados com o sufixo <i>-mente</i>. O contributo da reflexão acerca destes advérbios para uma problematização da noção de palavra e da distinção entre palavra morfológica, palavra morfossintáctica e palavra fonológica.</p> <p>Introdução à problematização sistematizada da noção de <i>palavra</i>. O acesso intuitivo à noção de palavra <i>vs.</i> a dificuldade em encontrar critérios formais estáveis e definitivos para a definição/delimitação da palavra. Várias acepções de “palavra”: palavra ortográfica; palavra formal ou morfológica; palavra morfossintáctica; palavra fonológica. Demarcação de palavras em línguas isolantes, aglutinantes e flexionais. Critérios para a definição de palavra: critérios semânticos; critérios morfológicos e morfossintácticos; critérios fonológicos. Evidências psicolinguísticas para a noção de palavra. A palavra como conceito cultural da civilização ocidental; polissemia/homonímia associadas ao termo “palavra”.</p> <p>A tentativa de substituir a noção de palavra pela de morfema. Palavra <i>vs.</i> morfema: critérios de definição/delimitação. A proposta da linguística estruturalista americana.</p> <p>Palavra e lexema. O léxico mental e a representação teórica das palavras da língua.</p> <p>Algumas distinções de base: palavra de conteúdo/palavra funcional; palavra plena/palavra vazia. Palavras e formas livres. Palavras morfológicamente simples e palavras morfológicamente complexas.</p>
<p>AULA PRÁTICA</p>	<p>Discussão acerca dos diferentes critérios para a definição da noção de palavra em morfologia. Exercícios práticos: análise morfológica</p>
<p>SESSÃO DE OT</p>	<p>LEITURA ORIENTADA DE TEXTOS CIENTÍFICOS.</p>

SEMANA 15

AULA TEÓRICA	<p>A palavra como o domínio da aplicação de processos flexionais, derivacionais e/ou composicionais. As “regras de formação de palavras”. A palavra como domínio da aplicação de processos fonológicos (acento, harmonização, ...).</p> <p>A questão da delimitação das palavras. Restrições fonotáticas verificadas nos limites esquerdo e direito da palavra em português. Condições de minimalidade.</p> <p>Crerios para a identificação e delimitação dos diversos tipos de palavra em português (palavra morfológica, palavra morfossintática, palavra fonológica).</p> <p>Os clíticos. Grupo clítico e palavra fonológica.</p> <p>Palavra: uma unidade necessária à descrição de línguas como o português? O carácter transversal do estudo da palavra nos campos da morfologia e da fonologia e a síntese final que esse estudo possibilita numa disciplina como <i>EFMP</i>: a palavra, nas suas diversas acepções e extensões, como o veio temático comum ao estudo da morfologia e da fonologia.</p>
AULA PRÁTICA	<p>Discussão acerca dos diferentes critérios para a definição da noção de palavra em morfologia.</p> <p>Exercícios práticos: análise morfológica; identificação/delimitação de diversos tipos de palavra em português.</p>
SESSÃO DE OT	LEITURA ORIENTADA DE TEXTOS CIENTÍFICOS.

Referências bibliográficas das obras mencionadas na presente planificação e que não hajam sido referidas nas bibliografias finais dos restantes capítulos:

- Jakobson, R.; Halle, M. 1956. *Fundamentals of Language*. The Hague: Mouton.
- Lüdtke, H. 1952. Fonemática Portuguesa. I – Consonantismo. *Boletim de Filologia*. **XIII(3-4)**: 273-288.
- Lüdtke, H. 1953. Fonemática Portuguesa. II – Vocalismo. *Boletim de Filologia*. **XIV(3-4)**: 197-217.
- Mohanan, K. P. 1986. *The Theory of Lexical Phonology*. Dordrecht: Reidel.
- Nida, E. A. 1948. The identification of morphemes. *Language*. **24**: 414-441. Republicado em: M. Joos (Ed.). 1966. *Readings in Linguistics*. 4th ed. Chicago: The University of Chicago Press, 255-271.
- Veloso, J. 2006. Reavaliando o Estatuto Silábico das Sequências Obstruinte+Lateral em Português Europeu. *DELTA*. **22(1)**: 127-158.
- Vigário, M.; Falé, I. 1994. A Sílabo no Português Fundamental: Uma descrição e algumas considerações de ordem teórica. *Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 465-478.

7.3 – Exemplos de exercícios para resolução nas aulas práticas e de temas de desenvolvimento para estudo individual

Nesta secção, reunimos alguns exemplos de exercícios que são propostos aos estudantes para resolução, permitindo-lhes a consolidação dos conhecimentos adquiridos, a reflexão crítica sobre os mesmos e a sua aplicação a situações concretas de análise linguística do português. Incluímos também, no final, uma lista de temas específicos para desenvolvimento em pequenos textos (com a extensão máxima aproximada de duas ou três páginas), a propor como parte do trabalho individual dos estudantes.

A finalidade imediata dos exercícios reside no planeamento das actividades previstas para as aulas práticas. Contudo, eles prestar-se-ão também a apoiar o estudo individual e a revisão da matéria trabalhada na disciplina que caberá aos estudantes desenvolver autonomamente fora da aula.

Os exercícios são apresentados em fichas de trabalho disponibilizadas através da plataforma electrónica da FLUP (*SIGARRA*) ou, menos frequentemente, distribuídas em fotocópia pelo próprio professor no início de cada aula prática ou no fim da aula teórica anterior.

Os exercícios serão normalmente reunidos em fichas temáticas, adequadas ao ponto do programa trabalhado em cada fase do semestre. Nas secções seguintes do relatório, encontram-se agrupados por áreas temáticas, assumindo assim uma forma de “banco de exercícios” a que se poderá recorrer para a selecção de perguntas e exercícios destinados às referidas fichas de trabalhos práticos. A ordem pela qual as diversas secções de exercícios se sucedem nas páginas seguintes não reflecte qualquer hierarquização dos respectivos temas em termos de importância reconhecida nem espelha necessariamente a ordem temporal pela qual estes

exercícios são trabalhados em aula. A mesma observação se aplica à ordem pela qual, dentro de cada secção, os diversos exercícios se sucedem.

**EXERCÍCIOS DE FONÉTICA ARTICULATÓRIA:
CLASSIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO ARTICULATÓRIA DOS SONS DO PORTUGUÊS;
FENÓMENOS COMBINATÓRIOS**

Apresente a **classificação articulatória tradicional** das consoantes e vogais das seguintes palavras e expressões do português. Caso encontre, numa mesma palavra, mais do que uma realização do mesmo fonema, classifique-o uma só vez:

mares
casos
riscos
prever
convés
louça
valiosos
tarde
votar
alguma
nunca mais

Descreva a produção articulatória das seguintes consoantes e vogais do português:

/p/
/d/
/m/
/n/

Descreva e exemplifique os seguintes “fenómenos combinatórios” verificados em português:

assimilação
iodização

* * * * *

**EXERCÍCIOS DE TRANSCRIÇÃO FONÉTICA E VARIAÇÃO DIALECTAL DO
PORTUGUÊS**

1 - Considere o seguinte excerto:

Grandes feitos, grandes aventuras, grandes vitórias!

1.1 - Apresente uma **transcrição fonética estreita** da frase de acordo com o que poderia ser a sua articulação num falante dos **dialectos centro-meridionais** do português.

1.2 - Apresente uma **transcrição fonética estreita** da frase de acordo com o que poderia ser a sua articulação num falante dos **dialectos setentrionais** do português.

2 - Considere o seguinte excerto:

Na Alemanha, os homens lavam a louça.

2.1 - Apresente uma **transcrição fonética estreita** da frase de acordo com o que poderia ser a sua articulação num falante da área subdialectal do Baixo Minho e Douro Litoral do português europeu.

2.2 - Apresente uma **transcrição fonética estreita** da frase de acordo com o que poderia ser a sua articulação num falante dos **dialectos meridionais** do português.

3 - Faça a transcrição fonética estreita da seguinte frase de acordo com pelo menos duas variedades dialectais do português europeu contemporâneo:

Os almirantes, os comandantes e os brigadeiros reuniram-se no convés.

4 - Faça a transcrição fonética estreita do seguinte excerto, tendo em conta a que considera ser a sua pronúncia habitual do português.

Houve notícias que de alguma maneira nos tranquilizaram.

5 - Faça a transcrição fonética estreita do seguinte excerto, tendo em conta a que considera ser a sua pronúncia habitual do português.

A economia mundial atravessa presentemente uma crise de contornos indefinidos, cujo fim ninguém se atreve a prever.

6 - Considere o seguinte excerto:

Outros feitos, mais valiosos, falarão por todos vós e por todos nós também!

6.1 - Apresente uma **transcrição fonética estreita** da frase de acordo com o que poderia ser a sua articulação num falante do **região subdialectal do Baixo Minho e Douro Litoral** do português europeu.

6.2 - Apresente uma **transcrição fonética estreita** da frase de acordo com o que poderia ser a sua articulação num falante dos **dialectos meridionais** do português.

7 - Considere a seguinte frase:

Com franqueza, achamos que temos o direito de votar a favor de tanta inovação!

7.1 - Apresente uma **transcrição fonética estreita** da frase de acordo com o que poderia ser a sua articulação num falante dos **dialectos centro-meridionais** do português.

7.2 - Apresente uma **transcrição fonética estreita** da frase de acordo com o que poderia ser a sua articulação num falante dos **dialectos setentrionais** do português.

7.3 - Explique sumariamente as principais diferenças encontradas entre as duas transcrições indicadas nas respostas às duas alíneas anteriores.

8 - Considere o seguinte excerto:

Uns e outros souberam aproveitar a ocasião.

8.1 - Apresente uma **transcrição fonética estreita** da frase de acordo com o que poderia ser a sua articulação num falante dos **dialectos centro-meridionais** do português.

8.2 - Apresente uma **transcrição fonética estreita** da frase de acordo com o que poderia ser a sua articulação num falante dos **dialectos setentrionais** do português.

9 - Considere o seguinte excerto:

Os viajantes que não se vacinaram correm outros riscos.

9.1 - Apresente uma **transcrição fonética estreita** da frase de acordo com o que poderia ser a sua articulação num falante dos **dialectos centro-meridionais** do português.

9.2 - Apresente uma **transcrição fonética estreita** da frase de acordo com o que poderia ser a sua articulação num falante dos **dialectos setentrionais** do português.

10 - Faça a transcrição fonética estreita do seguinte excerto, de acordo com o que poderia ser uma realização aceitável num falante dos dialectos setentrionais do português.

Estivemos a trabalhar até muito tarde, ouvieste?.

11 - Faça a transcrição fonética estreita do seguinte excerto, tendo em conta a que considera ser a sua pronúncia habitual do português.

Nunca mais chegamos a um consenso relativamente às questões essenciais.

12 - Lembrando os seus conhecimentos de variação dialectal, defina e exemplifique as noções de **linha isoléxica** e **linha isófono**.

* * * * *

EXERCÍCIOS SOBRE CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE FONOLOGIA GERAL

1 - Explique e ilustre, com exemplos do português, as seguintes noções de fonologia:

- a) alofone;
- b) distribuição livre;
- c) distribuição complementar;
- d) classe natural.

2 - A partir de exemplos do português, explique as noções de **representação lexical** e **forma subjacente**.

* * * * *

EXERCÍCIOS DE FONOLOGIA ESTRUTURALISTA: PARES MÍNIMOS, INVENTÁRIOS SEGMENTAIS E CONTRASTES FONÉMICOS E ALOFÓNICOS

1 - Com base nos critérios da fonologia estruturalista clássica, demonstre que os seguintes segmentos fonológicos correspondem a **fonemas** do português.

/z/ /b/ /k/ /s/ /l/ /R/

2 - De acordo com a metodologia seguida pela fonologia estruturalista, demonstre que os sons correspondentes a cada uma das seguintes alíneas realizam **fonemas** do português:

- a) consoante fricativa predorso-alveolar produzida com as cordas vocais afastadas;
- b) consoante nasal [+ant, -cor];
- c) consoante oclusiva sonora produzida com o contacto dos dois lábios;
- d) consoante nasal [+ant, +cor].

3 - Para cada uma das consoantes fricativas surdas do português, encontre um par mínimo que prove o seu estatuto fonémico, opondo, em cada par, tal fricativa a uma fricativa sonora.

4 - Demonstre, com base nos procedimentos da fonologia estruturalista, que, em português, o contraste [b]~[g] opõe fonemas mas que o contraste [b]~[β] opõe alofones.

* * * * *

EXERCÍCIOS DE FONOLOGIA GENERATIVA “STANDARD”: TRAÇOS DISTINTIVOS, MATRIZES, REGRAS FONOLÓGICAS, REDUNDÂNCIAS, SUBESPECIFICAÇÃO

1 - Na palavra “*riscos*”, ocorrem duas vogais diferentes. Identifique-as e indique os traços do sistema de traços de Chomsky & Halle (1968) responsáveis pela distinção entre ambas.

2 - Na palavra “falarão”, ocorrem duas consoantes soantes. Identifique-as e indique o(s) traço(s) do sistema de traços de Chomsky & Halle (1968) responsável(eis) pela distinção entre as duas subclasses de soantes a que elas pertencem.

3 - Na palavra “mares”, ocorrem duas consoantes soantes. Identifique-as e indique os traços do sistema de traços de Chomsky & Halle (1968) responsáveis pela distinção entre as duas subclasses de soantes a que elas pertencem.

4 - Na palavra “casos”, ocorrem duas vogais. Identifique-as e identifique os traços do sistema de traços de Chomsky & Halle (1968) responsáveis pela distinção entre ambas.

5 - Identifique a propriedade fonética que, em português, unifica as consoantes /l λ/.

6 - Identifique a propriedade fonética que, em português, unifica as consoantes /m n ɲ/.

7 - Identifique a propriedade fonética que, em português, unifica as vogais /u o ɔ/.

8 - É possível fazer corresponder cada uma das consoantes /v/ e /t/ do português a uma outra consoante da língua que se distingue da primeira por mudar apenas o valor do traço [vozeado]. Identifique a consoante que, nesta relação, corresponde a /v/ e a que corresponde a /t/.

9 - Diga quais são os principais traços distintivos responsáveis por cada uma das seguintes oposições:

- a) oclusivas vs. fricativas;
- b) vogais vs. semivogais;
- c) consoantes nasais vs. restantes soantes;
- d) consoantes laterais vs. restantes soantes;
- e) consoantes labiais vs. consoantes dentais/alveolares;
- f) consoantes dentais/alveolares vs. consoantes prepalatais/palatais.

10 - Identifique os segmentos do português correspondentes às seguintes matrizes fonológicas.

A	B	C
+cons	+sil	+cons
-soan	+alt	+soan
-cont	+rec	-cont
-voz	+arr	+voz
-ant		+nas
-cor		+ant
		+cor

11 - Procure eliminar, das matrizes indicadas na pergunta anterior, alguns traços redundantes, explicando se as redundâncias encontradas são redundâncias universais ou particulares.

12 - Elimine, da seguinte matriz fonológica do português, todos os traços redundantes encontrados. Justifique.

	[u]
[cons]	-
[soan]	+
[sil]	+
[ant]	-
[cor]	-
[alt]	+
[bx]	-
[rec]	+
[arr]	+
[cont]	+
[nas]	-
[lat]	-
[voz]	+

13 - Identifique os traços distintivos que, na matriz fonológica do português, distinguem as vogais quanto à altura da língua e ao avanço/recuo da língua.

14 – De acordo com os formalismos do modelo SPE, proponha regras que explicitem os seguintes processos fonológicos (lexicais ou pós-lexicais) do português:

- velarização de /l/ em coda silábica;
- especificação de vozeamento de /S/;
- apagamento facultativo da vibrante em coda de sílaba final átona antes de palavra iniciada por consoante.

* * * * *

**EXERCÍCIOS DE
RECONSTITUIÇÃO DE REPRESENTAÇÕES
SUBJACENTES/REPRESENTAÇÕES LEXICAIS
E ESTABELECIMENTO DE RELAÇÕES ENTRE
REPRESENTAÇÕES TEÓRICAS E REALIZAÇÕES FONÉTICAS;
PROCESSOS LEXICAIS E PÓS-LEXICAIS**

1 - Explique a diferença de estatuto fonológico do som [z] do português nas seguintes passagens:

as armas [ə'zarməs]

liça ['lizə]

2 - Demonstre que em português o som [u] pode corresponder, fonologicamente, a pelo menos dois fonemas diferentes.

3 - Demonstre que [u] não é a única realização fonética possível dos fonemas contemplados na resposta à pergunta anterior.

4 - Diga por que razão [ɾ], apesar de facultativo em realizações como [sɐ'be'mũjtɐ] (“saber muito”), corresponde obrigatoriamente a uma posição segmental teórica na estrutura fonológica subjacente a tais realizações.

5 - Apresente uma palavra do português em que [u] seja a realização fonética de uma vogal subjacente diferente de /u/ e justifique.

6 - A partir das respostas dadas às perguntas anteriores, explique as noções de **representação lexical** e **forma subjacente**.

7 - Tendo presentes os exemplos de pares como os abaixo elencados (A e B), em que, no mesmo par, a mesma raiz derivacional apresenta uma alternância fonológica da última vogal sistematicamente relacionada com a classe gramatical da palavra em que ocorre (vogal semifechada, [-alt, - bx], quando ocorre na classe NOME; vogal semi-aberta, [-alt, + bx], quando ocorre na classe VERBO), procure:

- determinar a representação subjacente da vogal em causa;
- formalizar fonologicamente a alternância verificada.

A		B	
NOME	VERBO	NOME	VERBO
almoc̣]RaizDer ^o [aʎ'mosu]	almoc̣]RaizDer ^o	sosseg]RaizDer ^o [su'segu]	sosseg]RaizDer ^o [su'segu]
confort]RaizDer ^o	[aʎ'mosu]	segred]RaizDer ^o	segred]RaizDer ^o [si'gredu]
[kõ'fortu]	confort]RaizDer ^o	[si'gredu]	govern]RaizDer ^o [gu'vernu]
consol]RaizDer ^o [kõ'solu]	[kõ'fortu]	govern]RaizDer ^o	err]RaizDer ^o ['ɛru]
forr]RaizDer ^o o ['foru]	consol]RaizDer ^o	[gu'vernu]	
	[kõ'solu]	err]RaizDer ^o ['ɛru]	
	forr]RaizDer ^o o ['foru]		

* * * * *

**EXERCÍCIOS SOBRE
ESTRUTURAS SILÁBICAS E RESTRIÇÕES FONOTÁCTICAS
DO PORTUGUÊS**

1 - Das seguintes transcrições fonéticas, algumas poderiam corresponder a palavras do português, ao passo que outras não. Divida-as em dois grupos: o de palavras *possíveis* e o de palavras *impossíveis* no português europeu contemporâneo, adiantando, relativamente ao último grupo (“palavras impossíveis”), algumas razões para a sua escolha.

[rɛ'paʃ]
['nifu]
[ri'napɐ]
[tvrfoj]
['brɛft]
[Oɐɲ]
[dɐ'di]
['subi]

2 - Apresente a estrutura silábica das seguintes palavras do português.

<i>casebre</i>	<i>caís</i>	<i>metro</i>
<i>musical</i>	<i>floresta</i>	<i>prática</i>
<i>fraterno</i>	<i>gritaria</i>	<i>náutico</i>
<i>lilás</i>	<i>área</i>	<i>agnóstico</i>
<i>segmento</i>	<i>metal</i>	<i>agricultor</i>
<i>canil</i>	<i>gládio</i>	<i>folha</i>
<i>flauta</i>	<i>gáudio</i>	<i>casal</i>
<i>pasto</i>	<i>aflito</i>	<i>grito</i>
<i>parto</i>	<i>pigmento</i>	<i>atletismo</i>
<i>pacto</i>	<i>rosto</i>	<i>livraria</i>
<i>pinto</i>	<i>firme</i>	<i>papel</i>
<i>ritmo</i>	<i>ourives</i>	<i>casota</i>
<i>ópera</i>	<i>aflito</i>	<i>fraco</i>
<i>obra</i>	<i>afoito</i>	<i>lilás</i>
<i>metal</i>	<i>aftoso</i>	<i>sempre</i>
<i>gládio</i>	<i>pimento</i>	<i>afta</i>
<i>gáudio</i>	<i>caís</i>	<i>fruta</i>
<i>octanas</i>	<i>frugal</i>	<i>legal</i>
<i>quartzó</i>	<i>sino</i>	<i>advogado</i>
<i>pigmento</i>	<i>senal</i>	<i>senhora</i>
<i>rua</i>	<i>franco</i>	<i>completo</i>
<i>optar</i>		<i>afta</i>
<i>adverso</i>		<i>palavra</i>
<i>magma</i>		<i>pacto</i>

3 - A partir da análise silábica de “*segmento*”, explique a noção de **núcleo vazio** e os principais argumentos que levam Mateus & E. Andrade (1998; 2000) a postularem a sua existência perante certas combinações consonânticas em português.

4 - A partir da análise silábica das palavras “*segmento*” e “*canil*”, explique o estatuto fonológico das **vogais nasais** em português.

5 - Explique o estatuto prosódico que propôs para as sequências /mn/ e /gm/ na apresentação das estruturas silábicas das palavras da pergunta 2.

6 - Explique a razão pela qual, nas análises silábicas apresentadas em resposta à pergunta 2, as sequências [fl] (em “*aflito*”) e [ft] (em “*aftoso*”) correspondem a representações diferentes.

7 - A partir das palavras “*lã*” e “*lanifício*”, explique o estatuto fonológico das vogais nasais em português.

8 - Explique por que razão, nas análises apresentadas nas respostas à pergunta 2, as sequências [tl] e [vr] têm um estatuto silábico diferente do de [ft].

9 - Identifique as restrições fonológicas, relativas à constituição silábica do português, violadas pelas seguintes realizações fonéticas e, com base nessas violações, demonstre que alguns dos processos fonológicos responsáveis pelas seguintes realizações fonéticas têm carácter pós-lexical.

trompete=[trõ'pet]

versejar=[vrsʒar]

EXERCÍCIOS SOBRE ACENTO DE PALAVRA EM PORTUGUÊS

1 - Explique a razão pela qual no pretérito imperfeito do indicativo em português certas formas são paroxítonas e outras são proparoxítonas.

2 - Explique a razão pela qual a flexão do condicional dos verbos da primeira conjugação em português dá origem a uma forma esdrúxula e a várias formas graves.

EXERCÍCIOS SOBRE
CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE MORFOLOGIA, UNIDADES
MORFOLÓGICAS, ANÁLISE MORFOLÓGICA LINEAR, TIPOS DE MORFEMAS
E ALOMORFIA

1 - Atente na seguinte frase:

Inacreditavelmente, as cidades industrializadas e as cidades desertificadas parecem-se muito entre si.

1.1 - Nesta frase, identifique, justificando, uma **forma livre**, uma **forma presa** e uma **forma dependente**.

1.2 - Na mesma frase, indique um **morfema flexional** e um **morfema derivacional**.

2 - Considere a seguinte frase:

Rapidamente, sentimo-nos despreocupados e escrevemos-lhe a contar isso mesmo .

2.1 - Na frase, identifique, justificando, uma **forma livre**, uma **forma presa** e uma **forma dependente**.

2.2 - Na frase, identifique, justificando, um **morfema flexional** e um **morfema derivacional**.

3 - A partir de exemplos do português à sua escolha, explique as noções de: *alomorfia*; *forma livre*; *forma presa*; e *forma dependente*.

4 - Com exemplos à sua escolha (do português ou de outra língua), explique a noção de **alomorfia**.

5 - Explique por que razão nas palavras do grupo A a sequência final *–mente* **não** corresponde a um morfema, ao contrário do que sucede nas palavras do grupo B.

GRUPO A

semente

amente

fremente

desmente

GRUPO B

inesperadamente

simpaticamente

admiravelmente

maravilhosamente

6 - A partir das seguintes palavras do português, distinga *formas livres* de *formas presas*.

admiravelmente – impossibilidade – amastes

7 - A partir das seguintes palavras do português, distinga *morfemas derivacionais* de *morfemas flexionais*.

recomeçaríamos – admiravelmente – impossibilidade – amastes – desarmamento – descosido – inutilidade – chegaremos – despolitizar

EXERCÍCIOS DE
CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA TRADICIONAL
DAS PALAVRAS DO PORTUGUÊS

1 - Apresente a classificação morfológica tradicional das palavras sublinhadas das seguintes frases:

Eu sei que o que tu queres parece difícil, mas é possível.

Que tu soubesses contar-mos sem nós contarmos era o que queríamos.

Eu sei que o que tu queres parece difícil, mas é possível.

Todos os clientes que₁ escolheram isto afirmam que₂ estão satisfeitos.

EXERCÍCIOS DE
FLEXÃO VERBAL E NOMINAL DO PORTUGUÊS

1 - Apresente a análise morfológica linear das seguintes formas verbais e nominais do português.

<i>cantores</i>	<i>fazíamos</i>
<i>atleta (masc.)</i>	<i>acabaste</i>
<i>livro</i>	<i>chego</i>
<i>sombra</i>	<i>espírito</i>
<i>chegarás</i>	<i>chegastes</i>
<i>base</i>	<i>ouvimos (pres. ind.)</i>
<i>camarada (masc.)</i>	<i>conseguíamos</i>
<i>camarata</i>	<i>árvore</i>
<i>realizávamos</i>	<i>sapateiro</i>
<i>soubéramos</i>	<i>impertinente</i>
<i>televisor</i>	

2 - Explique o fenómeno de **metafonia** que afecta certas realizações da vogal temática de verbos da primeira conjugação em português em determinadas formas gramaticais.

3 - Do verbo *lembrar*, conjugue e analise morfológicamente as seguintes formas:

- a) pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples, voz activa, primeira pessoa do plural;

- b) futuro imperfeito do indicativo, voz activa, primeira pessoa do singular;
- c) futuro imperfeito do conjuntivo, voz activa, segunda pessoa do singular;
- d) pretérito perfeito do indicativo, voz activa, segunda pessoa do plural.

4 - Explique a razão pela qual, nas formas solicitadas pela pergunta anterior, se encontram formas oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.

5 - Considere as seguintes palavras do português:

recomeçou – subdirectora – fonema – fonemático

5.1 - Apresente a análise mórfica linear de cada uma.

5.2 - Recorrendo a diversas formas do verbo “começar”, exemplifique e explique os fenómenos de **apagamento** e **metafonia** a que está sujeita a vogal temática dos verbos da primeira conjugação.

6 - A partir do seguinte *corpus*, identifique e explique os fenómenos morfofonológicos a que estão sujeitas a VOGAL TEMÁTICA e a ÚLTIMA VOGAL DO RADICAL FLEXIONAL dos verbos do português.

sabes
saberemos

acabei
acabou

cubras

7 - Encontre, nas seguintes formas verbais do português, exemplos dos diversos fenómenos a que está sujeita, nesta língua, a vogal temática verbal e explique-os.

acabei
acabou
acabamos
acabo

8 - Apresente a análise morfológica linear das seguintes formas verbais do português:

consigo – conseguimos – conseguiremos - conseguiste

9 - Identifique os fenómenos a que está sujeita a vogal temática verbal do português nas formas analisadas na pergunta anterior.

10 - Conjugue e analise morfológicamente as seguintes formas do verbo *tirar*.

- a) presente do indicativo, voz activa, segunda pessoa do singular;

- b) pretérito imperfeito do conjuntivo, voz activa, segunda pessoa do plural;
- c) condicional presente, voz activa, primeira pessoa do singular;
- d) pretérito perfeito simples do indicativo, voz activa, terceira pessoa do singular.

11 - Apresente a análise morfológica linear das seguintes formas verbais do português:

chegaras – chegarás – chegastes – cheguei – chegou

12 - Identifique os fenómenos a que está sujeita a vogal temática verbal do português nas formas analisadas na pergunta anterior.

13 - Apresente a análise mórfica linear de cada uma das seguintes palavras, de acordo com o modelo de Mattoso Camara Jr. e não segmentando, em eventuais radicais flexionais complexos, os morfemas derivacionais.

cesteiros – gigante – falávamos

EXERCÍCIOS SOBRE A NOÇÃO DE PALAVRA

- 1 - Diga quantas palavras tem cada uma das seguintes frases:
- a) Ele corta relva aos sábados e corta-a muito bem.
 - b) Ele comprou o corta-relva dum primo.
 - c) Ele comprou o corta-relva de um primo.
 - d) O campeonato inter-turmas conta com equipas internacionais.

TEMAS PARA REFLEXÃO GERAL E PARA ENSAIOS ESCRITOS DE CURTA EXTENSÃO (EVENTUALMENTE A DISCUTIR EM SESSÕES INDIVIDUAIS OU DE OT NA PRESENÇA DO PROFESSOR E COLEGAS)

- 1 – Demonstre que a fonologia e a morfologia correspondem a dois domínios da gramática em estreita relação entre si.
- 2 – Discuta o estatuto teórico das “vogais nasais” na fonologia do português.
- 3 – Demonstre que nem todos os tipos de derivação morfológica apresentam resultados gramaticais (morfofossintácticos e morfofonológicos) idênticos.

- 4 – Resuma a discussão que mostra que o núcleo e a coda da sílaba partilham propriedades fonotáticas comuns.
- 5 – Explique devidamente as noções de **fonema**, **fone** e **alofone**.
- 6 – Distinga entre **atitude normativa** e **atitude descritiva** no estudo da variação linguística.
- 7 – Sintetize o papel dos diversos factores que actuam na variação linguística e distinga os vários tipos de variedade de língua decorrentes dessa multiplicidade de causas de variação.
- 8 – Explique e ilustre o fenómeno de *redução das vogais átonas* do português europeu contemporâneo.
- 9 – Relembre os principais argumentos que justificam a aceitação da **rima** enquanto um constituinte silábico e mostre a sua pertinência na fonologia do português.
- 10 – Relembre as principais categorias de *morfema* aceites pela linguística e explique a sua pertinência em português.
- 11 – Com base nos seus conhecimentos teóricos de fonologia estruturalista, relembre os principais argumentos em que se baseia a divisão entre a fonética e a fonologia.
- 12 – A derivação e a flexão são dois processos morfológicos básicos em línguas como o português. Explique, exemplificando, as principais diferenças entre estes dois processos.
- 13 – As vogais nasais do português são normalmente interpretadas, nas descrições fonológicas da língua, como sequências de dois elementos e não como “fonemas” indivisíveis na sucessividade. Recorde e discuta os principais argumentos que sustentam esta interpretação.
- 14 – Explique de que forma o *acento de palavra* e a *harmonização vocálica* exemplificam a ligação entre a morfologia e a fonologia na descrição gramatical de línguas como o português.
- 15 – Demonstre que, em português, as possibilidades de ocorrência segmental são mais restritivas em coda silábica do que em ataque silábico.
- 16 – As vogais nasais do português são normalmente interpretadas, nas descrições fonológicas da língua, como sequências de dois elementos e não como “fonemas” indivisíveis na sucessividade. Recorde e discuta os principais argumentos que sustentam esta interpretação.
- 17 – Explique a atribuição do acento de palavra nas formas verbais do português, demonstrando a motivação morfológica do acento nesta língua.
- 18 – Com exemplos à sua escolha, explique o fenómeno de elevação e centralização das vogais átonas do português europeu contemporâneo.

7.4 – Textos propostos para os trabalhos de leitura orientada/ discussão nas sessões de orientação tutorial

Conforme foi deixado explícito em 7.1 e será retomado no capítulo 8, o trabalho nas sessões de OT desenrolar-se-á essencialmente em torno da leitura orientada e discussão, em pequenos grupos, de textos fundamentais para a compreensão de tópicos específicos do programa desta cadeira. Esta metodologia será posta em prática somente a partir da terceira semana lectiva, a fim de possibilitar aos estudantes, nas duas primeiras semanas, uma primeira familiarização com os temas a abordar e uma primeira leitura dos textos a trabalhar nestas aulas.

Os textos que propomos para esse tipo de trabalho são os que passamos a apresentar. Através da escolha dos seguintes títulos, procurámos reunir bibliografia que respondesse aos seguintes requisitos⁵⁶:

- que correspondesse a títulos de referência fundamental para cada um dos tópicos considerados;
- que, no conjunto, nos fornecesse uma visão global suficientemente ampla e satisfatória da investigação linguística nos diferentes domínios versados;
- que fosse representativa de diversos enquadramentos teóricos;
- que fosse abordável por estudantes com o nível de conhecimentos e de competências de leitura científica esperado dos alunos de *EFMP*, de acordo com o perfil traçado em 3.2 e com o trabalho desenvolvido ao longo do semestre⁵⁷.

⁵⁶ Deve ser referido neste momento que esta lista constitui uma proposta de trabalho que, em diferentes anos lectivos, pode conhecer modificações várias, ditadas também por razões de ordem diversa. Ressalve-se também que, num dado ano lectivo, nem todos os textos da lista têm de ser obrigatoriamente trabalhados.

⁵⁷ Os textos sugeridos neste momento situam-se também em diferentes níveis de dificuldade de leitura.

A ordem pela qual os vários títulos ocorrem nesta lista bibliográfica corresponde aproximadamente à ordem pela qual os diversos textos e respectivos temas são tratados ao longo do semestre, embora se admitam, quando tal se revele necessário ou conveniente, pequenas alterações ou adaptações dessa ordem. Dado que os textos têm dimensões diferentes, é ainda admitida a possibilidade de, numa mesma sessão de OT, serem trabalhados dois ou três textos, apresentados sucessivamente por diferentes grupos de estudantes. Finalmente, deve ser sublinhado que o facto de os diferentes textos se destinarem a sessões diferentes, nas quais participarão, em princípio, grupos de estudantes diferenciados, não significa que nem toda a turma aceda aos conteúdos de todos estes títulos: por um lado, a lista de textos a trabalhar nas sessões de OT será disponibilizada a todos os estudantes no início do semestre, sendo encorajada a leitura de todos estes textos por todos os estudantes, independentemente das sessões de OT que cada aluno vier a frequentar; por outro lado, todos os conteúdos contemplados pela totalidade dos textos serão objecto de exploração nas aulas teóricas e práticas.

1. Introdução à fonologia estruturalista

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. 1977. Fonética e Fonêmica. In: J. Mattoso Camara Jr. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro RJ: Padrão, 11-41.

2. Introdução à fonologia generativa “standard”

MATZENAUER, Carmen Lúcia. 2005. Introdução à teoria fonológica. In: L. Bisol (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4ª ed. Porto Alegre RS: EDIPUCRS, 11-81. Subcapítulo “Modelo linear de Chomsky e Halle”, pp. 14-43.

3. Introdução à dialectologia do português/Divisão dialectal do português

CINTRA, Luís F. Lindley. 1971. Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. *Boletim de Filologia*. **XXII**: 81-116. Republicado em: L. F. Lindley Cintra (1983). *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 117-163.

FERREIRA, Manuela Barros; CARRILHO, Ernestina; LOBO, Maria; SARAMAGO, João; CRUZ, Luísa Segura da. 1996. Variação linguística: perspectiva dialectológica. In: Isabel H. Faria *et al.* (Orgs.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 479-502

4. Casos problemáticos do inventário segmental do português: o chevá do português europeu contemporâneo

VELOSO, João. 2005. Considerações sobre o estatuto fonológico de [i̯] em português. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Línguas e Literaturas*. **XXII**: 621-632.

VELOSO, João. 2007. Schwa in European Portuguese: The Phonological Status of [i̯]. In: Olivier Crouzet, Jean-Pierre Angoujard (Eds). *Actes des/Proceedings of JEL'2007. Schwa(s). 5.èmes Journées d'Etudes Linguistiques. 27-28 Juin 2007. Nantes, France*. Nantes : Université de Nantes (LLING, Laboratoire de Linguistique de Nantes): 55-60.

D'ANDRADE, Ernesto. 1998. Sobre a alternância vogal/glide em Português. *Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 91-102.

5. Estruturas silábicas do português : introdução – aspectos gerais e particulares

MATEUS, Maria Helena Mira. 1995. A silabificação de base em português. *Actas do X encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 289-300. Republicado em: M. H. M. Mateus (2002). *A Face Exposta da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 271-279.

FREITAS, Maria João; RODRIGUES, Maria Celeste. 2003. On the nature of sC-clusters in European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*. **2(2)**: 55-85.

6. Estruturas silábicas do português: estatísticas de ocorrência de tipos silábicos; o Princípio da Sonoridade e a Condição de Dissemelhança nesta língua

VIGÁRIO, Marina; FALÉ, Isabel. 1994. *Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 465-478.

7. Segmentos e estruturas silábicas do português: estatísticas de ocorrência de tipos silábicos

VIGÁRIO, Marina; MARTINS, Fernando; FROTA, Sónia. 2006. A ferramenta *FreP* e a frequência de tipos silábicos e classes de segmentos no Português. *XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 675-687.

8. Acento de palavra em português (I)

MATEUS, Maria Helena Mira. 1983. O acento de palavra em português: uma nova proposta. *Boletim de Filologia*. **XXVIII(I)**: 211-229. Republicado em: M. H. M. Mateus (2002). *A Face Exposta da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 232-248.

9. Acento de palavra em português (II)

PEREIRA, Isabel. 2000. O acento verbal em português: uma proposta de formalização. *Revista Portuguesa de Filologia*. **XXIII**: 245-269.

10. Conceitos fundamentais de morfologia (I)

ROSA, Maria Carlota. 2006. *Introdução à morfologia*. São Paulo SP: Contexto. Capítulos 3 (“A conceituação clássica do morfema”, pp. 43-66), 4 (“Preparando o retorno da palavra”, pp. 67-71) e 5 (“Quantas palavras temos num enunciado?”, pp. 73-84).

11. Conceitos fundamentais de morfologia (II) e introdução à estrutura interna da palavra – formas nominais e verbais (perspectiva estruturalista)

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. 1970. *Estrutura da língua portuguesa*. 19ª edição. Petrópolis RJ: Vozes. Capítulos VIII (“O vocábulo formal e a análise mórfica”), IX (“A classificação dos vocábulos formais”), X (“O mecanismo da flexão portuguesa”), XI (“O nome e suas reflexões”), XIII (“A flexão verbal portuguesa – O padrão geral”) e XIV (“Os padrões especiais dos verbos em português”).

12. Conceitos fundamentais de morfologia (III) e introdução à estrutura interna da palavra – formas nominais e verbais (perspectiva generativa)

VILLALVA, Alina 2000. *Estruturas morfológicas. Unidades e hierarquias nas palavras do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Capítulos 1 (“Introdução”), 2 (“Morfologia generativa”) e 3 (“Constituintes morfológicos”).

13. Aspectos da flexão verbal do português: abaixamento e harmonização da última vogal do radical

MATEUS, Maria Helena Mira. 2003. A harmonização vocálica e o abaixamento de vogais nos verbos do português. In: *Língua Portuguesa: Estruturas, Usos e Contrastes. Volume Comemorativo dos 25 Anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, 289-301.

14. “Flexão interna” dos nomes com vogal arredondada [-alt] na última sílaba do radical

D’ANDRADE, Ernesto. 1994. Histórias de O. In: E. D’Andrade. *Temas de Fonologia*. Lisboa: Colibri, 47-76.

MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto; MIRANDA, Ana Ruth Moresco. 2005. Nominal metaphony and vocalic harmony in Brazilian Portuguese: A constraint-based approach. In: Sónia Frota *et al.* (Eds.). *Prosodies. With Special Reference to Iberian Languages*. Berlin: Mouton De Gruyter, 339-360.

15. Flexão dos nomes terminados em ditongo nasal

VELOSO, João. 2005. Estrutura interna e flexão de número dos nomes terminados em “-ão”: onde reside a «irregularidade»? In: Graça Maria Rio-Torto *et al.* (Coord.). *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, I, 325-338.

14. Formação de palavras em português – padrões gerais dos processos derivacionais

RIO-TORTO, Graça Maria. 1998. *Morfologia Derivacional. Teoria e Aplicação ao Português*. Porto: Porto Editora. Capítulos “Unidades e variantes morfolexicais: princípios de identificação”, “Formação de palavras: um espaço de confluência e de interactividade”, “Regras de formação de palavras em português: achegas para um quadro geral”, “Operações derivacionais que envolvem os sufixos –ão em português”, “Esquemas de circunfixação em português”.

15. Formação de palavras em português – o caso particular dos nomes posverbais

RODRIGUES, Alexandra Soares. 2002. Para compreender o mecanismo de formação dos chamados «derivados regressivos». In: I. M. Duarte *et al.* (Org.). *Encontro Comemorativo dos*

25 Anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, Vol. 1, 9-19.

16. A noção de palavra: aspectos fonológicos (I); palavra fonológica e outros constituintes prosódicos

VIGÁRIO, Marina. 1998. Elisão da Vogal Não-Recuada Final e a Palavra Prosódica no Português Europeu. *Actas do XIII Encontro nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística/Colibri, 359-376.

17. A noção de palavra: aspectos fonológicos (II); palavra fonológica, grupo clítico e outros constituintes prosódicos

VIGÁRIO, Marina. 2007. O lugar do grupo clítico e da palavra prosódica composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. *XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos seleccionados*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 673-688.

8. Métodos de trabalho a desenvolver na disciplina

Perante os objectivos, o programa e a planificação do semestre que apresentámos nos capítulos precedentes e tendo em consideração a metodologia de avaliação que será apresentada no capítulo 9, elaborámos uma proposta de metodologia de trabalho a implementar na disciplina de *EFMP* ao longo de todo o semestre. Pelas razões que apontámos no capítulo anterior no tocante ao planeamento das actividades a desenvolver em todo o semestre, a descrição da metodologia a seguir na disciplina cinge-se exclusivamente às actividades planeadas para o espaço de aula. Omite-se assim uma parte muito importante do trabalho de cada aluno respeitante ao seu estudo individual, por nos parecer que esta componente do trabalho no âmbito da disciplina não é passível de um planeamento ou de uma descrição verificável/aplicável a todos os estudantes da turma, de forma independente das idiosincrasias de cada qual.

Conforme deixámos patente na secção anterior, concebemos, para os três tipos de sessão lectiva existentes nesta unidade curricular – aula teórica, aula prática e sessão de orientação tutorial –, diferentes tipos de actividades, do que decorre também o planeamento de diferentes metodologias de trabalho.

Assim, as aulas teóricas – destinadas fundamentalmente à familiarização dos estudantes com os conhecimentos fundamentais das várias áreas contempladas pelo programa – terão um carácter eminentemente expositivo. Cada aula (vd. o planeamento apresentado no capítulo anterior) terá um ou dois temas principais, que caberá ao professor apresentar, discutir, expor, exemplificar e ilustrar. Esta apresentação será sempre contextualizada epistemologicamente nas várias correntes linguísticas a que se fará menção durante o semestre. Como meios auxiliares da transmissão de conhecimentos pretendida em cada aula, poderá haver recurso, da forma

julgada conveniente e que se revelar possível, a meios audiovisuais (acetatos, apresentações multimédia, materiais iconográficos e cartográficos, vídeos, gravações sonoras, etc.) e a guiões escritos distribuídos a todos os alunos no início de cada aula ou no final da aula anterior. Uma componente importante das aulas teóricas residirá nas indicações de leitura de certos textos fundamentais para a compreensão dos temas de cada aula, sendo previsto o contacto directo, em algumas aulas, com esses textos (na íntegra ou através de excertos seleccionados), previamente lidos em casa ou na biblioteca pelos estudantes. A interacção dos estudantes com os textos e todos os restantes materiais disponibilizados será claramente incentivada. Apesar da natureza eminentemente expositiva⁵⁸ das aulas teóricas, serão criadas oportunidades de diálogo crítico sobre as matérias trabalhadas. As formas privilegiadas para este diálogo serão a discussão de casos práticos, ilustrações e pequenos exercícios, por um lado, e, por outro, a reflexão partilhada sobre trechos dos textos estudados em cada momento do semestre.

Nas aulas práticas, conforme se pode verificar pelo planeamento apresentado no capítulo 7, será dada preferência a actividades relacionadas com a resolução de exercícios e trabalhos concretos de análise linguística. Pela sua própria natureza, estas actividades promoverão uma participação mais intensa dos estudantes. Assim, a componente expositiva a que será dada primazia nas aulas teóricas cederá espaço e importância, nas aulas práticas, a uma participação mais evidente e exteriorizada dos estudantes inscritos na turma. O papel do professor, nestas aulas, será, primeiramente, semelhante ao de um “moderador”, porquanto lhe competirá sobretudo distribuir os tempos de participação e de execução de cada actividade. Em segundo lugar, caber-lhe-á a função de orientar os exercícios propostos para resolução em

⁵⁸ A opção pela predominância da modalidade expositiva das aulas teóricas – fortemente motivada pelo carácter teórico-descritivo da disciplina – não significa, porém, que o ensino magistral seja a única forma de transmissão de conhecimentos adoptada nestas aulas. Além do incentivo à participação crítica dos estudantes na discussão de todas as matérias apresentadas, a apresentação destas será sempre apoiada em exemplificações abundantes dos fenómenos linguísticos trabalhados, prevendo-se, quando oportuno, o trabalho em pequenos grupos sobre tais exemplos, com troca de pontos de vista, sendo ainda particularmente estimulada a reflexão conjunta sobre, nomeadamente, o confronto de perspectivas teóricas divergentes.

função do andamento geral dos trabalhos da turma, velando para que o conteúdo e a dificuldade dos exercícios sejam compatíveis com os conhecimentos trabalhados nas aulas teóricas. Finalmente, será ainda papel do professor verificar a correção de todas as tarefas realizadas e de todos os exercícios resolvidos e dirigir a elaboração de sínteses temáticas em função dos trabalhos efectuados.

A complementação de cada aula teórica com uma aula prática permitiria aprofundar, problematizar e consolidar os conhecimentos trabalhados na aula teórica: por um lado, o professor teria oportunidade de regressar a alguns conteúdos versados na aula teórica, podendo completar, aprofundar, rectificar e/ou reiterar informação transmitida; por outro lado, os estudantes poderiam assim confrontar-se com a interiorização dos conhecimentos, aproveitando a oportunidade para esclarecer quaisquer dúvidas remanescentes. A resolução de exercícios práticos responde ainda ao objectivo de reforçar as competências de análise linguística e de reflexão teórica que, como foi afirmado no capítulo 4, constituem um objectivo importante desta disciplina. Dada a natureza individual do trabalho envolvido neste tipo de tarefas, pretende-se ainda desenvolver, quantitativa e qualitativamente, a autonomia dos estudantes na prossecução do seu estudo.

As sessões de orientação tutorial, que correspondem ao terceiro tipo de sessões lectivas previstas nesta disciplina, desenvolver-se-ão em torno da apresentação de textos teóricos sobre temas específicos relacionados com o programa da cadeira, conforme foi referido no capítulo anterior. Este tipo de actividade, pela sua própria natureza e conteúdo, fomentará, necessariamente, a participação diferenciada dos diversos estudantes envolvidos. Como decorre da própria organização das sessões de OT anteriormente referida, cada sessão será frequentada por apenas uma parte da turma. A turma será então dividida no início do ano em pequenos grupos de trabalho; cada grupo de trabalho ficará com a responsabilidade de estudar

de forma mais aprofundada um dos textos indicados em 7.4, cabendo-lhe posteriormente a sua apresentação numa sessão de OT previamente fixada para o efeito, sendo ainda esperada de cada grupo a preparação de um *hand-out* para distribuição na sessão respectiva e de um pequeno relatório de leitura a entregar mais tarde ao professor. Desse modo, este tipo de sessões potenciará um trabalho de maior proximidade entre o professor e os estudantes, divididos em pequenos grupos. Este modo de organização do trabalho tornará ainda possível, em nosso entender, uma maior atenção aos desenvolvimentos e aos resultados concretos do trabalho dos estudantes e um acompanhamento mais intensivo dos progressos registados. Paralelamente, tornará ainda possível uma troca de ideias menos distante entre professor e estudantes, treinando nestes a capacidade de exposição e de argumentação teórica (oral e escrita). Tal como foi dito a propósito do trabalho do professor na orientação das aulas práticas, a sua principal função nas sessões de OT, dada a natureza e o modo de funcionamento das mesmas, concentra-se nos papéis de *moderar* a discussão, de *articular* o trabalho desenvolvido nas sessões com o restante trabalho efectuado na disciplina e, finalmente, de *orientar* a discussão teórica para os tópicos relevantes e adequados.

9. Modelo de avaliação

As mudanças introduzidas pelo chamado “Processo de Bolonha” nos modelos de ensino/aprendizagem nas licenciaturas oferecidas pela FLUP, elegendo o desenvolvimento de competências em detrimento da mera assimilação de conhecimentos transmitidos em aula e promovendo a autonomia individual dos estudantes em todo o seu processo formativo⁵⁹, favorecem a expansão das modalidades de avaliação contínua, designada, na terminologia oficial da UP, por “avaliação distribuída”⁶⁰.

A preferência dos modelos formativos mais recentes pela modalidade da avaliação distribuída parece-nos, na verdade, justificada por tornar possível o desenvolvimento e o aprofundamento dos conhecimentos e competências dos estudantes, tornando-os significativamente mais conscientes das metas a atingir, mais autónomos e mais responsabilizados pelo desenvolvimento individual do seu trabalho académico. Esta modalidade de avaliação cumpre assim uma função formativa simultânea do seu papel “classificativo” tradicional, pelo que a consideramos um instrumento de trabalho muito valioso e manifestamos o nosso vivo interesse pela sua adopção.

Contudo, não ignorando que o cumprimento de um plano de trabalho mais exigente em termos de tempo dedicado à preparação de uma lista mais extensa de trabalhos sujeitos a prazos bastante rígidos pode suscitar algumas dificuldades de ordem prática a estudantes que

⁵⁹ Recorde-se que o preâmbulo do Decreto-Lei nº 74/2006 (*Diário da República*, I Série-A, nº 60, 24.03.2006) afirma como um dos princípios orientadores do “Processo de Bolonha” o estabelecimento de uma prática de ensino superior que garanta “[a] passagem de um ensino baseado na transmissão de conhecimentos para um ensino baseado no desenvolvimento de competências” e que assegure uma “mudança de paradigma de ensino de um modelo passivo, baseado na aquisição de conhecimentos, para um modelo baseado no desenvolvimento de competências, onde se incluem quer as de natureza genérica [...] quer as de natureza específica associadas à área de formação [...]”.

⁶⁰ As Normas de Avaliação actualmente em vigor na FLUP poderão ser consultadas em: https://sigarra.up.pt/flup/conteudos_service.conteudos_cont?pct_id=13440&pv_cod=49OaCkaW2arT.

usufruam do estatuto de trabalhadores-estudantes ou que, por outras razões de ordem pessoal, se vejam impedidos de aderir a um programa de trabalhos dessa natureza, não excluimos a possibilidade de fazer coexistir nesta disciplina a modalidade de avaliação distribuída com a modalidade de avaliação final. Esta última, em princípio, deveria ser reservada apenas para os casos mencionados, para outros de carácter análogo (em que houvesse fortes razões que impedissem a escolha da avaliação distribuída) e como “reserva” para casos de recurso ou melhoria de nota – isto é, deveria ter um carácter excepcional. Não obstante, e de acordo com as Normas de Avaliação vigentes na FLUP⁶¹, não se torna legalmente possível obrigar nenhum estudante a optar pela modalidade de avaliação distribuída em disciplinas em que funcione também a modalidade de avaliação final, pelo que terá de ser plenamente reconhecida e concedida aos estudantes a possibilidade de optarem por qualquer uma das duas modalidades.

Passamos a descrever o tipo de trabalhos a exigir aos estudantes em função de cada uma destas modalidades de avaliação, tendo presentes os objectivos fixados para a disciplina e a natureza dos conhecimentos e das competências a desenvolver.

9.1 – Avaliação distribuída

De acordo com um calendário divulgado pelo professor nas primeiras aulas, os estudantes que aderirem à modalidade de avaliação distribuída deverão, ao longo do semestre, prestar as seguintes provas e apresentar os seguintes trabalhos:

- teste prático;
- trabalho escrito;

⁶¹ Cf. o endereço electrónico indicado na nota anterior, onde poderão ser consultadas as Normas de Avaliação actualmente vigentes na FLUP.

- trabalho de recolha dialectal;
- apresentação de notas de leitura de um texto específico (sessões de OT).

Passamos a descrever, para cada um destes itens, os objectivos e conteúdos esperados, bem como a ponderação que cada um destes elementos deverá ter no cálculo da nota final de cada aluno.

TESTE PRÁTICO

Trata-se de uma prova escrita, realizada o mais perto possível do final do semestre (ou mesmo, havendo essa possibilidade, após a conclusão das aulas), com a duração aproximada de duas horas e composta por um questionário com cerca de 10 exercícios práticos versando os diversos pontos da matéria leccionada.

As perguntas constantes da prova terão uma estrutura e uma formulação muito semelhantes aos exercícios trabalhados nas aulas práticas (vd. exemplos em 7.3) e destinam-se a avaliar a aquisição dos conhecimentos transmitidos ao longo do semestre. Tipicamente, estas perguntas incidirão sobre as seguintes matérias, entre outras: transcrição fonética; identificação de marcas dialectais presentes em transcrições fonéticas apresentadas; classificação articulatória tradicional de sons do português; determinação de subinventários fonémicos do português; matrizes e regras fonológicas (explicitação dos traços distintivos associados a um segmento ou identificação de um segmento a partir de uma matriz; redundâncias, implicações e subespecificação; determinação de classes naturais; formulação/explicação de regras fonológicas do português de acordo com os formalismos do modelo SPE); análise silábica de palavras do português; explicação dos processos de atribuição de acento de palavra em português; análise morfológica de palavras do português; classificação de palavras e morfemas

do português; distinção entre processos de formação de palavras em português; explicação de casos particulares ou problemáticos de flexão nominal e verbal em português (harmonização vocálica, etc.); ...

No cálculo da classificação final a atribuir a cada aluno, a nota obtida neste teste terá a ponderação de **35%** dessa classificação.

TRABALHO ESCRITO

Pede-se a cada estudante que redija um pequeno ensaio original, escrito individualmente pelo aluno sob orientação do professor (fornecida em atendimentos individuais e, eventualmente, aproveitando parte das sessões de OT), com a extensão máxima aproximada de 6 páginas A4, sobre um tema de morfologia ou fonologia do português. O aluno poderá escolher livremente o seu tema a partir de uma lista fornecida pelo professor no início do semestre (vd. exemplos *infra*); cada tema específico será acompanhado de uma lista sucinta de referências bibliográficas fundamentais. No trabalho, o estudante deverá demonstrar a capacidade de ler criticamente a bibliografia indicada e de a completar, quando pertinente, com obras procuradas e consultadas por sua própria iniciativa.

Neste trabalho, o estudante deverá mostrar as seguintes capacidades:

- perceber e comparar diferentes perspectivas sobre um mesmo tópico;
- identificar os pressupostos teóricos centrais correntes na bibliografia sobre o tema do trabalho e enquadrá-los devidamente na escola teórica à luz da qual se desenvolvem;
- saber aplicar os argumentos identificados na bibliografia à análise concreta de uma pequena lista de exemplos do português;
- redigir um pequeno trabalho académico num estilo correcto do ponto de vista linguístico e formal, respeitando obrigatoriamente as normas formais correntes neste tipo de

textos, nomeadamente no tocante à formatação de texto e às indicações bibliográficas. A este nível, os alunos deverão obrigatoriamente respeitar as normas estilísticas adoptadas pela revista *Linguística – Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*⁶².

Entre os exemplos de temas a desenvolver neste trabalho, indicamos os seguintes (sendo admitidos outros, inclusive a partir de sugestões apresentadas pelos próprios estudantes em função dos seus interesses)⁶³:

Transcrição fonética estreita e larga em português

Aplicações da transcrição fonética: ensino do português

Aplicações da transcrição fonética: ensino de línguas estrangeiras

Aplicações da transcrição fonética: dicionários

Variação linguística e as variedades dialectais do português

Variedades europeias e não-europeias do português

Classificação articulatória tradicional e sistemas de classificação baseados em traços binários

Problematização de algumas classes de sons: as soantes

Problematização de algumas classes de sons: as vibrantes

Problematização de algumas classes de sons: as nasais

⁶² Estas normas serão disponibilizadas pelo professor logo no início do semestre, podendo ainda ser consultadas em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4506.pdf>

⁶³ Nem todos os temas apresentados nesta secção correspondem a temas aprofundados em aula. Assim sendo, uma das funções desta lista reside no estímulo que estes temas possam trazer aos estudantes no sentido de os levar à pesquisa individual e original sobre matérias mais específicas que, embora implicadas no programa e nos objectivos de EFMP, não constituem necessariamente objecto de tratamento explícito em aula. Procura-se assim diversificar a formação oferecida aos estudantes e desenvolver nestes a sua capacidade de estudo individual e autónomo.

Será nomeadamente a partir dos diferentes níveis de dificuldade e especialização dos diversos temas incluídos nesta lista que poderemos diferenciar os estudantes que trazem, à partida, um grau de preparação maior por terem frequentado, antes de EFMP, outras disciplinas da área científica da linguística, conforme aludimos em 3.2.

O chevá em português

Estruturas silábicas do português: formatos marcados e não-marcados

O preenchimento segmental e autosegmental da coda silábica em português

O acento em português: morfologia e fonologia

Constituintes temáticos nominais em português

O género: categoria flexional?

O grau nominal: flexão ou derivação?

Crerios para a definição e delimitação da «palavra»

Particularidades da classe «pronomo pessoal» em português

A divisão do léxico em «classes de palavras»

O lugar da fonética e da fonologia nas gramáticas escolares do português

O lugar da fonética e da morfologia nas gramáticas escolares do português

...

A versão final deste trabalho deverá ser entregue ao professor no prazo de duas semanas após o fim das aulas do semestre.

No cálculo da classificação final de cada estudante, à nota atribuída ao seu trabalho escrito corresponderá a ponderação de **35%**.

TRABALHO DE RECOLHA DIALECTAL

É pedido a cada estudante que recolha uma amostra sonora de uma produção espontânea numa variedade do português europeu contemporâneo desejavelmente diferente da sua própria variedade. Como primeiro passo, o estudante deverá obter autorização de um falante nativo monolíngue da língua, seu conhecido, para recolher uma amostra de fala

espontânea, com cerca de 20 minutos de duração, a partir de uma conversa informal. Essa conversa deverá ser gravada, de preferência num suporte digital, e do total da amostra assim registada o estudante deve escolher posteriormente um trecho, com uma extensão aproximada de 60 a 90 segundos, que apresente um conjunto representativo de marcas dialectais.

Esse trecho deverá ser objecto do seguinte tratamento:

- transcrição fonética estreita;
- transcrição ortográfica;
- comentário dialectal. Este deverá constar de:
 - identificação sociodemográfica e dialectal do falante, preservando escrupulosamente o seu anonimato civil: idade, sexo, grau de escolaridade, profissão, local de nascimento, locais de residência ao longo da vida e proveniência geográfica dos pais;
 - identificação explícita e comentário desenvolvido das marcas dialectais e sociolectais encontradas, correlacionando-as com a identificação sociodemográfica e dialectal do falante.

Os elementos do trabalho a entregar ao professor serão dois: a gravação da amostra de fala tratada (isto é, do trecho de cerca de 60-90 segundos sobre que incide o comentário dialectal, havendo o cuidado de não deixar nesta gravação qualquer indício que possibilite a identificação civil do informante) e um trabalho escrito com os itens acima inventariados (transcrição fonética, transcrição ortográfica e comentário dialectal), devidamente acompanhados de referências bibliográficas e eventuais anexos (como, nomeadamente, mapas). Reiteramos que, tal como na gravação, a componente escrita do trabalho deve impedir rigorosamente a identificação civil do informante.

Este trabalho, a entregar ao professor na última semana de aulas, terá a ponderação de **15%** da nota final a atribuir ao aluno.

No final, os trabalhos assim recolhidos reverterão a favor do Arquivo Dialectal da FLUP/CLUP⁶⁴.

APRESENTAÇÃO (NUMA SESSÃO DE OT) DE NOTAS DE LEITURA DE UM TEXTO ESPECÍFICO

Este trabalho consiste na apresentação, descrita em 7.4, de um texto teórico ou descritivo de um aspecto fonológico ou morfológico do português, feita numa sessão de OT. Como então foi explicado, pretende-se que os estudantes apresentem, numa dessas sessões lectivas, um resumo crítico dos argumentos fundamentais de um texto sobre um aspecto fonológico ou morfológico do português. Esta apresentação será sempre feita por um grupo de dois ou três estudantes.

Além da apresentação oral propriamente dita, que durará cerca de 10 a 15 minutos, os estudantes disponibilizarão aos presentes na sessão de OT um pequeno *hand-out* da exposição; no prazo de duas semanas a contar da apresentação oral, apresentarão ainda ao professor um pequeno resumo escrito das suas notas de leitura, com a extensão aproximada de 2 a 3 páginas.

A nota a atribuir neste item terá em conta estes três elementos (apresentação oral, *hand-out* e pequeno relatório escrito) e contará como **15%** da nota final a atribuir a cada estudante. Em casos devidamente justificados, o professor poderá atribuir classificações diferenciadas aos

⁶⁴ Este arquivo reúne já (no início de 2010) perto de uma centena de amostras assim obtidas ao longo de sucessivos anos lectivos, estando presentemente instalado numa sala cedida pelo Centro de Linguística da Universidade do Porto e sendo objecto de um trabalho continuado de catalogação e manutenção por parte de estudantes de licenciatura e mestrado que têm beneficiado de bolsas da FCT para o efeito.

vários estudantes pertencentes a um mesmo grupo de trabalho, em função dos diferentes graus de participação na tarefa.

9.2 – Avaliação final

Os alunos que sejam avaliados na modalidade de avaliação final prestarão, como prova única, um exame escrito, com a duração de 150 minutos, possivelmente completado por uma prova oral em alguns casos⁶⁵; a nota obtida nesta prova ou combinação de provas corresponde à classificação final atribuída ao estudante na disciplina⁶⁶.

O formato habitual de um exame escrito final é o de uma prova dividida em duas partes principais: um questionário prático, com características semelhantes à prova prática realizada pelos estudantes inscritos em avaliação distribuída (vd. *supra*), embora com uma extensão menor (cerca de 6 perguntas, aproximadamente); e um questionário teórico, em que se solicita aos estudantes que desenvolvam dois pequenos ensaios (com a extensão de cerca de duas páginas A4, no máximo, para cada um) sobre temas específicos relacionados com a matéria leccionada (exemplos destes temas podem ser encontrados no final de 7.3 e são objecto de trabalho individual dos estudantes durante o semestre). Quer no questionário prático, quer no teórico, é possível que em algumas provas haja lugar para questões em alternativa, de livre escolha dos estudantes.

⁶⁵ De acordo com as Normas de Avaliação vigentes na FLUP, deverão prestar obrigatoriamente uma prova oral os estudantes inscritos em avaliação final classificados com 8 ou 9 valores na prova escrita; estudantes com nota inferior ficarão automaticamente reprovados; estudantes com nota igual ou superior a 10 valores na prova escrita poderão prestar, querendo, uma prova oral. Em qualquer caso, a nota final de um estudante que tenha sido submetido às duas provas (escrita e oral) será a média aritmética das duas. Vd. nota 63 para indicação do endereço electrónico em que as Normas de Avaliação vigentes podem ser consultadas.

⁶⁶ Vd. nota anterior.

Dependendo das circunstâncias precisas de cada semestre lectivo, a ponderação de cada uma das partes do exame final no cálculo da classificação final aproxima-se das seguintes percentagens: à parte prática corresponderá uma percentagem de cerca de 60% da nota final, cabendo à parte teórica a quota restante (cerca de 40% da nota final).

Os estudantes que se submetam a avaliação final poderão, se assim o entenderem, participar com apresentações como as descritas em 7.4, 8 e 9.1 nas sessões de OT do semestre, e poderão, se assim o entenderem também, entregar ao professor uma versão escrita do relatório de leitura aí mencionado e subjacente a essa tarefa. No entanto, dada a especificidade desta modalidade de avaliação, a sua participação nestas tarefas não se traduzirá, em princípio, em nenhum benefício em termos de classificação final – embora, havendo essa possibilidade legal e essa disponibilidade por parte dos estudantes, em alguns anos se possa admitir que tal participação se reflecta, de alguma forma, na nota oficialmente lançada como nota de exame. Esta última possibilidade poderia traduzir-se ou através de uma bonificação da nota realmente obtida na prova escrita, ou na substituição, no exame escrito, de uma pergunta ou grupo de perguntas pela apresentação em OT e correspondentes documentos escritos (*hand-out* e mini-relatório de leitura).

TERCEIRA PARTE

OBSERVAÇÕES FINAIS

Como afirmámos em diversas passagens do relatório que se dá por concluído com estas observações finais, a proposta de trabalho que aqui desenvolvemos e defendemos toma por base um cenário que em 3.3 reconhecemos como ideal: a sua colocação em prática num contexto real não poderá resultar nunca de uma transposição directa e inflexível de um programa teórico para uma situação concreta. A transposição da proposta de trabalho aqui apresentada para uma situação real deverá depender assim, necessariamente, de uma correcta avaliação de diversos circunstancialismos: perfil dos alunos da turma, condições humanas, materiais e logísticas de trabalho, interacção dos trabalhos propostos nesta cadeira com programas frequentados em simultâneo pelos estudantes, etc. Admitimos alguma ambição nos objectivos, nos conteúdos programáticos e na bibliografia propostos – porventura pouco compatível com perfis de estudantes menos informados e menos amadurecidos do ponto de vista teórico, bem como com percursos formativos mais superficiais e mais abreviados. Porém, assumimos como um princípio norteador de que não abdicamos a manutenção do nível de exigência e de profundidade preconizados. Trata-se de uma meta e, igualmente, de um desafio de que não nos desvinculamos e que pedirá a quem se proponha levar à prática uma proposta desta natureza uma estratégia criativa e estruturada em busca de um equilíbrio razoável entre a ambição e a exigência de todos os fins aqui definidos e a sua exequibilidade. Manter uma turma interessada e motivada ao longo de um semestre inteiro para a complexidade e a dificuldade de alguns tópicos e desenvolver mecanismos que permitam colmatar algumas falhas a nível de conhecimentos prévios podem oferecer, à partida, numerosos obstáculos; no entanto, atingir no final do percurso, a despeito de tais adversidades aparentes, a maior parte dos objectivos propostos (e, desejavelmente, a totalidade dos objectivos principais) afigurar-se-á também como uma motivação suplementar para a continuação e o constante melhoramento do trabalho realizado e a realizar.

Em todos os aspectos vertidos para este relatório – desde a sua definição geral à escolha dos tópicos e textos a trabalhar, não esquecendo todas as outras dimensões envolvidas na proposta de trabalho aqui apresentada –, foi dada importância a dois aspectos que neste momento queremos sublinhar:

- por um lado, salientamos que toda a reflexão transposta para o relatório parte, de modo determinante, da experiência profissional concreta do autor na leccionação desta e de outras disciplinas e da sua participação noutras actividades universitárias, não resultando de um planeamento puramente idealizado *in abstracto*;

- por outro lado, procurámos transpor para este relatório um esforço de questionamento crítico e reflexivo sobre essa mesma experiência. Realçamos, a este propósito, que esta análise crítica não se circunscreve, na nossa prática profissional, a momentos e situações como as circunstâncias em que se apresenta para discussão um documento desta natureza. Embora, evidentemente, momentos como este sejam ocasiões privilegiadas para um aprofundamento e uma materialização dessa atitude reflexiva – que julgamos indispensável a qualquer trabalho de cariz educativo e/ou científico –, esta acompanha-nos em permanência, em estreita ligação com um propósito de monitorização minimamente adequada do trabalho disponibilizado aos nossos alunos.

Com efeito, julgamos que qualquer prática lectiva que não assente num exame crítico e numa busca contínua de objectivos e de meios de os atingir e que não procure actualizar-se permanentemente coloca em risco aquelas que são, em nosso entender, as principais funções do ensino superior, que procurámos preservar nesta proposta: a transmissão de conhecimentos de nível avançado validados pela comunidade científica, a renovação/actualização dos saberes (sem perder de vista a familiarização com pontos de vista “clássicos” e transversais a épocas,

autores e teorias) e o desenvolvimento do espírito crítico e das capacidades de trabalho autónomo dos estudantes.

Para não se confundir *ensino universitário* com repetição mecânica de saberes anteriores nem com replicação passiva de modelos externos, torna-se necessário, pensamos, definir com clareza, no arranque de cada projecto curricular, três variáveis essenciais, tendo sempre presentes todos os argumentos e fundamentos que presidem a tal definição:

- a) o objecto/conteúdo que vai ser ensinado;
- b) a forma como tal objecto/conteúdo vai ser ensinado;
- c) as razões pelas quais esses objectos/conteúdos, e não outros, vão ser ensinados de acordo com a metodologia definida em b).

Tentámos, ao longo dos vários capítulos que constituem este relatório, estruturar todas as nossas reflexões em torno desta tripla definição.

Reservamos as palavras finais deste relatório para uma última observação acerca da ligação entre as vertentes de ensino e de investigação associadas à docência universitária. A natureza específica de um relatório como este, que responde a uma exigência definida – a de avaliar a capacidade de planeamento do trabalho científico-pedagógico a desenvolver numa disciplina universitária – poderá porventura obscurecer essa interacção e mesmo, até certo ponto, a visibilidade da própria dimensão da investigação no conjunto de todas as tarefas académicas exigíveis a um docente universitário.

Em nosso entender, contudo, essa situação corresponde a um risco apenas aparente. Em primeiro lugar, é em grande parte graças ao trabalho de investigação que se torna possível uma triagem mais segura dos conteúdos e da bibliografia a propor aos estudantes; é também

graças a essa parte fundamental do nosso trabalho que se alcança uma actualização constante de conhecimentos e metodologias com as quais os estudantes são postos em contacto. Acresce ainda que a atitude de permanente questionamento crítico perante interpretações e teorias por vezes divergentes, que é nosso objectivo potenciar e desenvolver nos estudantes, resulta do trabalho de pesquisa. Os estudantes deverão ser constantemente confrontados com esta atitude e deverão ser levados a inferir a relação de tipo causal entre justamente o trabalho científico e o desenvolvimento desse espírito crítico. Acreditamos que algum efeito de “impregnação” – o contacto continuado dos estudantes com o posicionamento crítico, ainda que muitas vezes implícito, indissociado do trabalho científico – será capaz de formatar as atitudes intelectuais dos estudantes que venham a ter a possibilidade de receber formação de especialistas envolvidos na investigação das matérias trabalhadas em aula. Esta é, de resto, uma das razões pelas quais, como foi referido em diversos momentos, os estudantes serão postos em contacto directo com textos produzidos pelo professor a respeito de alguns temas trabalhados em aula. Esse contacto responderá assim a um duplo objectivo: facultará aos estudantes conhecimento adicional sobre as matérias versadas e proporcionará algum debate sobre a forma de se atingir conhecimento novo em ciência, através do diálogo não mediado com o autor de tal conhecimento novo. Julgamos não ser de desperdiçar a hipótese assim alcançável de um exemplo de como fazer ciência, a qual merece ser devidamente valorizada no contexto do ensino universitário. Finalmente, referiremos um aspecto que nos parece também bastante importante: uma das singularidades – que, a nosso ver, é uma das riquezas – do ensino universitário reside precisamente no carácter único da experiência de aprendizagem encontrada em cada edição de cada unidade curricular. Ao contrário do que se verifica noutros graus de ensino – onde programas e manuais são definidos externamente, acabando por ser “impostos” a todos os intervenientes de um acto educativo, impondo também modelos mais invariáveis de

escola para escola, de turma para turma e de ano para ano –, o ensino universitário deve, ou pelo menos pode, enveredar por percursos mais originais, considerando a maior liberdade concedida aos professores na definição de conteúdos, estratégias e materiais. Parte importante desta definição passa, necessariamente (e passa no caso vertente), pelos interesses de investigação de cada docente em cada fase do desenvolvimento da sua carreira. Mesmo acarretando alguns riscos (como o de poder levar, em casos extremos, a um indesejável enviesamento dos temas a tratar para uma só corrente, tema ou perspectiva), este facto acabará por contribuir, de forma única, para o carácter singular ou mesmo irrepetível de cada experiência lectiva concreta, sendo mais um dos efeitos da estreita ligação entre ensino e investigação que pretendemos transportar também para esta proposta de trabalho.

Em resumo, consideramos que, tornada concretizada a proposta de unidade curricular que vertemos para o presente relatório, terá sido atingido um objectivo muito importante se, no final, tivermos conseguido levar pelo menos uma parte dos estudantes da turma a interiorizar, através desta breve experiência de contacto com a ciência no domínio da reflexão linguística, as atitudes perante o saber científico patentes nas citações de Natalie Angier que incluímos no capítulo 1 do texto. Neste momento, sublinhamos que, como refere a autora citada na introdução ao seu livro, um dos propósitos da ciência – na tripla vertente de investigação, ensino superior e divulgação, em nosso entender – reside precisamente no intuito de “to make the invisible visible, the distant neighborly, the ineffable affable”⁶⁷ que pretendemos desvendar aos estudantes que venham a estar expostos a um projecto como o que aqui se conclui.

⁶⁷ Angier, N. 2008. *The Canon. The Beautiful Basics of Science*. London: Faber and Faber, p. 16.